

XCLUSIVE

# FEED & F20D

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

# 20 anos



## DO DADO À DECISÃO

COMO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ESTÁ ENCURTANDO  
O TEMPO DE RESPOSTA E ELEVANDO O PADRÃO  
DE PRODUÇÃO ANIMAL NO BRASIL

### ESPECIAL

PRIMATO COMEMORA ESTABILIDADE  
E PREVÊ ALCANÇAR R\$ 6 BILHÕES  
EM FATURAMENTO ANUAL ATÉ 2033

### COBERTURA

SBSA COMEMORA 25 ANOS  
E FORTALECE O CARÁTER  
TÉCNICO DO EVENTO

### SUÍNOS

SC APOSTA EM TRIPÉ  
ESTRATÉGICO PARA REDESENHAR  
SEU PAPEL NA SUINOCULTURA

# NUTRINDO HOJE O NOSSO AMANHÃ



Com mais de **120 anos de história**, a **ADM** acredita que pequenos passos podem levar a grandes impactos. Comprometidos com o crescimento sustentável, trabalhamos para enfrentar os principais desafios de nossos clientes: saúde através da nutrição, desempenho e sustentabilidade. Isso nos torna líderes em nutrição animal.

Nossa paixão pela nutrição e inovação nos permite fornecer soluções de ponta em premixes, aditivos e serviços técnicos especializados para aves, suínos, gado de leite e de corte, pet, peixes e camarões. Juntos, elevamos nossos clientes ao mais alto nível de eficiência e qualidade, nutrindo hoje o nosso amanhã.

**ADM Nutrição Animal.**



## FUNDADOR

**Oswaldo Ciasulli**  
osvaldo@dc7comunica.com.br

## CEO

**Diogo Ciasulli**  
diogo@dc7comunica.com.br

## COORDENADORA DE CONTEÚDO

**Camila Santos** (MTb 39.770)  
camila@dc7comunica.com.br

## REPÓRTERES

**Marcelo Macaus**  
**Felipe Machado**

felipe@dc7comunica.com.br  
**Caroline Mendes** (MTb 0058900/SP)  
caroline@dc7comunica.com.br

## EDITOR DE ARTE

**Daniel Guedes** (MTb 33.657)  
daniel@dc7comunica.com.br

## EXECUTIVA DE VENDAS

**Tatiane Amor**  
tatiane@dc7comunica.com.br

## FINANCEIRO

**Jaqueline Ridolfi**  
jaqueline@dc7comunica.com.br

## ADM/TRAFEGO

**Carolina Baggini**  
carolina@dc7comunica.com.br

## COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, Ariosto Mesquita (DRT/MG 3474),  
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,  
Glauca Bezerra (Mtb 80.373),  
José Luiz Tejon, Mauricio Moraes  
e Murilo Piva

## Portal de notícias:

[www.feedfood.com.br](http://www.feedfood.com.br)

## Revista on-line gratuita:

[www.revistafeedfood.com.br](http://www.revistafeedfood.com.br)

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



# TRANSFORMAÇÃO SILENCIOSA

A inteligência artificial deixou de ser promessa e se tornou ferramenta concreta no campo. Nesta edição, convidamos você a refletir sobre o novo papel do técnico e as mudanças que a IA já impõe à cadeia de proteína animal. A reportagem de capa traz vozes do setor que vivem essa transição e mostram que tecnologia, sozinha, não faz nada: é o olhar humano que conecta os dados à tomada de decisão.

No nosso especial sobre cooperativas, abrimos espaço para quem move o agro com estratégia de longo prazo. A Primato, no Paraná, projeta alcançar a marca de R\$ 6 bilhões em faturamento até 2033. É um crescimento com base sólida, que se espalha por educação, tecnologia e transformação local — tema que guiou também a nossa nova série *“Agentes de Transformação”*.

E no universo da bovinocultura de corte, fomos até o Mato Grosso do Sul acompanhar de perto o trabalho da Associação do Novilho Precoce. A entidade reúne pecuaristas que se uniram por qualidade e associativismo — e hoje mostram que é possível produzir com mais eficiência, atender mercados exigentes e manter a rentabilidade da porteira para dentro.

Ao folhear as bancas neste mês de abril, me deparei com publicações de grandes mídias que, aproveitando o Dia dos Povos Indígenas, retrataram o agro brasileiro quase exclusivamente como vilão ambiental. Como leitor e profissional do setor, confesso que isso me inquieta. Porque sei — e nossos leitores também sabem — que o agro é muito mais do que isso. É força econômica, é geração de empregos, é abastecimento de prateleiras e mesas no Brasil e no mundo. E, sobretudo, é também compromisso com práticas mais sustentáveis, tecnologias regenerativas e integração com o meio ambiente.

Aqui, na **Feed&Food**, nosso papel é claro: ampliar o debate com responsabilidade, mostrar a complexidade do setor e dar visibilidade a quem está fazendo a diferença. A cadeia de proteína animal tem exemplos concretos de produtores e empresas que estão conectados com o futuro — e é essa história que queremos contar. O discurso precisa chegar com clareza ao consumidor final. E é por isso que reafirmamos o valor do Troféu Curuca: nosso “Oscar da Sustentabilidade”, que simboliza a verdadeira vocação do agro que alimenta e preserva.

A revista de maio chega cheia de pautas que apontam caminhos. E a gente segue aqui, registrando o movimento de quem faz esse setor evoluir.

Boa leitura e seguimos juntos!

**Diogo Ciasulli**  
CEO da Feed&Food



# SUMÁRIO

# 16

## CAPA

INTELIGÊNCIA  
ARTIFICIAL MUDA  
O PAPEL DO TÉCNICO  
NO CAMPO E REDEFINE  
ESTRATÉGIAS NA  
CADEIA DE PROTEÍNA

## AGRO INOVAÇÃO

**06** Avanços tecnológicos tornam frequentes o uso de taninos na nutrição animal

## SOLUÇÕES PWC

**08** O agro e a sua revolução silenciosa na transformação da produção de alimentos

## QUALIFICANDO

**14** Produção de bezerras deve ser dirigida com foco em uma precocidade e produção padronizada

## ABPA

**23** Abpa e Abiç inauguram escritório na Ásia

## GRÃOS

**30** Soja recorde, milho valorizado e incerteza no clima

## FASTNEWS

**32** Arm Hammer promove caravana para difundir conceito de balanço eletrolítico

## AVES E SUÍNOS

**34** Desafios sanitários e soluções para o controle de salmonella

**38** Feedis conquista espaço com portfólio focado em aditivos funcionais e eubióticos para aves e suínos

## COBERTURA

**40** SBSA comemora 25 anos e fortalece o caráter técnico do evento

**42** Phibro lança Microlife Prime e promove debate técnico na 12ª edição do PMS

## SUSTENTABILIDADE

**46** Metas ambientais e sanitárias na produção de alimentos

# 10

## ENTREVISTA DO MÊS

**JOSÉ EDUARDO SANTOS,** PRESIDENTE DA ASGAV, FALA SOBRE A ESTRATÉGIA PARA IMPULSIONAR A AVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

# 24

## ESPECIAL COOPERATIVAS

PRIMATO PREVÊ ALCANÇAR A MARCA DE R\$ 6 BILHÕES EM FATURAMENTO ANUAL ATÉ 2033

## SUÍNOS

**50** SC aposta em estabilidade produtiva, diversificação e gestão estratégica para redesenhar seu papel na suinocultura

## BOVINOS

**54** Novilhas exigem atenção especial por terem maior risco de distocia e exigências nutricionais diferenciadas

## COBERTURA

**56** Novilho MS comemora associativismo pecuário bem-sucedido no Brasil

## BOVINOS LEITE

**60** Diferença entre leveduras vivas e inativas na alimentação de ruminantes é fundamental

**64** BRS Guatã: alternativa versátil para alimentação animal

## COLUNA FEED

**68** Indústria de alimentação animal estima produzir 94 milhões de toneladas e avançar 3% durante o ano de 2025

## COBERTURA

**70** Scot Consultoria apresenta discussões estratégicas sobre o rumo da pecuária brasileira

## DIA DE CAMPO

**72** CMA destaca inovações e práticas sustentáveis em dia de campo promovido pela Scot Consultoria

## ASBRAM NEWS

**74** Novo ciclo reposiciona a produção com foco em estratégia, eficiência e ciência

## PEIXES

**79** Metodologia automatiza o mapeamento de viveiros escavados no Paraná

## COBERTURA

**82** IFC Amazônia bate recorde de participantes e se destaca pelo conteúdo técnico

## ABCC NEWS

**86** Tecnologias traçam a evolução da carcinicultura ao longo de sua história

## MKT DO AGRO

**90** José Luiz Tejon faz balanço dos eventos do setor de proteína animal



# TANINOS DE SEGUNDA GERAÇÃO

Uso de taninos na nutrição animal tem sido cada vez mais frequente, uma vez que os avanços tecnológicos no desenvolvimento dos produtos têm permitido a obtenção de resultados consistentes tanto em ruminantes como em monogástricos. Extraídos de plantas como o quebracho (*Schinopsis lorentzii*), castanheiro-europeu (*Castanea dentata*), semente de uva e até mesmo algas marinhas, esses extratos naturais são compostos fenólicos com propriedades antimicrobianas, antioxidantes e anti-inflamatórias, o que os torna aliados estratégicos na promoção da saúde intestinal, na modulação da microbiota e no desempenho zootécnico em geral.

Os taninos são classificados principalmente em três grupos: taninos hidrolisáveis, taninos condensados e florotaninos. Os dois primeiros grupos são encontrados em plantas terrestres, enquanto os florotaninos ocorrem apenas em algas marinhas marrons. Diversos fatores, como o perfil molecular, a espécie, a etapa produtiva, bem como a dosagem, interferem diretamente em sua viabilidade.

Tradicionalmente utilizados na nutrição de ruminantes, os taninos atuam modulando a fermentação ruminal, reduzindo a degradação proteica no rúmen e a produção de metano entérico, contribuindo não apenas para uma maior eficiência digestiva, mas também para a sustentabilidade. Sua capacidade de formar complexos com proteínas permite um *bypass* ruminal mais eficiente, favorecendo a digestão no intestino delgado e melhorando a conversão alimentar. Estudos demonstram ganhos na produção de leite e carne, além da redução de distúrbios digestivos, como timpanismo e acidose ruminal subaguda. Em determinadas situações, o uso de taninos pode melhorar a qualidade da carcaça e aumentar o *shelf life* de produtos cárneos, ajudando a preservar a carne contra o crescimento de bactérias.

Em dietas para monogástricos, há uma preferência por produtos da chamada segunda geração tecnológica, que contêm compostos fenólicos específicos e, conseqüentemente, exigem dosagens menores por tonelada de ração tratada. Isso ocorre porque os taninos considerados de primeira geração podem interferir na palata-

bilidade e digestibilidade proteica. Já os taninos de segunda geração passam por processos como hidrólise enzimática, ultrafiltração e microencapsulação, o que permite a obtenção de extratos com menor peso molecular, maior biodisponibilidade e menor dosagem. O processo tecnológico visa ampliar os efeitos positivos no trato gastrointestinal, permitindo uma utilização segura tanto em aves quanto em suínos.

Dentre os benefícios, destaca-se a atuação contra microrganismos patogênicos, inibindo a adesão e proliferação de bactérias como *E. coli*, *Salmonella* e *Clostridium perfringens*, sem causar desequilíbrios na microbiota benéfica. Estudos também indicam a melhoria na integridade da mucosa intestinal, significativa redução de processos inflamatórios e potente propriedade antioxidante. Além disso, novas estratégias vêm sendo exploradas, como a associação de taninos com ácidos orgânicos, óleos essenciais e prebióticos, promovendo uma ação sinérgica e ampliando seu espectro funcional.

Essas inovações têm permitido não apenas ganhos em desempenho zootécnico, mas também a redução da excreção de patógenos nas fezes, contribuindo para a biossegurança nas granjas. Em resumo, a utilização de novas tecnologias no desenvolvimento de produtos à base de taninos representa, portanto, uma oportunidade inovadora na nutrição animal, capaz de alinhar melhor desempenho às exigências de sustentabilidade e segurança alimentar. ■

OS TANINOS ATUAM MODULANDO A FERMENTAÇÃO RUMINAL, **REDUZINDO A DEGRADAÇÃO PROTEICA NO RÚMEN** E A PRODUÇÃO DE METANO ENTÉRICO, CONTRIBUINDO NÃO APENAS PARA UMA MAIOR EFICIÊNCIA DIGESTIVA, MAS TAMBÉM PARA A SUSTENTABILIDADE



**Murilo C. B. Piva**  
é formado em medicina veterinária e relações internacionais. Com MBA em negócios internacionais e especializações em marketing estratégico e agronegócio. Cofundador de startups no agro, consultor de inovação e diretor executivo na Piva International

# O melhor dos dois mundos para uma **genética suína insuperável**



## TN70


- Reconhecida como a **melhor matriz do mundo**
- Alta produtividade
- Baixo custo de produção




## TN DUROC

- A **melhor conversão alimentar** do mercado
- Máxima rentabilidade
- Carne de **qualidade superior**

 [topignorsvinbrasiloficial](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)

 [Topigs Norsvin Brasil](#)



Surpreenda-se com nossos melhoramentos genéticos.



Maurício Moraes e Fábio Pereira

## O AGRONEGÓCIO DE MÃOS DADAS COM O AVANÇO TECNOLÓGICO

Nos últimos anos, o agronegócio tem passado por uma revolução silenciosa, impulsionada por desafios climáticos, mudanças no comportamento dos consumidores, sustentabilidade e transparência e regulação de mercados, transformando profundamente a maneira como os alimentos são produzidos, distribuídos e consumidos. Dentro desse contexto, os avanços tecnológicos se apresentam como grandes aliados do agro brasileiro no enfrentamento dos desafios dessa revolução.

Como exemplo podemos citar a agricultura de precisão. Com a utilização de sensores sofisticados, drones, GPS e outras tecnologias avançadas, os agricultores podem monitorar e gerenciar suas plantações com um nível de detalhe sem antes conhecido. A utilização dessa tecnologia tem permitido a aplicação mais precisa de insumos, como fertilizantes, defensivos agrícolas e água, reduzindo o desperdício e aumentando a eficiência nas operações agrícolas.

Outras tecnologias que estão impactando positivamente o agronegócio são inteligência artificial (IA) e big data. Segundo a última CEO Survey publicada pela PwC, 78% dos CEOs do agro brasileiro planejam investir na integração de IA com plataformas tecnológicas nos próximos 12 meses. A IA pode auxiliar em alguns processos e na análise de grandes volumes de dados, identificando padrões importantes e prevenindo situações antes que ocorram. Esses insights permitem que os agricultores tomem decisões mais antecipadamente e até mesmo mais assertivas, com melhoria na gestão de dados e na produtividade.

A automação e robótica também conquistaram um espaço significativo nos últimos anos, o desenvolvimento de máquinas cada vez mais tecnológicas e automatizadas tem auxiliado na realização de uma variedade de tarefas, desde a plantação, adubação, colheita e até o transporte. Esses avanços não só aumentam a eficiência, mas também reduzem a necessidade de mão de obra intensiva, liberando os trabalhadores para se con-

centrarem em atividades de maior valor agregado.

Além destas, a digitalização também vem transformando a maneira como os agricultores se conectam, compartilham conhecimento e acessam mercados. Essas plataformas facilitam a cooperação e a formação de parcerias estratégicas, criando uma rede maior de trocas de conhecimento e inovação.

Vale destacar que a sustentabilidade também tem sido fundamental no avanço tecnológico, as novas tecnologias estão sendo desenvolvidas com o objetivo de minimizar o impacto ambiental e promover práticas agrícolas responsáveis, promovendo o uso mais eficiente e sustentável dos recursos naturais.

O avanço tecnológico no agronegócio está transformando o setor, trazendo benefícios significativos em termos de eficiência, produtividade e sustentabilidade. Com a contínua evolução dessas tecnologias, o futuro da agricultura promete ser ainda mais promissor. No entanto, os desafios não podem ser ignorados. A adoção de novas tecnologias exige investimentos significativos e é muito importante investir em qualificação de mão de obra que consigam extrair todo o valor que as novas tecnologias podem trazer. Além disso, questões relacionadas à privacidade de dados e à integração tecnológica entre diferentes sistemas precisam ser abordadas para garantir uma transição eficaz e segura. ■

SEGUNDO A ÚLTIMA CEO SURVEY PUBLICADA PELA PwC, **78% DOS CEOS DO AGRO BRASILEIRO PLANEJAM INVESTIR NA INTEGRAÇÃO DE IA COM PLATAFORMAS TECNOLÓGICAS NOS PRÓXIMOS 12 MESES**



**Maurício Moraes**  
Sócio da PwC Brasil e líder de Agribusiness

**Fábio Pereira**  
Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness

# PLASSON, TECNOLOGIA PARA AVIÁRIOS MAIS EFICIENTES.

CONTROLADOR **TRIO 20**

CONECTIVIDADE  
GESTÃO DA GRANJA  
CONTROLE DO AMBIENTE



**Aumente a capacidade de gestão da sua granja!**

**CONTROLADOR TRIO 20.** É um sistema inteligente com tecnologia avançada. Intuitivo, de fácil configuração, facilita a gestão e melhora o desempenho dos aviários.



[www.plasson.com.br](http://www.plasson.com.br)

Presença Global – Atendimento Personalizado.



**PLASSON**<sup>®</sup>  
Livestock

# AVICULTURA GAÚCHA EM MOVIMENTO

**RESILIÊNCIA, ESTRATÉGIA E INOVAÇÃO** IMPULSIONAM O SETOR NO RIO GRANDE DO SUL, QUE SE CONSOLIDA COMO LÍDER NACIONAL NAS EXPORTAÇÕES DE OVOS

**CAMILA SANTOS**  
camila@dc7comunica.com.br

**A** pesar dos desafios climáticos, sanitários e logísticos, a avicultura do Rio Grande do Sul vem demonstrando sua força com números crescentes nas exportações, avanços tecnológicos e adaptação às exigências globais. Para entender melhor esse cenário, conversamos com José Eduardo Santos, presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (ASGAV), que fala sobre a retomada do setor após as enchentes de 2024, os gargalos ainda presentes e as perspectivas para a Conbrasil Ovos 2025.

**Feed&Food - Como está o processo de retomada da avicultura gaúcha após os impactos das enchentes e dos desafios sanitários recentes? José Eduardo San-**

**tos** - Estamos retomando a produção e os mercados, ainda com reflexos das grandes enchentes e de questões sanitárias pontuais, como o episódio isolado de Doença de Newcastle. Mas o setor vem se reorganizando, entregando produtos com qualidade e voltando a ocupar seu espaço no cenário nacional e internacional.



**Mesmo com embargos, o estado registrou alta nas exportações de ovos. A que se deve esse desempenho?** No primeiro trimestre de 2025, as exportações de ovos do Rio Grande do Sul cresceram 13%, o que é bastante significativo. Esse resultado é fruto direto da competência da cadeia produtiva e do empenho dos produtores em manter os padrões de biossegurança e rastreabilidade exigidos pelos merca-





dos mais rigorosos. Mesmo enfrentando adversidades, conseguimos crescer. Isso mostra o quanto o setor está fortalecido e atento às demandas globais.

**Quais são os principais entraves ainda enfrentados pelos produtores?** Os gargalos logísticos e tributários seguem sendo grandes desafios. O custo elevado do milho e da soja, que muitas vezes precisam ser importados de outros estados ou países vizinhos, pressiona as margens. Muitos produtores estão investindo na produção própria de grãos ou atuando em mercados futuros para se proteger da volatilidade. Além disso, há a questão da disparidade tributária entre os estados e a instabilidade climática, que afetam a previsibilidade da produção.

“ O SETOR VEM SE REORGANIZANDO, ENTREGANDO PRODUTOS COM QUALIDADE E VOLTANDO A OCUPAR SEU ESPAÇO NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL ”

**JOSÉ EDUARDO SANTOS,**  
RESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE AVICULTURA (ASGAV)

**Há também uma pressão crescente por exigências sanitárias e ambientais. Como o setor está lidando com isso?** A sanidade e a preservação ambiental são deveres coletivos. Entendemos a importância do regramento, mas ele precisa ser exequível e compatível com a realidade do campo. Exigências que não consideram essa realidade podem inviabilizar a produção. Por isso, defendemos um equilíbrio entre rigor técnico e viabilidade operacional.

**E quanto ao bem-estar animal? Ele está no radar dos produtores?** Sim, é uma pauta crescente. Já existem diretrizes oficiais e ações de conscientização promovidas por ONGs que têm influenciado diretamente as práticas do setor. Estamos ►

AS EXPORTAÇÕES DE OVOS DO RIO GRANDE DO SUL **CRESCERAM 13%**, MESMO SOB O IMPACTO DE EMBARGOS SANITÁRIOS QUE AFETARAM PARTE DOS EMBARQUES

atentos e em constante evolução para atender essas novas expectativas dos consumidores e da indústria.

**A tecnologia tem sido um diferencial no setor?** Sem dúvida. Hoje, automação, sensores, climatização e controle remoto já são realidade em muitas granjas. Isso aumenta a eficiência, reduz custos e melhora a sustentabilidade ambiental. Além disso, a tecnologia também tem impulsionado a diversificação dos produtos — como os ovos funcionais — enriquecidos com ômega 3 ou certificados em bem-estar animal, que já representam uma fatia importante do mercado. A sociedade dita novas demandas, e a pesquisa e o setor produtivo respondem com agilidade.

**Qual é o potencial de crescimento da avicultura de postura no estado?** Vejo um grande potencial, especialmente com o aumento da demanda por ovos, tanto no consumo direto quanto pela indústria. O ovo é base da alimentação e da nutrição. Sempre haverá espaço, mas é preciso visão empreendedora, profissionalismo e criatividade para transformar oportunidade em negócio.

**A Conbrasul Ovos 2025 está chegando. Qual a importância do evento para o setor?** A 5ª edição da Conbrasul, que



acontece em junho, em Gramado (RS), será uma grande oportunidade de atualização sobre os rumos da cadeia produtiva e sobre as tendências globais de consumo e produção. Reuniremos lideranças, produtores, técnicos e especialistas do Brasil e do exterior. A conferência fortalece a imagem do Brasil no cenário internacional, especialmente por seguir as diretrizes da International Egg Commission (IEC) e do World Egg Organisation (WEO).

**Qual é a sua mensagem final aos profissionais da cadeia da avicultura?** O sucesso da avicultura gaúcha é reflexo do

comprometimento diário dos produtores e das empresas com qualidade, inovação e sustentabilidade. A estrutura sólida da nossa cadeia e a resiliência frente às adversidades nos projetam como protagonistas. A Conbrasul é uma síntese do que somos: um setor que valoriza a informação, o conhecimento e a união. Cada participante representa uma força vital dessa cadeia. Vamos crescer juntos, fortalecer os negócios e fazer a diferença. ■

**RIO GRANDE DO SUL** SEGUE LIDERANDO AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE OVOS E RECUPERANDO MERCADOS MESMO DIANTE DE EMBARGOS INTERNACIONAIS



Linha de óleos essenciais

**PRECISÃO NA TECNOLOGIA,  
EFICIÊNCIA NO RESULTADO.**

- 🎯 Produto microencapsulado, termicamente estável e de liberação controlada;
- 🎯 Para todas as espécies animais;
- 🎯 Presente em mais de 70 países.



INOVAÇÕES EM EFICIÊNCIA ALIMENTAR



Empresa certificada  
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

[www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br) |     /grasp.ltda





## SELEÇÃO GENÉTICA MOLDA TODOS OS ASPECTOS DO CICLO DE VIDA DO GADO DE CORTE

O cenário mundial passa por um momento de novas perspectivas onde o potencial do Brasil no agronegócio tende a se destacar mais uma vez. O potencial de aumento do volume de exportações tende a crescer e, no tocante a proteína animal, é necessário se antever ao aspecto tempo – O Beef on Dairy é uma grande alternativa para uma produção de bezerras de forma orientada e dirigida com foco em uma precocidade ainda maior e com foco em uma produção padronizada e com mercado definido.

Com o setor de bovinos de corte e leite ganhando ainda mais impulso, os produtores estão explorando ainda mais o uso da genética bovina em seus programas de reprodução. A seleção genética molda todos os aspectos do ciclo de vida de um animal de corte. Do nascimento ao mercado, a genética forma a base do sucesso ou dos desafios potenciais do animal. Optar por uma genética superior pode gerar animais com melhor desempenho, enquanto escolhas genéticas ruins podem resultar em deficiências de desempenho. Antes que esses bezerras cheguem ao solo, a seleção de sêmen é o primeiro passo fundamental para a criação de um programa bem-sucedido. Assim sendo é imprescindível considerar **1) a Dinâmica do setor** - No passado, havia um conhecimento limitado dos critérios de acasalamento de bovinos de corte. As empresas de genética perceberam a necessidade de um índice de seleção melhor para acomodar esse modelo de produção e pesquisas foram conduzidas para refinar os critérios de características de touros de corte, especialmente para vacas leiteiras, e criar um diretório de touros de corte em vacas leiteiras e um índice de seleção personalizado; **2) a escolha correta do sêmen a ser utilizado**, com foco em aumentar as taxas de crescimento, a eficiência alimentar, melhorar a qualidade da carcaça e alinhar-se com as demandas do mercado que fa-

vorem as características de carne bovina, que levam ao item **3), Avaliar as características dos reprodutores e reprodutoras** pois embora a genética do reprodutor geralmente seja o centro das atenções, é imperativo não ignorar as valiosas contribuições da mãe. A criação eficaz requer o entendimento dos pontos fortes relativos da raça e a necessidade de alavancar a complementaridade da raça para combinar de forma ideal a genética que maximiza o valor do bezerro.

Os avanços nas práticas de reprodução desmistificaram a ideia errônea de que o uso de sêmen bovino afeta negativamente a produção de leite. Portanto, os produtores não precisam mais seguir a antiga regra de usar o sêmen de corte apenas nas vacas de menor desempenho leiteiro. Em vez disso, eles podem personalizar seus planos de reprodução e escolher características de touros/raças que se destacam nas áreas que complementam o potencial genético para marmoreio e consistência. As características de alta prioridade em touros de corte incluem maior desempenho de crescimento, eficiência alimentar, área e formato da costela e rendimento de carne vermelha.

O conceito Beef on Dairy corrobora em muito com a alta produtividade de gado de corte integrado ao segmento leiteiro e dessa forma, ambas as áreas são beneficiadas – Preenche-se uma lacuna na produção de bezerras de qualidade e promove uma considerável melhoria nos aspectos da produção leiteira. Um detalhe interessante é que nos Estados Unidos que é um berço de desenvolvimento desta técnica, 67% do sêmen utilizado no Beef on Dairy é Angus, o que o torna de longe o sêmen bovino mais indicado para este processo.

Na próxima edição, avançaremos ainda mais quanto a recomendações de manejo para o desenvolvimento do projeto. ■



### Reginaldo Ferreira Rocha

é consultor empresarial,  
palestrante, especialista  
em Beef on Dairy,  
Regularização e Gestão  
Fundária pela Ecco2  
Gestão de Negócios

Suporte em todas as etapas da cadeia de valor



 nutron®

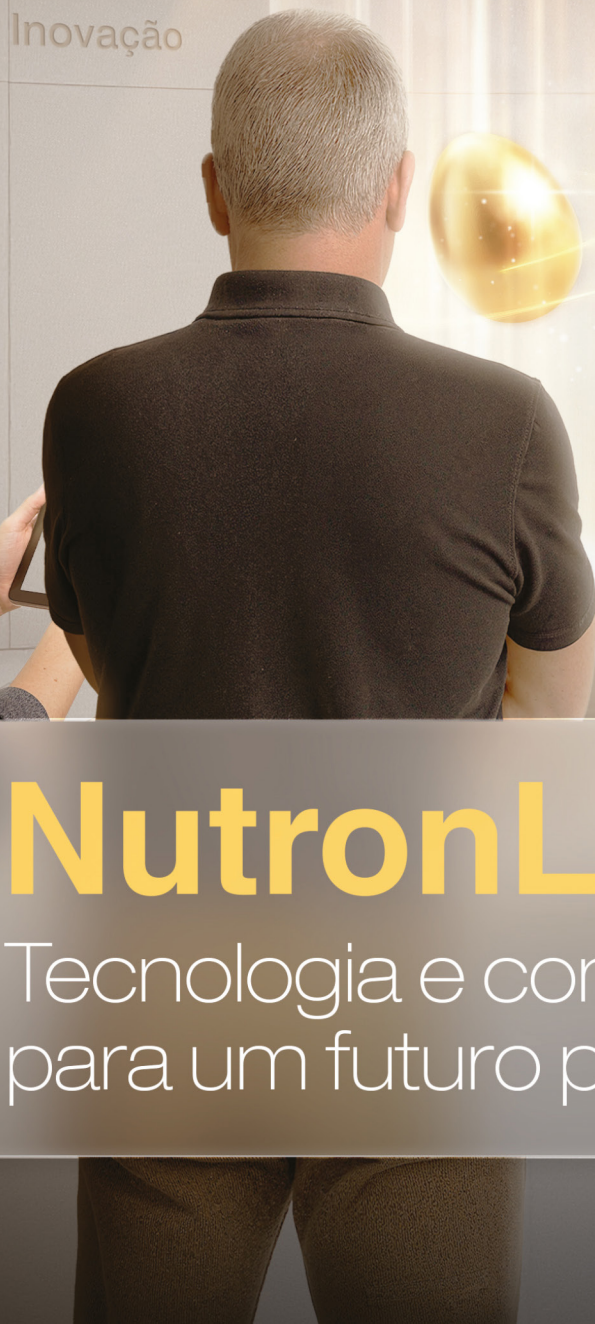


Máxima qualidade dos ovos

Consultoria especializada



Centro de Inovação



# NutronLayers

Tecnologia e conhecimento para um futuro produtivo



# CÉREBRO ELETRÔNICO DA PRODUÇÃO ANIMAL

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL REVOLUCIONA DECISÕES, BEM-ESTAR E NUTRIÇÃO NO SETOR DE PROTEÍNA ANIMAL, ENQUANTO ESPECIALISTAS APONTAM OS CAMINHOS PARA SUPERAR RESISTÊNCIAS E AMPLIAR A EFICIÊNCIA

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

**D**e mal falada e temida, para guia e bola da vez na rotina de profissionais que atuam nos mais variados campos de atuação, a Inteligência Artificial tem trazido soluções dinâmicas para o dia a dia de empresas e profissionais. No campo não poderia ser diferente. Passado o alarde inicial sobre a fragilidade do sigilo de informações, a produção animal ingressa em um novo ciclo de transformação guiado por dados, algoritmos e sistemas inteligentes. Com o avanço da Inteligência Artificial (IA), tecnologias como sensores, big data e recomendações automatizadas modificam a forma como o profissional do campo atua, integrando eficiência produtiva, bem-estar animal e tomada de decisões mais assertivas.

O professor Adriano Rogério Bruno Tech, da Universidade de São Paulo (USP), campus Pirassununga (SP), amplia o escopo das aplicações da IA na cadeia de proteína animal. Com experiência em ciência da computação e sistemas inteligentes, ele destaca o avanço de soluções como visão computacional, sensores e análise preditiva. “A IA já está consolidada em di-

ferentes etapas, desde o monitoramento ambiental até a inspeção automatizada em frigoríficos”, afirma.

Entre as tecnologias mais maduras, Adriano cita as câmeras inteligentes, capazes de inspecionar carcaças, detectar contaminações e avaliar o comportamento dos animais em granjas e confinamentos. Em paralelo, sensores acoplados a coleiras, balanças automáticas ou bebedouros alimentam algoritmos de aprendizado de máquina que identificam, precocemente, alterações fisiológicas ou comportamentais nos animais. “Esses sistemas geram alertas automáticos, permitindo ações rápidas no manejo e na sanidade”, explica.

A IA também revoluciona a nutrição de precisão ao processar grandes volumes de dados sobre desempenho animal, ingredientes e exigências nutricionais. “Com isso, conseguimos formular rações mais eficientes e sustentáveis, reduzindo desperdício, custos e impactos ambientais”, diz Adriano. Além disso, sistemas de alimentação inteligente ajustam a oferta de ração de acordo com a saciedade e crescimento esperado, elevando a eficiência zootécnica.

No entanto, o professor destaca que a adoção plena da IA depende de infraestrutura digital robusta. “É essencial ter conectividade es- ▶



tável no campo, sensores adequados, sistemas de armazenamento e softwares integrados. Sem isso, a implementação se torna limitada”, alerta. Outro ponto crítico é a interoperabilidade entre diferentes plataformas e a capacitação das equipes para operar e interpretar os dados.

Os desafios técnicos ainda incluem o alto custo dos dispositivos e a necessidade de dados bem estruturados para treinar algoritmos com eficácia. Mesmo assim, Adriano é otimista: “Nos próximos cinco anos, a inteligência artificial deve se tornar ainda mais integrada à cadeia de proteína animal, com uso ampliado no monitoramento em tempo real, previsões sanitárias e automação de processos. A IA vai apoiar decisões cada vez mais precisas sobre nutrição, bem-estar, reprodução e manejo, reduzindo perdas e aumentando a sustentabilidade. Tendências como a criação de “fazendas inteligentes”, o uso de sensores conectados (IoT), algoritmos preditivos e sistemas autônomos devem se consolidar, beneficiando desde grandes produtores até pequenos criadores com soluções mais acessíveis e eficientes”, prevê o professor.

**PARA QUEM PÕE A MÃO NA MASSA.** Zootecnistas, veterinários e acadêmicos que atuam no sistema corporativo, no campo ou nas universidades também têm defendido a IA como uma das formas mais assertivas para alcançar os

**ADRIANO ROGÉRIO BRUNO TECH**, DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), CAMPUS PIRASSUNUNGA (SP)



**VANESSA AMORIM** É MÉDICA-VETERINÁRIA E ANALISTA DE MERCADO AGRO

resultados da cadeia de produção das proteínas de origem animal. O professor professor Lúcio Francellino – Professor Titular do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (USP), Pirassununga (SP), afirma que o setor de produção animal tem a oportunidade histórica de transformar tecnologia em eficiência produtiva, assumindo um papel fundamental no desenvolvimento da produção de alta qualidade.

Para ele, a transformação da rotina dos profissionais da produção animal no campo, impulsionada pela tecnologia e pela IA, traz diversos benefícios permitindo um monitoramento mais preciso e constante dos animais, identificando problemas de saúde e bem-estar de forma mais rápida e eficiente. “Com o uso de sensores e dados em tempo real, os profissionais podem tomar decisões mais precisas, melhorando a produtividade e a eficiência dos animais. Desta forma, estes profissionais atuam como ponte entre a tecnologia e o campo, facilitando a adoção das inovações e orientando os produtores sobre os benefícios dessas tecnologias”, explica Lúcio.

Apoiado em sua experiência, o professor considera que a computação em nuvem e a tecnologia de Big Data são ferramentas essenciais para a análise inteligente de informações de produtividade e de bem-estar, já que a tecnologia em questão monito-



“TODA MUDANÇA GERA RESISTÊNCIA E ESTA RESISTÊNCIA PODE SER FRUTO DA FALTA DE CONHECIMENTO, DO MEDO DO DESCONHECIDO, DO RECEIO DA MUDANÇA OU ATÉ MESMO PELA NECESSIDADE DE INVESTIMENTO EM TECNOLOGIAS AS QUAIS NÃO SE TEM CERTEZA DE SUA EFETIVIDADE”

**LÚCIO FRANCELLINO**

ra o comportamento e os sinais vitais dos animais, permitindo a detecção e a prevenção de doenças, permitindo uma intervenção imediata do profissional de campo. “Trabalhamos com o setor avícola, cujo desenvolvimento é avaliado diariamente como a taxa de crescimento, ganho de peso diário e a produção de ovos. Além disso, na maioria das vezes, não lidamos especificamente com o indivíduo e sim com o rebanho. Desta forma, quando ocorre perda de produtividade, seja através de uma falha no manejo, alguma deficiência nutricional ou até mesmo da manifestação de sintomatologia clínica resultante da ação de algum agente etiológico, a colheita de dados que geram informações de desenvolvimento dos lotes auxiliam na redução de perdas zootécnicas e econômicas”, afirma.

Na nutrição de monogástricos a IA também tem ganhado força com sistemas de recomendação intelligen-

# IA AMPLIA EFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO AVÍCOLA DA TYSON FOODS

**NOS** Estados Unidos, a Tyson Foods incorporou inteligência artificial (IA) em diversos pontos da cadeia produtiva de frangos de corte. O objetivo era claro: elevar os padrões de segurança alimentar, reduzir desperdícios e aumentar a previsibilidade operacional — do campo ao processamento.

Um dos principais avanços foi a aplicação de sistemas de visão computacional com IA

nas linhas de abate. As câmeras passaram a inspecionar carcaças em tempo real, substituindo a avaliação manual. A tecnologia identifica defeitos, anomalias e possíveis contaminações, garantindo mais precisão e padronização. Em paralelo, algoritmos de aprendizado de máquina passa-



ram a analisar dados zootécnicos e ambientais para ajustar a logística e prever gargalos no abate.

Outra frente de inovação envolveu a automação do corte das aves. Softwares com IA passaram a sugerir, com base no perfil individual de cada frango, os cortes mais eficientes, além de ajustar automaticamente os equipamentos — resultando em maior aproveitamento das carcaças.

Os ganhos foram significativos: redução de até 20% nas perdas, aumento de 15% na produtividade das linhas de inspeção e melhora de 30% na previsibilidade da cadeia de suprimentos. Com menos paradas e menor consumo de recursos, a empresa também avançou em metas de sustentabilidade.

## CRIADO POR IA

Indicador	Resultado (%)
Redução de perdas por erro de corte	20
Aumento da produtividade da linha de inspeção	15
Melhora na previsibilidade da cadeia	30
Redução do tempo de parada	20
Redução de uso de água e energia	15

tes. “Estas ferramentas ajudam na formulação e no manejo alimentar, garantindo uma dieta mais adequada e balanceada para os animais, viabilizando ainda mais o conceito de nutrição de precisão, onde podemos alimentar os animais de uma forma individual, ou em grupo, por meio de sistemas que entregam uma dieta em função do peso do animal ou do seu estágio de desenvolvimento”,

Sobre os desafios, Lucio sublinha que: “toda mudança gera resistência e esta resistência pode ser fruto da falta de conhecimento, do medo do desconhecido, do receio da mudança ou

até mesmo pela necessidade de investimento em tecnologias as quais não se tem certeza de sua efetividade. Assim sendo, antes que o profissional da produção possa atuar como ponte entre a tecnologia e o campo, ele precisa ser capacitado no conhecimento o qual irá transmitir. Nunca seremos efetivos em transmitir um conhecimento o qual não conhecemos ou não acreditamos”, alerta.

Complementando essa visão, a médica-veterinária e analista de Mercado Agro, Vanessa Amorim Teixeira, observa que a IA já transforma profundamente a rotina dos profissionais ▶

**FERNANDO RODRIGUES,**  
SÓCIO  
FUNDADOR  
DA RURAL  
VENTURES



no campo, ao permitir uma gestão em tempo real da propriedade com base em dados contínuos sobre comportamento, temperatura e deslocamento dos animais. “O papel do profissional passa da observação à interpretação de dados, com decisões estratégicas que aumentam a eficiência, o bem-estar e otimizam o tempo”, aponta. Tecnologias como coleiras com pedômetros e sensores ruminais, além do reconhecimento facial de bovinos, permitem identificar precocemente alterações fisiológicas, promovendo produtividade com redução de estresse.

Segundo Vanessa, o uso de sensores integrados às instalações e aos animais oferece uma leitura precisa do ambiente e do estado do rebanho, permitindo ajustes rápidos em dieta, ambiência e sanidade. “Podemos atuar preventivamente, inclusive individualizando o manejo conforme a necessidade de cada animal”, destaca. Na nutrição, sistemas inteligentes tornam a formulação alimentar dinâmica e personalizada, elevando a conversão e reduzindo custos. “Cada vez mais a nutrição animal se aproxima da humana: personalizada, faseada e eficiente”, resume.

Sobre a resistência à adoção de tecnologia, Vanessa reconhece barreiras culturais e estruturais, mas reforça o papel do profissional como elo fundamental entre inovação e campo. “É preciso traduzir os dados em ações simples e acompanhar o produtor na curva de aprendizado. A assistência técnica é essencial nesse processo”, afirma. Para o futuro, ela acredita que a IA não substitui o olhar técnico, mas o potencializa. “O veterinário será um gestor de dados e curador da informação. A sensibilidade e o conhecimento de campo seguem insubstituíveis, agora somados ao poder da análise preditiva.”

**PAPEL ESTRATÉGICO NA BOVINOCULTURA.** Fernando Moraes, diretor-executivo da Instabov, afirma que as tecnologias mais maduras de inteligência artificial (IA) aplicadas à produção de proteína animal envolvem áreas como comportamento, saúde, nutrição e reprodução. “Coleiras, sensores, brincos e câmeras têm se consolidado como ferramentas essenciais para identificar doenças, detectar cio, prever partos e avaliar bem-estar

## GESTÃO DE RAÇÃO NAS GRANJAS

**AUTOMATIZAR** a gestão de ração em granjas de suínos e aves já é uma realidade. Isso graças a solução que chegou ao Brasil pelas mãos da Cargill Nutrição Animal em parceria com a BinSentry, plataforma já consolidada nos EUA com mais de 40 mil silos instalados que oferecem controle total desde a saída da ração da fábrica até a renovação automatizada dos pedidos, eliminando a necessidade de intervenção humana.

João Fausto, diretor de negócios para suinocultura no Brasil, Paraguai e Argentina, destaca que, “mais do que um simples sensor, a ProSense Feed atua como um sistema de gestão integrado. Ao atingir níveis pré-estabelecidos, o sistema emite alertas, aciona a equipe de reposição e comunica o PCP do cliente,



te, garantindo assertividade superior a 98% na leitura dos níveis de ração nos silos”, afirma e ressalta que os projetos pilotos no Brasil já estão em operação, com implantação estratégica e gradual para assegurar suporte técnico adequado.”

Ele conta que a tecnologia também identifica falhas operacionais, como silos sem consumo por mais de duas horas, evitando interrupções na alimentação dos animais e contribuindo para o uso racional da ração. “O custo é diluído pelo volume movimentado, tornando o impacto mínimo frente aos benefícios em precisão e economia. Até dezembro, todos os silos operacionais estarão conectados por Wi-Fi, adaptados às particularidades do mercado brasileiro”, informa o diretor.

## RESULTADOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA PLATAFORMA BINSENTRY - CRIADO POR IA

Indicador	Resultado	Fonte
Redução de falhas por manejo de comportas	80%	BinSentry Case Study (2024)
Precisão no monitoramento de ração	99%	BinSentry & Cargill Release (2024)
Melhoria na conversão alimentar (FCR)	+7 pontos base (ganho médio de US\$ 3,15 por suíno)	BinSentry Case Study (2024)
Economia anual por granja	US\$ 4.441,50	BinSentry Case Study (2024)
Redução de custos operacionais (verificação manual)	Significativa (eliminação de inspeções manuais e riscos em altura)	Cargill.com (2020)

animal”, afirma. Além disso, algoritmos de IA têm apoiado decisões estratégicas em tempo real e otimizado o manejo nutricional dos rebanhos.

Segundo ele, os algoritmos de aprendizado de máquina são capazes de antecipar problemas sanitários

com base em padrões de comportamento e fisiologia. “Dados de sensores de ruminação e ingestão alimentar permitem prever doenças metabólicas e infecções, possibilitando intervenções precoces”, explica. A nutrição de precisão, por sua vez, se be-

# IA PARA EVITAR PERDAS IMEDIATAS NA SUINOCULTURA

A **AGRINESS** implementou com sucesso um sistema baseado em inteligência artificial que antecipa falhas nas granjas, evitando prejuízos com vazamentos, alimentação inadequada e dados inconsistentes. A solução monitora sensores instalados nas estruturas produtivas e emite alertas automáticos

sempre que identifica desvios nos padrões de consumo de água ou temperatura, por exemplo.

“A IA aprende o comportamento da granja e avisa imediatamente quando algo sai do esperado”, explica Cristina Bittencourt,

## AGR/NESS

sócia-fundadora e CTO da empresa. O impacto é direto: um vazamento que antes só era notado ao chegar a conta de água agora pode ser corrigido em tempo real. Além disso, o sistema detecta falhas de lançamento ou dados atípicos, permitindo ações imediatas.

De acordo com ela, internamente, a adoção da IA também acelerou processos da empresa: tarefas que levavam quatro dias hoje são resolvidas em menos de uma hora. “A gente deixa de perceber as perdas só no fim da cadeia. Agora, atua na hora certa”, conclui Cristina.

ESTIMATIVA DE PERDA MÉDIA (VAZAMENTO LEVE = 25% DO CONSUMO POR MATRIZ) - CRIADO POR IA

Tipo de granja	Nº de matrizes	Consumo total diário (litros)	Perda diária estimada (25%)	Perda em 20 dias (litros)
Pequena (ex: 150 matrizes)	150	4.500 L (150 x 30 L)	1.125 L	22.500 L
Grande (ex: 1.200 matrizes)	1.200	36.000 L (1.200 x 30 L)	9.000 L	180.000 L

\*Referência técnica: Segundo a Embrapa e manuais de suinocultura, uma matriz consome entre 20 a 40 litros de água por dia, dependendo da fase produtiva e da temperatura ambiente. Vazamentos não perceptíveis podem representar perdas de 10 a 30% do consumo total diário.

neficia da IA por meio de sistemas inteligentes que formulam dietas ajustadas às necessidades individuais ou por grupo, reduzindo desperdícios e maximizando a conversão alimentar.

Para que a IA seja adotada com eficiência, Fernando aponta a necessidade de infraestrutura digital robusta, que inclui sensores, conectividade, plataformas de análise de dados e softwares de gestão. “É fundamental também capacitar a mão de obra para interpretar e aplicar es-

sas informações no manejo diário”, pontua. Entre os desafios, estão a conectividade limitada em áreas rurais, custos iniciais, integração de plataformas e segurança dos dados.

“Nos próximos cinco anos, a expectativa é de uma maior popularização das tecnologias de IA na cadeia de proteína animal, que será parte estratégica do modelo produtivo, com dados integrados, automação de decisões e novos modelos de negócios baseados em desempenho zootécnico. ▶



**ANDRÉ LUIZ PERRONE DOS REIS** É CEO DA CONFINAMENTO MONTE ALEGRE (CMA)

Ela vem para complementar o conhecimento técnico e promover uma pecuária mais inteligente, sustentável e produtiva”, diz.

Para André Luiz Perrone dos Reis, CEO da Confinamento Monte Alegre (CMA), a inteligência artificial está remodelando a atuação dos profissionais da produção animal ao oferecer suporte para decisões mais rápidas e assertivas. “A IA atua principalmente nas áreas estratégicas e de gestão. Mas seu uso só é eficaz quando o profissional tem conhecimento sólido da cadeia produtiva. Caso contrário, ele se torna apenas um agente passivo diante da tecnologia”, alerta o médico-veterinário, que também tem especialização pela Texas A&M University.

André observa que o uso de sensores e dados em tempo real tem sido decisivo para o ganho de precisão nas operações de campo. “Tags, imagens para estimativa de peso e sensores que indicam a movimentação dos animais no cocho ajudam a mitigar erros humanos e maximizam o tempo de execução. Isso gera relatórios mais acurados e melhora o redirecionamento estratégico da produção”, explica. A tecnologia também tem permitido, segundo ele, uma avaliação mais criteriosa da equipe operacional.

Ao projetar o futuro da profissão com o avanço da inteligência artificial, ele reforça que o olhar técnico do zootecnista será cada vez mais valorizado. “A IA complementa a atuação do profissional. Quem estiver preparado e atualizado com as inovações terá mais embasamento para estratégias de produção eficazes. A tecnologia é uma



**“ NOS FRIGORÍFICOS, VISÃO COMPUTACIONAL E ALGORITMOS DE CLASSIFICAÇÃO SÃO USADOS PARA INSPECIONAR CARCAÇAS E VALIDAR CONFORMIDADES, COMO O SELO HALAL. TAMBÉM HÁ AVANÇOS NA REDUÇÃO DE EMISSÃO DE METANO ”**

**FERNANDO RODRIGUES**

aliada, não uma substituta”, afirma.

Ele conclui destacando que a adoção de tecnologias como a IA deve caminhar junto à excelência operacional. “A inovação já é uma realidade e precisa ser aproveitada por quem busca uma produção mais eficiente e sustentável. Mas, ao mesmo tempo, fazer o básico com excelência ainda é essencial para dar passos maiores com segurança e consistência.”

**IA SERÁ O “CÉREBRO OPERACIONAL” DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL.** Para Fernando Rodrigues, fundador da Rural Ventures e conselheiro de empresas agtech, a inteligência artificial já possui aplicações consolidadas na produção de proteína animal, especialmente em rastreabilidade, controle sanitário e nutrição. “Nos frigoríficos, visão computacional e algoritmos de classificação são usa-

dos para inspecionar carcaças e validar conformidades, como o selo halal. Também há avanços no controle alimentar e na redução de emissão de metano”, explica o especialista.

Segundo Rodrigues, o cruzamento de dados entre a produção nas granjas e o abate tem permitido o uso de IA para prever problemas sanitários e de manejo. “É possível correlacionar lesões ou doenças com falhas operacionais e práticas específicas, melhorando a qualidade dos processos e a segurança dos alimentos”, afirma. A coleta e análise desses dados, segundo ele, ajudam a identificar padrões, antecipar desvios e atribuir responsabilidades de forma mais precisa.

Entre os principais desafios para escalar o uso da IA no setor, ele destaca a falta de conectividade adequada, o uso de edge computing e a desorganização das bases de dados. “Sem infraestrutura digital, sensores e câmeras não funcionam em tempo real. E, mesmo quando há dados, eles muitas vezes estão em sistemas que não se comunicam, o que limita o poder da IA de gerar decisões assertivas”, ressalta.

O futuro, na visão do executivo, é de maior automação e integração. “A IA será o cérebro operacional da cadeia, com papel preditivo nas granjas e confinamentos, rastreabilidade digital automatizada e certificações mais rápidas. Isso trará ganhos de produtividade, bem-estar animal e diferenciação para o mercado internacional”, projeta Rodrigues. ■

# ABPA E ABIEC REFORÇAM PRESENÇA NA ÁSIA COM NOVO ESCRITÓRIO

NOVA ESTRUTURA INSTITUCIONAL **SERÁ BASE AVANÇADA DAS PROTEÍNAS ANIMAIS DO BRASIL** NO PRINCIPAL DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DO SETOR

Focadas na ampliação das relações com o principal destino internacional da proteína animal do Brasil, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) inauguram, na quarta-feira, dia 14, um escritório conjunto dos setores produtivos em Pequim (China), instalado com o apoio da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil).

A nova estrutura também apoiará ações institucionais promovidas pelos projetos setoriais Brazilian Beef, Brazilian Chicken, Brazilian Pork e Brazilian Egg, Brazilian Breeders, Brazilian Duck, mantidos pelas entidades em parceria com a ApexBrasil.

Localizado no coração diplomático e comercial da capital chinesa, o novo escritório será um hub institucional e operacional para as associações na Ásia, oferecendo suporte direto às empresas associadas, promovendo o relacionamento com autoridades locais e apoiando ações comerciais e promocionais em toda a região.

Na avaliação do presidente da ABIEC, Roberto Perosa, a instalação do escritório representa um avanço importante na estrutura de apoio às exportações brasileiras de proteínas animais, especialmente em um cenário de intensificação das relações comerciais e sanitárias com os mercados asiáticos.

“Estabelecer uma estrutura fixa na capital chinesa é uma iniciativa fundamental para garantir mais previsibilidade e agilidade na interlocução com o governo local, especial-

mente em temas sanitários, regulatórios e comerciais. A presença institucional da ABIEC no país também reforça o suporte às empresas associadas e contribui para uma atuação mais coordenada, próxima e eficaz em toda a região”, afirma Roberto Perosa, presidente da ABIEC.

De acordo com o presidente da ABPA, Ricardo Santin, a iniciativa representa um marco estratégico para o setor de proteínas animais do Brasil, consolidando uma base institucional no maior mercado de destino das exportações brasileiras do setor.

“A presença física em Pequim reforça o compromisso do Brasil com seus parceiros asiáticos e amplia nossa capacidade de atuação institucional. Estar presente onde as decisões são tomadas é essencial para fortalecer relações, entender e atender demandas locais e promover as credenciais sanitárias e sustentáveis das nossas proteínas. Este é um movimento estratégico para ampliar o protagonismo do Brasil como parceiro confiável da segurança alimentar mundial. A base em Pequim funcionará como uma ponte entre os setores produtivos brasileiros e os mercados asiáticos, favorecendo a construção de parcerias de longo prazo e a resposta a demandas comerciais e sanitárias com mais agilidade e proximidade”, destaca o

presidente da ABPA, Ricardo Santin.

Principal destino das exportações de carne de frango, a China importou 140,4 mil toneladas apenas no primeiro trimestre de 2025. De carne suína, foram 53,4 mil toneladas no mesmo período.

No caso da carne bovina, as exportações brasileiras para a China totalizaram 284,6 mil toneladas nos três primeiros meses do ano (42,1% do total exportado). Somados, os três setores geraram uma receita de aproximadamente US\$ 1,81 bilhão no período.

O escritório funcionará no Prosper Center, na sala 509 do 5º andar, localizado na Guanghai Road, número 5, em Chaoyang, região central de Pequim. A estrutura foi escolhida para facilitar a atuação conjunta das associações e o atendimento às empresas associadas que operam na Ásia. ■

“A PRESENÇA FÍSICA EM PEQUIM REFORÇA O COMPROMISSO DO BRASIL COM SEUS PARCEIROS ASIÁTICOS E AMPLIA NOSSA CAPACIDADE DE ATUAÇÃO INSTITUCIONAL. ESTAR PRESENTE ONDE AS DECISÕES SÃO TOMADAS É ESSENCIAL PARA FORTALECER RELAÇÕES” - RICARDO SANTIN



# TAKE 2: CRESCIMENTO COM RAÍZES FORTES

COM BASE NO COOPERADO, **PRIMATO** AVANÇA EM INOVAÇÃO, DIVERSIFICAÇÃO E GERAÇÃO DE VALOR

**CAMILA SANTOS, DE TOLEDO (PR)**  
camila@dc7comunica.com.br

**D**ando continuidade ao nosso especial que tem como objetivo trazer o impacto sócio-econômico das cooperativas brasileiras em seu entorno, trazemos para nossas páginas a saga de sucesso da Cooperativa Primato, que visitamos in loco. Fundada em Toledo (PR), em 1997, a Primato é considerada jovem, mas já atua com intensidade em mais de 320 municípios, abrangendo o oeste e sudoeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e parte do Ma-

to Grosso do Sul. Ao longo dos anos, vem consolidando sua presença com um modelo de desenvolvimento que prioriza o crescimento sustentável a partir das demandas dos cooperados. “A Primato trabalha como o rabinho do porco: sempre no entorno, buscando crescer com firmeza. Isso nos trouxe até aqui, com 11 mil cooperados e 1.300 funcionários”, explica o presidente Anderson Sabadin.

A diversidade de áreas é uma das bases da estratégia da cooperativa. A

Primato atua horizontalmente com as principais atividades do campo: piscicultura, bovinocultura de corte e leite, suinocultura e avicultura. Além disso, mantém forte integração com a indústria de transformação, especialmente com fábricas de ração, biofertilizantes, biogás e biometano. “O grande ativo da Primato não são os negócios em si. O nosso maior valor é o cooperado. É a partir das necessidades dele que estruturamos nossas soluções”, reforça o presidente.

A performance da cooperativa se destaca também pelos números: em 2024, a expectativa é alcançar R\$ 2,2 bilhões em faturamento, com cerca de R\$ 35 milhões em sobras. A rentabilidade média anual aos cooperados gira em torno de 20%. “Temos o cooperativismo como filosofia e a gestão empresarial como prática. O produtor precisa estar satisfeito com o retorno financeiro. Trabalhamos com dois indicadores principais: a satisfação do cooperado, medida mensalmente, e o resultado econômico de cada atividade”, detalha o Sabadin, ao comentar o modelo de gestão adotado.

Com foco em agregar valor à produção, a Primato também integra a cadeia por meio de parcerias e intercooperação. É uma das cooperadas da Frimesa, respondendo por cerca de 45% do leite industrializado da central e entre 18% da suinocultura. A cooperativa também atua em abates de tilápias, aves e bovinos com marca própria. Para sustentar toda essa estrutura, aposta em projetos de verticalização e industrialização. “A gente multiplica o valor do grão ao transformá-lo em proteína animal. Nosso compromisso é com o cooperado e sua família, mas também com a geração de riqueza para o mercado, o governo e a sociedade como um todo”, completa.

Além da produção e industrialização, a Primato vem investindo fortemente em infraestrutura para recebimento e processamento de grãos, com foco em autossuficiência e valorização da matéria-prima local. A cooperativa já conta com quatro fábricas de ração e avança na oferta de suplementos minerais e proteicos, fortalecendo a cadeia de nutrição animal. “Esses investimentos nos permitem gerar valor no campo e dentro da cooperativa, criando um ciclo sustentável de produção que beneficia todos os elos, do cooperado ao consumidor final”, afirma Sabadin.

**UM OLHAR ADIANTE.** Desde 2021, a cooperativa trabalha aprovou um novo plano estratégico de longo prazo, aprovado em assembleia com a participação ativa dos cooperados. O documento, que projeta diretrizes e metas até 2033, orienta a tomada de decisões em áreas como agroenergia, industrialização e eficiência operacio-



“A PRIMATO TRABALHA COMO O RABINHO DO PORCO: SEMPRE NO ENTORNO, BUSCANDO CRESCER COM FIRMEZA. ISSO NOS TROUXE ATÉ AQUI, COM 11 MIL COOPERADOS E 1.300 FUNCIONÁRIOS”

**ANDERSON SABADIN** É PRESIDENTE DA PRIMATO COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

nal. “Nós sabíamos que não controlaríamos todas as variáveis ao longo desses anos, mas era fundamental termos um norte. Discutimos amplamente e construímos juntos esse planejamento para sabermos onde queremos chegar”, destaca Anderson Sabadin.

Entre os projetos em andamento, a Primato inaugurou sua primeira unidade de produção de biogás e biofertilizantes, que integra uma planta de biometano com potencial de ampliar o uso de energia limpa e renovável nas atividades da cooperativa. A iniciativa, pioneira na região, se conecta à estratégia de sustentabilidade e ao compromisso com o meio ambiente. “Estamos entrando em uma nova era de geração de energia dentro da própria proprieda-

de rural. É uma inovação que transforma passivo em ativo, com ganhos ambientais e econômicos”, explica.

Outro eixo do planejamento envolve o fortalecimento das cadeias já existentes, com ampliação de estruturas de abate, logística e armazenagem, além da expansão da atuação no varejo agropecuário e farmacêutico. A Primato também aposta na intercooperação como caminho para ampliar a competitividade e otimizar recursos. “Nós não precisamos fazer tudo sozinhos. A intercooperação é uma ferramenta poderosa, que já demonstrou sua força em projetos como os da avicultura e da piscicultura, desenvolvidos com outras cooperativas da região”, complementa Sabadin.

**FATURAMENTO DE R\$ 6 BILHÕES ATÉ 2033.** Com metas ambiciosas para os próximos anos, a Primato Cooperativa Agroindustrial prevê alcançar a marca de R\$ 6 bilhões em faturamento anual até 2033. Esse objetivo faz parte de um planejamento estruturado que já começa a se concretizar em 2025, com a previsão de produção de 6 mil toneladas de filé de tilápia e o alojamento de cerca de 10 milhões de peixes em sistema de integração. Além disso, a cooperativa mantém um portfólio diversificado, que inclui a produção anual de 60 milhões de litros de leite, 600 mil suínos entregues à Frimesa e 50 mil toneladas de carne de frango. ►

Para garantir o abastecimento das cadeias produtivas, a cooperativa está expandindo sua capacidade de recebimento de grãos com a previsão de abertura de cinco novas unidades até 2033, abrangendo regiões do Mato Grosso do Sul, o sudoeste do Paraná e o oeste, área de origem da cooperativa. A atuação também se estende ao varejo, com lojas agropecuárias, supermercados, restaurantes, postos de combustíveis e farmácias. Esses pontos de contato fortalecem o vínculo com o cooperado e sua família, além de agregar valor aos produtos industrializados.

O capital humano é um dos pilares. Com uma base técnica composta por mais de 100 profissionais de campo, entre agrônomos, médicos-veterinários e zootecnistas, a equipe é considerada essencial para transmitir a identidade da cooperativa aos produtores. “Esse time tem que estar muito alinhado para apresentar a Primato, conhecimento técnico especializado e o produtor sentir que a Primato é dele”, destacou o dirigente. O trabalho técnico é complementado pela experiência do cooperado nas lojas e unidades da Primato, onde ele encontra os produtos que ele produziu, transformados em alimentos com valor agregado.

O fortalecimento da comunidade é outro pilar do modelo cooperativista adotado pela cooperativa. A instituição mantém o FATES Educacional, um fundo voltado ao desenvolvimento econômico e social, e apoia iniciativas como projetos esportivos e parcerias com a Fazenda da Esperança, que atua na recuperação de dependentes químicos por meio da integração à produção de suínos. Para a Sabadin, essas ações são parte de sua missão de gerar renda com inclusão social e responsabilidade coletiva.

Com previsão de investir R\$ 1 bilhão até 2033, a Primato reforça que o crescimento só será sustentável se acompanhado pela evolução do produtor. “Nós só chegaremos lá se ele diminuir a mortalidade, melhorar a conversão dos animais e o manejo. Se ele tiver um pertencimento de que a cooperativa é dele”, afirma. A estratégia é

**USINA DE BIOGÁS,**  
LOCALIZADA EM OURO  
VERDE DO OESTE (PR)  
TRANSFORMA DEJETOS  
DE SUÍNOS GERADOS  
NAS PROPRIEDADES  
EM COMBUSTÍVEL  
RENOVÁVEL



**PRIMEIRO** CAMINHÃO MOVIDO A BIOMETANO CIRCULO DESDE AGOSTO DE 2023.

clara: a Primato atua como instrumento de gestão, enquanto os cooperados são os verdadeiros donos do negócio.

De acordo com o presidente, o crescimento da Primato em 2025 deve chegar a 48%, resultado da confiança dos produtores, da entrega de produção e da adesão às atividades propostas. Além disso, programas voltados à inclusão do jovem e da mulher no cooperativismo fortalecem a cultura de alta performance e reciprocidade entre cooperados e equipes técnicas. “A exigência é a quatro mãos. Quando a gente cobra o produtor, ele também nos cobra, evoluímos como pessoas e por competência, somos mais eficientes juntos”, ressaltou.

**CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL.** Com frota própria, foco em descarbonização e alimentos saudáveis, a Primato reforça seu compromisso com a sustentabilidade. A governança é estruturada com conselhos de administração e fiscal, além de diretoria executiva e auditorias interna e externa. Mesmo em momentos críticos, como a recente crise da suinocultura, a cooperativa manteve seu ritmo de crescimento.

As metas para 2033 incluem R\$ 6 bilhões em faturamento, R\$ 150 milhões de resultado líquido e patrimônio de R\$ 1,5 bilhão. Em 2025, a cooperativa já comemora crescimento de 70% no patrimônio e 19% acima da meta de resultado programado. “Tu-



**EM 20 DE FEVEREIRO DE 2025, A PRIMATO INAUGUROU SUA NOVA UNIDADE CEREALISTA E CASA DO PRODUTOR, LOCALIZADA EM TOLEDO (PR)**

do isso está formalizado. Seguimos com planejamento, acreditando na meritocracia, investindo no produtor e protegendo o meio ambiente. Alimentar melhor e crescer com responsabilidade é o nosso caminho”, finalizou.

Além do reconhecimento como melhor empresa de agronegócio em novembro, concedido pela Fundação Dom Cabral e Época Negócios, a Primato tem estruturado avanços concretos em sustentabilidade e economia circular. A premiação, recebida em São Paulo, evidenciou os resultados da cooperativa ao implementar um modelo robusto de logística reversa por meio de sua bioplanta, que transforma resíduos da produção animal em energia limpa e fertilizantes.

A planta industrial, que já opera com o aproveitamento de dejetos suínos, gera biogás, biometano e biofertilizante em um processo 100% autosustentável. A iniciativa não apenas agrega valor ao resíduo como também posiciona a Primato na vanguarda da descarbonização da frota logística. Em parceria com a Tupi MWM, a cooperativa iniciou a conversão dos motores de seus caminhões para operação a biometano, substituindo

gradativamente o uso de diesel. Já são dez caminhões e a projeção futura até 2027 é que tenhamos cinquenta caminhões movidos a biometano.

Com a perspectiva do Projeto 2033, estão previstas mais duas bioplantas, cada uma com capacidade para processar dejetos de até 200 mil animais. Esse modelo consorciado e cooperativo de gestão de resíduos permite que produtores associados deem destino adequado aos dejetos, reduzindo impactos ambientais e otimizando o uso nas propriedades. A coleta é feita com frota própria e leva em conta critérios técnicos, como a qualidade e concentração dos resíduos.

Para garantir a eficiência do processo, a Primato passou a instalar hidrômetros nas propriedades fornecedoras, controlando o uso de água com o objetivo de evitar diluição excessiva do dejetos. Com isso, o transporte se torna mais eficiente e produtivo, já que o foco é o aproveitamento do material orgânico para a produção energética e nutricional.

Atualmente, a frota de 70 caminhões da cooperativa está sendo adaptada ao uso de biometano, o que representa uma economia real e viável. Exemplos como o do cooperado Emílio Angst, que produz suínos, leite e grama Tifton em 3 hectares, demonstram a capilaridade do projeto.

Além de gerar energia em sua propriedade, Angst abastece os caminhões da cooperativa com o biometano produzido e recebe por isso, formalizando a operação por meio de nota fiscal.

Esse modelo já se estende a outras propriedades e ocorre paralelamente a investimentos em estrutura. Em 2024/2025 a Primato inaugurou unidades de grãos em Santa Tereza, Capitão Leônidas Marques, Vera Cruz do Oeste, duas em Toledo e Nova Esperança do Sudoeste, além da aquisição de uma unidade no Alto do Verê. A cooperativa também comprou uma fábrica especializada em rações para leitões, complementando o sistema de produção integrado que hoje envolve quatro fábricas, responsáveis por 400 mil toneladas de ração animal por ano.

A visão de futuro da cooperativa está diretamente conectada à valorização do produtor e à geração de oportunidades para as próximas gerações no campo. Com investimentos planejados, metas claras e gestão profissional, a cooperativa projeta consolidar-se como referência em agregação de valor e inovação no cooperativismo brasileiro. “Nosso papel é construir um ambiente onde o cooperado se desenvolva, sua família prospere e o campo seja visto como um espaço de realização. A Primato existe para isso”, finaliza o presidente. ■

# HUVEPHARMA: PRODUÇÃO DE PONTA A PONTA COM TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

**A** Huvepharma é referência global em saúde animal e humana, diferenciando-se por um modelo de produção de ponta a ponta que garante qualidade, rastreabilidade e inovação em todas as etapas do processo. Com mais de meio século de experiência, a empresa combina expertise técnica com um robusto parque industrial na Bulgária, França e nos Estados Unidos, assegurando um fornecimento confiável e produtos de alto desempenho para o mercado global.

Dono de uma das maiores capacidades de fermentação do mundo, com mais de 10.000 m<sup>3</sup> instalados em sua fábrica de Peshtera, na Bulgária, a grupo também conta com três unidades de produção e dois centros de mistura na Europa, além de cinco sites nos EUA. Essa infraestrutura permite à Huvepharma controlar integralmente seu ciclo produtivo, desde a identificação e purificação de cepas até a formulação e embalagem dos produtos finais,

garantindo segurança, eficácia, consistência e conformidade regulatória.

Comprometida com práticas ESG, a Huvepharma investe em tecnologias sustentáveis para reduzir seu impacto ambiental. A empresa implementou plantas de cogeração de energia, sistemas de tratamento de efluentes e filtragem de emissões, além de incineradores de biomassa que transformam resíduos produtivos em energia. A preocupação com a sustentabilidade também se estende à logística, com embalagens otimizadas para reduzir resíduos e pegada de carbono no transporte.

No Brasil, a Huvepharma fortalece sua presença com operações estratégicas em Porto Alegre (RS), Hortolândia (SP) e São José dos Pinhais (PR), atendendo com agilidade um dos mercados mais dinâmicos do agronegócio mundial. Sob a liderança de Marcos Paulo Dourado Ferriani Branco, a empresa reafirma seu compromisso com o desenvolvimento do setor, oferecendo soluções inovadoras e suporte técnico es-

pecializado para produtores e indústrias.

Ao unir expertise científica, inovação tecnológica e responsabilidade ambiental, a Huvepharma não apenas garante produtos de excelência, mas também contribui para a eficiência e sustentabilidade da cadeia produtiva global. Com um modelo de produção de ponta a ponta, a empresa reforça sua posição como parceira estratégica para um futuro mais seguro e sustentável. ■

**“PRODUZIR DE PONTA A PONTA SIGNIFICA GARANTIR QUE CADA PRODUTO CHEGUE AO MERCADO COM A SEGURANÇA, EFICÁCIA E INOVAÇÃO QUE FAZEM DA HUVEPHARMA UMA REFERÊNCIA GLOBAL”**

**MARCOS BRANCO,  
PRESIDENTE DA HUVEPHARMA BRASIL**





# 11º

ENCONTRO AVÍCOLA  
E EMPRESARIAL

## UNIFRANGO

CRESCIMENTO  
IMPULSIONANDO  
A EVOLUÇÃO

PALESTRAS | WORKSHOPS | MENTORING | NETWORKING

# Soluções, conhecimento e tecnologia para impulsionar a avicultura e o agronegócio.

 22 a 24/07/25

 LEBLOC JARDIM  
Maringá - PR

Faça sua  
inscrição



# SOB PRESSÃO

COM UMA SAFRA RECORDE DE SOJA E MILHO, BRASIL ENFRENTA DESAFIOS CLIMÁTICOS, ECONÔMICOS E GEOPOLÍTICOS QUE MOLDAM O FUTURO DAS EXPORTAÇÕES E OS PREÇOS INTERNOS DESSAS COMMODITIES

GLAUCIA BEZERRA, ESPECIAL PARA FEEDFOOD  
glaciapbezerrasantos@gmail.com

O mercado de grãos, especialmente soja e milho, continua a desempenhar um papel de destaque na economia brasileira. Com um setor produtivo cada vez mais robusto, o Brasil se consolida como um dos maiores exportadores mundiais dessas commodities. A produção de soja, por exemplo, atinge quantidades históricas, refletindo não apenas o potencial do agronegócio brasileiro, mas também os desafios e complexidades que surgem com o crescimento contínuo da demanda interna e externa.

Nos últimos anos, uma série de fatores externos e internos tem influenciado o mercado de grãos. Especialista no setor, o diretor da Agrocereis Multimix, Maurício Nacif de Faria aponta que a geopolítica, os desafios econômicos e as condições climáticas são as grandes variáveis que impactam a produção agrícola.

No cenário interno, os custos e a insegurança econômica também preocupam. “Estamos vivendo um período de incerteza na economia brasileira, com uma taxa de juros muito elevada. Isto tem inibido os investimentos, e o setor de grãos precisa muito deles, especialmente para melhorias na estocagem”, afirma Maurício.

Para ele, a infraestrutura de ar-

mazenagem é um gargalo que precisa de atenção urgente. “Precisamos de uma política mais viável para este tema”, reforça. A volatilidade cambial também entra nesta equação: o dólar instável influencia o custo dos insumos — muitos deles importados — e afeta diretamente a competitividade das exportações brasileiras.

**O CLIMA COMO VARIÁVEL CRÍTICA.** As condições climáticas continuam sendo uma das variáveis mais imprevisíveis e determinantes para o sucesso das safras. Segundo o último relatório do Rabobank, março de 2025, o clima no Brasil passou por algumas mudanças importantes nos últimos meses. Em janeiro, o país registrou chuvas significativas, especialmente nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste. Essas chuvas foram benéficas para a primeira safra de grãos. No entanto, em fevereiro, as chuvas diminuíram, afetando o ritmo de colheita da soja e o plantio da safrinha de milho. A expectativa é que as chuvas de abril sejam determinantes para garantir uma boa produtividade para a safra de milho.

**A SOJA.** A safra de soja 2024/25 no Brasil será marcada por uma colheita recorde, com a produção estimada em 170 milhões de toneladas, con-

forme o relatório do Rabobank. Esse aumento na produção pode, no entanto, ser contrabalançado por um possível enfraquecimento da economia chinesa, o que tende a pressionar os preços para baixo. Em março de 2025, enquanto os preços da soja na CBOT caíram 15%, os preços no Mato Grosso subiram 2% em relação ao ano anterior (Gráfico 1), refletindo a dinâmica local e a demanda aquecida.

Em abril de 2025, as exportações de soja brasileiras apresentaram um aumento significativo, com uma previsão de 14,5 milhões de toneladas para o mês, representando um crescimento de 1,2 milhão de toneladas em relação à previsão anterior, conforme dados da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec). Caso confirmada, essa exportação será 1 milhão de toneladas superior à do mesmo período do ano passado, reforçando a tendência de alta nas exportações brasileiras, impulsionada pela competitividade da soja brasileira no mercado global.

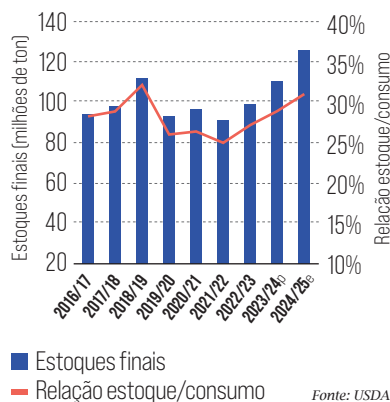
**O MILHO.** O mercado de milho brasileiro segue um cenário de crescimento, similar ao da soja, mas enfrenta desafios específicos. Segundo o Rabobank, nos últimos 12 meses, os preços do milho no mercado

# ESTOQUES GLOBAIS DE SOJA CRESCEM 14% EM 2024/25

GRÁFICO 1.  
**PREÇOS EM CHICAGO VS. MATO GROSSO** (MARÇO 2023 - 2025)



GRÁFICO 2.  
**RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO MUNDIAL** (2016/17 - 2024/25)



# PREÇOS MELHORES INCENTIVAM A COMERCIALIZAÇÃO DO MILHO

GRÁFICO 3  
**PREÇOS EM CHICAGO VS. CAMPINAS** (MARÇO 2023 - 2025)

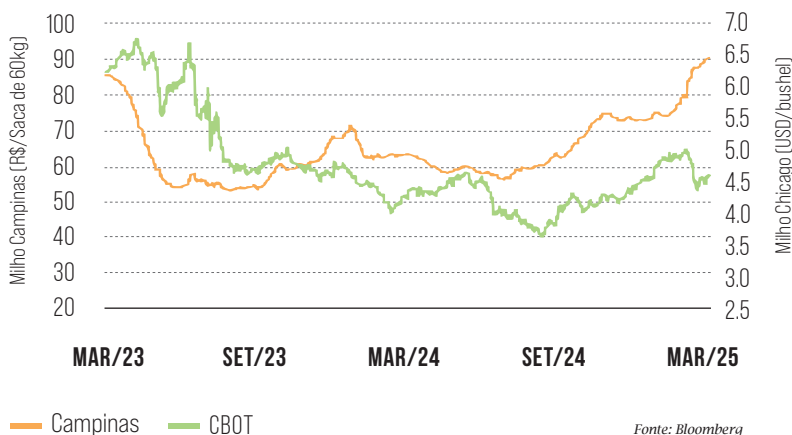
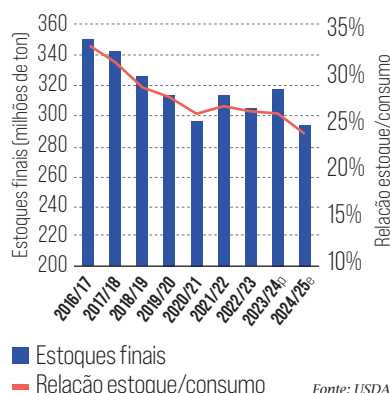


GRÁFICO 4  
**RELAÇÃO ESTOQUE/CONSUMO MUNDIAL** (2016/17 - 2024/25)



interno subiram cerca de 42%, enquanto na CBOT os preços aumentaram apenas 5%. Esse aumento nos preços do milho no mercado interno é impulsionado pela robusta demanda local, especialmente dos setores de suínos e aves, que juntos representam 75% do consumo de milho para ração animal. Além disso, o aumento da produção de etanol a partir do milho também tem contribuído para a alta nos preços.

Para a safra 2024/25, o Rabobank

estima um consumo total de milho de 91 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 5 milhões de toneladas em relação à safra anterior. No entanto, o atraso na colheita da soja impactou o ritmo do plantio do milho safrinha, o que torna as chuvas de abril essenciais para garantir boas produtividades. Apesar do aumento na produção, as exportações de milho deverão ser ligeiramente menores em comparação ao ano passado, com uma estimativa de

35 milhões de toneladas para 2025, 3 milhões a menos do que em 2024.

Embora o Brasil continue a ser um grande produtor e exportador de milho, as incertezas climáticas e o cenário geopolítico podem afetar a produção e os preços no futuro. A área destinada ao milho nos EUA deve aumentar em 2025/26, o que pode reduzir as exportações brasileiras. No entanto, o mercado interno brasileiro, com preços elevados, favorece os produtores e aumenta as margens obtidas. ■



# DIFUSÃO DO CONCEITO DE BALANÇO ELETROLÍTICO

**ARM & HAMMER** PROMOVE CARAVANA TÉCNICA NA AMÉRICA LATINA E COMPARTILHA OS AVANÇOS NA NUTRIÇÃO DE VACAS LEITEIRAS NO PRÉ E PÓS-PARTO

**CAMILA SANTOS, DE CAMPINAS (SP)**  
camila@dc7comunica.com.br

Com o objetivo de atualizar parceiros e clientes sobre as principais inovações na nutrição de vacas leiteiras, a ARM & HAMMER promoveu, em abril, uma série de visitas técnicas pela América Latina, encerrando sua programação com encontros estratégicos no Brasil. As atividades foram voltadas à difusão do conceito de balanço eletrolítico (DCAD) aplicado à produção leiteira e reuniram mais de 140 profissionais do setor em discussões de alto nível.

Liderada por Elliot Block, diretor Técnico de Investigação da ARM & HAMMER - reconhecido internacionalmente por suas contribuições científicas para a nutrição de vacas leiteiras, com ênfase na fase de transição - a passagem em solo brasileiro incluiu consultorias técnicas com suporte comercial, reunindo especialistas e representantes de empresas par-

ceiras da empresa, nos estados de Minas Gerais e Goiás, em reuniões técnicas com nutricionistas e consultores técnicos para aprofundar discussões sobre formulações alimentares voltadas à saúde e produtividade de animal. “O papel do Dr. Block nessa ação foi técnico, com objetivo de fortalecer o posicionamento da empresa em soluções nutricionais no mercado latino-americano”, explicou Daniel Navarro Lobato, consultor Técnico de Ruminantes da companhia, que informa que a presença do especialista somou-se ao momento de expansão internacional da empresa, que tem direcionado atenção especial para a América Latina.

Durante os encontros, o foco principal foi o conceito de *Dietary Cation-Anion Difference* (DCAD), ou diferen-

ça cátion-aniônica da dieta, estratégia nutricional voltada ao equilíbrio eletrolítico das vacas no período pré e pós-parto. O ajuste adequado de minerais na dieta — como sódio, potássio, cloro e enxofre — impacta diretamente na saúde metabólica das vacas, permitindo melhor desempenho produtivo e reprodutivo. “Mani-

pular essa composição mineral de forma estratégica garante resultados superiores, tanto na transição quanto na lactação”, explica Daniel.

Para Guilherme Minozzo, business Leader Latam da Arm & Hammer, a presença do Dr. Block despertou grande interesse entre nutricionistas e técnicos de empresas do setor. “O balanço eletrolítico durante a lactação ainda é um tema em fase embrionária no Brasil, mas representa uma oportuni-



dade gigantesca para melhorar parâmetros produtivos e reprodutivos na pecuária leiteira nacional. Por isso trouxemos a expertise desse especialista, que é um dos pioneiros nos estudos sobre DCAD, sendo responsável por parte significativa das pesquisas que sustentam o uso dessa abordagem nutricional, o que o torna peça-chave para a validação científica dos produtos utilizados hoje em diferentes regiões do mundo”, destaca.

“As vacas são vacas em qualquer lugar” - Partindo dessa afirmação, Block conta que os desafios enfrentados pelos produtores latino-americanos são similares aos vivenciados na América do Norte e Europa. “Os estresses são muito parecidos, e o objetivo continua o mesmo: produzir leite de forma eficiente e rentável”, afirma e aponta que as dietas praticadas por aqui — baseadas em milho, soja, pacotes vitamínico-minerais e vacas de alta produção — se alinham às realidades de países desenvolvidos, o que reforça a aplicabilidade das tecnologias discutidas.

### GESTÃO DO D-CAD E INTEGRIDADE INTESTINAL.

Com foco em soluções nutricionais para enfrentar o estresse térmico, Elliot Block explicou como o manejo do *Difference of Cations and Anions in the Diet* pode contribuir para a estabilidade fisiológica de vacas leiteiras, especialmente em ambientes quentes. “Em climas mais quentes, a adoção de um D-CAD positivo no período de lactação pode melhorar significativamente a capacidade de a vaca lidar com diferentes tipos de estresse”, diz. Segundo ele, durante o calor, o animal perde tampões sanguíneos por meio da respiração acelerada, o que favorece quadros de acidose sanguínea — distinta da acidose ruminal.

A recomendação, conforme detalha, é o aumento dos níveis de sódio e potássio na dieta. “Vacas com altos níveis de potássio respondem melhor ao estresse térmico porque, durante o calor, perdem grande quantidade desse mineral pela saliva, suor e leite. Mesmo em temperaturas mais amenas, como no inverno, a suplementação com potássio continua importante, sobretudo em vacas de



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: GUILHERME MINOZZO, DANIEL NAVARRO LOBATO E ELLIOT BLOCK

alta produção, que frequentemente recebem apenas 1,2% ou 1,3% de potássio na dieta”, informa o especialista.


Outro ponto abordado por Block foi a integridade intestinal de vacas e bezerras, especialmente frente à inflamação causada por estresse térmico, patógenos e superlotação. “A inflamação intestinal — ou o que chamamos hoje de ‘leaky gut’ — se tornou um desafio central. Trata-se de um intestino enfraquecido, que permite a entrada de patógenos na corrente sanguínea, ou seja, é uma porta de entrada para muitas doenças respiratórias e infecções uterinas em bovinos, que têm origem no intestino, reforçando a necessidade de fortalecer essa barreira desde a fase inicial de vida do animal.”

Nesse cenário, os prebióticos e probióticos assumem papel relevante, especialmente em ambientes com presença de micotoxinas. “As micotoxinas causam problemas quando entram na corrente sanguínea. Se o intestino estiver íntegro, isso não acontece. Por isso, o foco não deve ser apenas ligá-las, mas prevenir sua absorção fortalecendo a barreira intestinal”, afirmou. Ele também destacou o sucesso no uso de produtos derivados de

leveduras, combinados a probióticos microbianos, para ambientes de alto desafio. “Não sou entusiasta das leveduras vivas. Preferimos trabalhar com culturas de levedura inativas e processadas por enzimas, que geram moléculas menores e mais bioativas, com maior eficácia no campo”, concluiu.

**UMA RELAÇÃO ANTIGA.** A visita também resgatou a longa relação do Dr. Block com o Brasil. Segundo ele, uma das primeiras vezes em que esteve no país foi há mais de 35 anos, quando participou da implantação de um programa leiteiro no Paraná em parceria com a Universidade Federal do estado e produtores locais. A iniciativa teve impacto duradouro na genética, nutrição e controle sanitário da produção leiteira regional, tornando-se referência no setor.

Finalizando sua caravana técnica pela América Latina, que começou no Chile, passou pelo Uruguai e Argentina e culminou no Brasil, o diretor reforça que a missão da ARM & HAMMER é unir ciência e prática. “Nosso papel é fornecer soluções que realmente funcionam. A técnica precisa estar atrelada ao resultado no campo. Por isso, esse tipo de visita é essencial para ouvir o produtor, entender os desafios locais e compartilhar conhecimento aplicado”, conclui Block. ■



# NA TRILHA DA SALMONELLA: É POSSÍVEL BLINDAR A AVICULTURA?


**BIOSSEGURIDADE ESTRATÉGICA, INOVAÇÃO E CONTROLE INTEGRADO SÃO AS ALIADAS DO SETOR PARA GARANTIR SEGURANÇA ALIMENTAR E MANTER A LIDERANÇA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL**

**GLAUCIA BEZERRA, ESPECIAL PARA FEEDFOOD**  
gluciapbezerrasantos@gmail.com

**R**esponsável por significativas perdas econômicas na avicultura de corte e por sérios riscos à saúde pública, a *Salmonella spp.* permanece como um dos principais desafios sanitários enfrentados pelo setor. A bactéria, que pode se instalar em diferentes pontos da cadeia produtiva, exige estratégias robustas de biosseguridade, monitoramento contínuo e adoção de tecnologias preventivas para assegurar a qualidade dos alimentos e a competitividade nos mercados nacional e internacional. Nesta reportagem, especialistas apontam que o controle eficaz depende de ações integradas que envolvem desde a produção de pintinhos até

o processamento industrial.

Com ampla experiência prática no setor, a médica-veterinária Nelva Grando, que atuou por 34 anos na Sadia/BRF em áreas como saúde animal, biosseguridade e gestão de programas sanitários, reforça que o sucesso no controle da *Salmonella spp.* exige atenção a pontos críticos muito bem definidos. De acordo com ela, para manter os índices de contaminação dentro dos parâmetros exigidos para a segurança dos alimentos, é fundamental monitorar e controlar rigorosamente fatores como a qualidade da ração e o status sanitário das reprodutoras, que devem permanecer negativas para a bactéria. Outro ponto-cha



ve é garantir um intervalo adequado entre os lotes, permitindo a execução completa dos procedimentos de limpeza e desinfecção necessários para cada tipo de *Salmonella*. Nelva também destaca a importância do manejo no pré-abate, com jejum conduzido de forma correta, além da necessidade de caixas e caminhões de transporte devidamente higienizados e testados, assegurando que estejam livres da bactéria antes de cada utilização.

A médica-veterinária ressalta ainda que, para a implantação de programas de controle realmente eficazes, não basta apenas definir protocolos: é necessário engajar todos os elos da produção. Isso significa promover treinamentos regulares sobre práticas de biossegurança, manejo e nutrição, estabelecendo claramente papéis e responsabilidades para cada membro da equipe. Nelva aponta que a adoção de checklists operacionais e protocolos padronizados ajuda a manter a disciplina nos processos. “Além disso, incentivar as boas práticas por meio de sistemas de reconhecimento ou premiações para equipes e integrados que se destacam no cumprimento das normas reforça o comprometimento coletivo. A integração de todos os setores da cadeia é necessária para criar uma cultura sólida de responsabilidade compartilhada no enfrentamento da enfermidade”.

Nos últimos anos, avanços técnicos importantes têm reforçado a capacidade de controle da bactéria na avicultura. Segundo Nelva, o desenvolvimento de novas tecnologias, empregadas em conjunto com práticas de biossegurança, trouxe ganhos consideráveis para o setor. Entre eles, destaca-se a introdução das técnicas de diagnóstico molecular, como a PCR (Reação em Cadeia da Polimerase), que permite a detecção rápida e precisa de *Salmonella* em amostras de aves, ração e ambiente, otimizando as ações corretivas.

Apesar desses avanços, a especialista observa que ainda existem gargalos relevantes. “Em muitas granjas, a adesão rigorosa às medidas de biossegurança continua sendo um desafio, especialmente devido à falta de trei-

namento e conscientização sobre boas práticas de manejo. Embora a tecnologia avance, o setor precisa manter o foco na formação de equipes e na disseminação da cultura de biossegurança como pilares fundamentais no combate à *Salmonella spp.*”.

Quando se trata de envolver todos os setores da produção no combate à bactéria, a criação de comitês internos é uma estratégia eficaz. Formados por representantes de áreas como produção, manejo, laboratório e indústria, esses grupos têm a função de discutir problemas, implementar melhorias e definir medidas corretivas de forma integrada. A especialista também sugere a adoção de sistemas contínuos de monitoramento e avaliação das práticas de controle, com indicadores de desempenho claros. Compartilhar regularmente esses resultados com toda a equipe ajuda a manter o engajamento e facilita a identificação de pontos que precisam ser aprimorados, consolidando uma gestão mais participativa e orientada por resultados.

Além de seu impacto sanitário e econômico, o controle rigoroso da *Salmonella* também se reflete dire-

tamente na reputação das marcas e na capacidade de conquistar mercados internacionais. Nelva destaca que a presença da bactéria em produtos avícolas pode resultar em recalls, casos de salmonelose e sérios danos à imagem corporativa. Por outro lado, empresas que demonstram compromisso efetivo com a segurança dos alimentos, por meio de programas de controle eficazes, tendem a fortalecer a confiança do consumidor e a fidelizar clientes. Em um cenário global cada vez mais exigente, o atendimento a certificações internacionais de segurança alimentar — muitas vezes com foco específico no controle da *Salmonella spp.* — torna-se um passaporte para acessar novos mercados e consolidar uma imagem de excelência em qualidade e confiabilidade.

#### ONDE A SALMONELLA GANHA ESPAÇO.

Médico-veterinário e professor da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Oliveira Caetano chama atenção para a diversidade de sorotipos de *Salmonella spp.* que impactam a avicultura de corte. Segundo ele, embora existam mais de 2.600 sorotipos des- ▶



**NELVA GRANDÓ DESTACA A IMPORTÂNCIA DO CONTROLE DE BIOSSEGURANÇA CONTRA A SALMONELLA NAS GRANJAS**



**OLIVEIRO CAETANO ALERTA PARA A NECESSIDADE DE MONITORAMENTO CONTÍNUO NA CADEIA PRODUTIVA CONTRA A SALMONELLA**

critos, aproximadamente 90 são capazes de infectar as aves e provocar o paratifo aviário — muitas vezes, sem manifestação clínica evidente.

Entre os sorotipos de maior relevância sanitária e econômica no Brasil, destaca-se o *Salmonella* Heidelberg, atualmente um dos mais prevalentes. Outros sorotipos importantes no cenário avícola nacional incluem o *Salmonella* Infantis, Enteritidis e Typhimurium.

O especialista observa que a dinâmica de prevalência desses agentes vem mudando ao longo do tempo. “No passado, o sorotipo Enteritidis era dominante, o que levou a medidas específicas de controle que, hoje, resultaram em uma expressiva queda nos seus índices de ocorrência”, explica Oliveiro. Em contrapartida, outros sorotipos vêm preenchendo esse espaço, exigindo constante vigilância e adaptação das estratégias sanitárias.

Outro ponto crítico destacado é que a distribuição dos sorotipos pode variar amplamente conforme a empresa, a região, o estado ou até o país em questão — o que reforça a necessidade de abordagens locais e personalizadas de controle.

Para Oliveiro, compreender as principais rotas de entrada da *Salmonella* spp. nos plantéis é primordial para montar barreiras eficazes de biossegurança. A via vertical é considerada uma das mais críticas: matrizes contaminadas podem transmitir a bactéria diretamente aos ovos, resultando em pintinhos já infectados que espalham o agente tanto no incubatório quanto posteriormente nas granjas de corte.

Além da transmissão vertical, outros caminhos importantes para a introdução da *Salmonella* incluem a ração e seus ingredientes — especialmente aqueles de origem animal —, que podem ser fontes de contaminação se não forem devidamente controlados. “A movimentação de fômites contaminados, como equipamentos, veículos e roupas, também é um risco relevante. Da mesma forma, pragas como insetos e roedores atuam como vetores eficazes na disseminação da bactéria”, diz.

Em relação aos sinais clínicos nas aves, o professor destaca que, na maioria dos casos de paratifo aviário, as infecções não geram sintomas visíveis.

## O QUE FAZ A DIFERENÇA NO CONTROLE DA SALMONELLA

### PROGRAMAS DE CONTROLE EFICAZES: O QUE REALMENTE FUNCIONA

Para estruturar um programa de controle de *Salmonella* spp. eficaz, do campo ao abate, Nelva destaca estratégias práticas que precisam ser seguidas em todas as etapas:

- 1 Integração de protocolos**  
Os procedimentos de controle devem ser consistentes desde a criação até o processamento das aves.
- 2 Treinamento contínuo**  
Conscientizar todos os colaboradores sobre riscos e boas práticas é vital.
- 3 Monitoramento e avaliação**  
Testes regulares e ajustes contínuos garantem maior precisão no controle.
- 4 Saúde e nutrição das aves**  
Um intestino saudável é uma barreira natural contra a bactéria.
- 5 Biossegurança rigorosa**  
Barreiras físicas, controle de acesso, medidas de limpeza e intervalo entre lotes são fundamentais.
- 6 Higiene no abate**  
No frigorífico, o treinamento de operadores evita contaminações cruzadas.
- 7 Cultura de segurança alimentar**  
Promover a responsabilidade compartilhada em toda a organização.
- 8 Análise de risco**  
Identificar e agir sobre pontos críticos de controle.
- 9 Inovação constante**  
Incorporar novas tecnologias, vacinas, aditivos e métodos de diagnóstico.

### BIOSSEGURIDADE: BASE DA PREVENÇÃO DESDE O INÍCIO DA CADEIA

Nelva enfatiza que nas fases iniciais da produção, como granjas de matrizes e incubatórios, a biossegurança precisa ser ainda mais reforçada:

- 1 Controle de acesso**  
Entrada restrita apenas a pessoal autorizado, com troca de roupas e desinfecção rigorosa.
- 2 Higiene e desinfecção**  
Protocolos de limpeza constantes e uso correto de desinfetantes eficazes contra *Salmonella*.
- 3 Monitoramento e vigilância sanitária**  
Testes periódicos em fezes, ambiente e ração para rápida identificação de riscos.
- 4 Nutrição balanceada e manejo adequado**  
Minimizar o estresse das aves para reduzir vulnerabilidades.
- 5 Controle de vetores**  
Combate intensivo a roedores, aves silvestres e outros animais transmissores.
- 6 Vacinação estratégica**  
Em algumas situações, pode complementar a prevenção, reduzindo a incidência da bactéria.

*“Criar uma cultura forte de biossegurança é um investimento que protege a saúde animal, a segurança alimentar e a reputação da empresa”, resume Nelva.*

Contudo, sorotipos mais agressivos, como a *Salmonella Typhimurium*, podem causar quadros de diarreia, prostração e até mortalidade em parte do lote, impactando diretamente a produtividade e elevando as perdas econômicas.

**O ELO CRÍTICO ENTRE SALMONELLA E SAÚDE PÚBLICA.** O impacto da *Salmonella* spp. vai muito além das granjas. Oliveiro alerta que a maior preocupação com a circulação das salmonelas nos plantéis de frangos de corte reside justamente no risco que representam para a segurança dos alimentos. Durante o abate, carcaças contaminadas podem servir de veículo para a bactéria chegar ao consumidor final.

Mesmo seguindo protocolos industriais rigorosos, a manipulação incorreta dos alimentos em cozinhas domésticas ou institucionais aumenta a chance de contaminação cruzada — especialmente quando carnes cruas entram em contato com saladas e outros alimentos que não passam por cocção. “Todos os anos, milhões de pessoas no mundo adoecem, e algumas até morrem, em decorrência de infecções por *Salmonella* spp. transmitidas por alimentos”, lembra o especialista.

O desafio, portanto, ultrapassa os limites da produção avícola, exigindo medidas integradas entre o campo, a indústria e o consumidor final para reduzir riscos à saúde pública.

Para avançar no controle da *Salmonella* spp., a biossegurança precisa ser mais do que um conjunto de práticas: deve ser estruturada de forma estratégica e baseada em dados. Na avaliação do médico-veterinário, a implantação de programas robustos de monitoramento e rastreamento é um dos caminhos mais eficazes para reduzir a incidência da bactéria nos sistemas produtivos.

O conceito é claro: monitorar reprodutoras, fábricas de ração, incubatórios, galpões de produção, o entorno das granjas e os abatedouros. Ao identificar a presença de *Salmonella* em qualquer etapa, tecnologias como o sequenciamento

do genoma completo permitem rastrear a origem da contaminação e corrigir falhas específicas nos protocolos de biossegurança.

Segundo o professor, sem essas informações detalhadas, o combate à bactéria torna-se um esforço às cegas. Com o monitoramento integrado, no entanto, é possível agir de maneira direcionada e aumentar consideravelmente a eficácia dos programas sanitários.

O avanço tecnológico também vem desempenhando um papel importante no controle da *Salmonella* spp. na avicultura. O mercado oferece hoje uma série de ferramentas inovadoras, como probióticos, produtos de exclusão competitiva, fitoterápicos e novas gerações de vacinas vivas e inativadas.

A cada evento técnico-científico, surgem novidades promissoras, mas o professor faz uma ressalva importante: “nenhuma dessas soluções substitui a necessidade de programas robustos

de biossegurança”. A escolha de tecnologias e aditivos deve ser criteriosa, priorizando produtos que tenham comprovação científica sólida de eficácia.

Essa atenção ao controle de *Salmonella* não é apenas uma questão de saúde animal e segurança alimentar. É também estratégica para o comércio internacional. Oliveiro destaca que o Brasil e seus parceiros comerciais realizam auditorias rigorosas para verificar a presença da bactéria. Alguns mercados, mais permissivos, aceitam a presença de determinados sorotipos, enquanto outros mantêm tolerância zero para qualquer tipo de contaminação.

“Controlar a *Salmonella* spp. ao longo da cadeia produtiva é fundamental para garantir a competitividade do frango brasileiro no exterior”, resume o professor, reforçando que o status sanitário é um dos principais passaportes para a continuidade das exportações. ■



**NUTRIÇÃO MÁXIMA PARA  
+ CADA DIETA. NÃO ACEITE  
NADA MENOS.**

Aditivo Enzimático

**CIBENZA®**  
uma marca NOVUS

A disponibilidade pode variar por região.

# FEEDIS CONSOLIDA SEU POSICIONAMENTO E VIVE MOMENTO ESTRATÉGICO NA NUTRIÇÃO ANIMAL

COM ESTRUTURA ROBUSTA, SOLUÇÕES TÉCNICAS CONSISTENTES E EQUIPE ALINHADA, EMPRESA FORTALECE SUA PRESENÇA NO MERCADO E PROJETA NOVOS AVANÇOS

**CAMILA SANTOS**

camila@dc7comunica.com.br

**A** Feedis, empresa 100% brasileira especializada em nutrição e saúde animal, vive um de seus momentos mais estratégicos desde a sua fundação. O ano de 2025 marca a consolidação de um crescimento robusto, pautado em inovação, fortalecimento da equipe e construção de bases sólidas para se-

guir expandindo de forma sustentável.

Em um setor que exige agilidade, consistência técnica e clareza nas soluções, a Feedis tem conquistado espaço com um portfólio focado em aditivos funcionais e eubióticos para aves e suínos, sustentado por uma atuação próxima aos desafios do

NOVA SEDE  
DA FEEDIS



campo. Mas o crescimento da empresa em 2025 não é apenas numérico: ele reflete uma visão madura de negócios, que integra desenvolvimento de soluções práticas, fortalecimento de marca e estruturação interna.

Esse posicionamento é reflexo de um trabalho consistente, que alia conhecimento técnico, escuta ativa do mercado e uma estrutura preparada para dar suporte ao crescimento. Para Fernando Toledano, CEO da Feedis, o ano marca uma virada importante na trajetória da empresa. “Estamos em um momento estratégico para a Feedis. Fortalecemos nossa estrutura, investimos em pessoas e tecnologias, e seguimos com um propósito muito claro: entregar soluções técnicas que ajudem o campo a produzir mais, com eficiência e segurança. Nosso compromisso é crescer com consistência e responsabilidade, sem perder a essência da nossa proximidade com os desafios diários da produção”, afirma.

A nova sede da empresa simboliza essa nova fase. Mais do que um prédio moderno, o espaço representa a integração entre as áreas técnicas, comer-



“ESTAMOS EM UM MOMENTO ESTRATÉGICO PARA A FEEDIS. FORTALECEMOS NOSSA ESTRUTURA, INVESTIMOS EM PESSOAS E TECNOLOGIAS, E SEGUIMOS COM UM PROPÓSITO MUITO CLARO: ENTREGAR SOLUÇÕES TÉCNICAS QUE AJUDEM O CAMPO A PRODUZIR MAIS, COM EFICIÊNCIA E SEGURANÇA”

**FERNANDO TOLEDANO**, CEO DA FEEDIS

ciais e administrativas — criando uma base sólida para o desenvolvimento de projetos estratégicos, atendimento ágil e suporte contínuo aos clientes.

A convenção de vendas realizada no último mês, também teve um papel fundamental no alinhamento estratégico. O encontro reuniu toda a equipe comercial e técnica para reforçar diretrizes, apresentar novidades, como o lançamento de novos produtos e, principalmente, garantir que todos compreendam seu papel no momento atual, e possam continuar contribuindo para o crescimento da empresa.

“A convenção foi essencial para alinhar propósitos e renovar o entusiasmo do nosso time. Mais do que falar de metas, falamos sobre como seguir construindo uma história sólida, com base na confiança do campo e na entrega de soluções que realmente geram valor”, destaca o CEO.

Para Silvano Bünzen, diretor Técnico da Feedis, essa visão integrada



“NOSSO PAPEL É TRANSFORMAR CONHECIMENTO EM SOLUÇÕES APLICÁVEIS. O SETOR PRODUTIVO PRECISA DE RESPOSTAS CLARAS, CONFIÁVEIS E ALINHADAS COM A REALIDADE DO CAMPO”

**SILVANO BÜNZEN** É DIRETOR TÉCNICO DA FEEDIS

reforça o papel da empresa em levar ao mercado tecnologias que realmente funcionem na prática: “Nosso papel é transformar conhecimento em soluções aplicáveis. O setor produtivo precisa de respostas claras, confiáveis e alinhadas com a realidade do campo. É nisso que acreditamos e é para isso que trabalhamos: desenvolver tecnologias inovadoras que realmente façam a diferença na produção.”

Com uma equipe técnica forte, visão estratégica clara e processos internos alinhados, a Feedis segue firme em seu propósito de ser uma parceira do campo. Mais do que fornecer produtos, a empresa se propõe a entregar valor real por meio de soluções seguras, não medicamentosas e eficazes frente aos principais desafios produtivos e sanitários.

De onde viemos, onde estamos e para onde queremos ir — esse é o pensamento que norteia cada decisão estratégica da Feedis. E a resposta tem sido clara: a empresa está no caminho certo para crescer com solidez, sempre guiada pelo compromisso com a inovação, a técnica e os resultados. ■

# SBSA 25 ANOS: CIÊNCIA E INTERAÇÃO NO CENTRO DO DEBATE DA AVICULTURA MODERNA

EDIÇÃO HISTÓRICA REÚNE ESPECIALISTAS E AMPLIA DISCUSSÃO SOBRE INOVAÇÃO, MANEJO, SANIDADE E MICROBIOTA INTESTINAL

CAMILA SANTOS, DE CHAPECÓ (SC)  
camila@dc7comunica.com.br

A 25ª edição do Simpósio Brasil Sul de Avicultura (SBSA) consolidou-se como um dos mais relevantes fóruns técnico-científicos da avicultura nacional e latino-americana. Realizado de 8 a 10 de abril de 2025, em Chapecó (SC), o evento reuniu cerca de dois mil profissionais da cadeia produtiva para debater os rumos da produção avícola, com foco em saúde intestinal, biossegurança, nutrição de precisão e inovação tecnológica. Com uma programação robusta, construída por uma comissão científica multidisciplinar, o simpósio reforçou sua proposta de ser um es-

paço de atualização, troca de conhecimento e estímulo à ciência aplicada.

A edição comemorativa de 25 anos foi marcada pelo fortalecimento do caráter técnico e pela diversidade dos temas apresentados, destacando-se pela grande interação do público durante as palestras e painéis. “Foi uma edição muito especial. Tivemos uma construção coletiva da grade, que envolveu diferentes áreas da avicultura: sanidade, manejo, pesquisa, sustentabilidade, incubação. A resposta do público, com perguntas e participação ativa, mostra que estamos no caminho certo”, ressalta Daiane

Carla Kottwitz Albuquerque, nutricionista da Aurora Coop e presidente da Comissão Científica do SBSA.

O presidente do Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas (Nucleovet), Tiago José Mores, reforça o papel histórico do evento. “Completamos 25 anos de um simpósio que cresceu junto com a avicultura brasileira. Este evento é, antes de tudo, uma entrega para o setor. Reunimos profissionais que estão na linha de frente da produção, pesquisadores, estudantes e empresas que acreditam no potencial técnico do Brasil”, afirma.

Com auditório lotado durante os





três dias, o evento reforçou a importância do conhecimento técnico para enfrentar os desafios de uma avicultura cada vez mais demandada por eficiência, segurança e bem-estar animal. Entre os destaques da programação, os temas de microbiota intestinal, estratégias de manejo em frangos de corte e o papel da biossegurança ganharam relevância por abordarem aspectos centrais para o desempenho zootécnico e econômico dos sistemas produtivos.

### O IMPACTO DA SAÚDE INTESTINAL NO DESEMPENHO ANIMAL.

Um dos temas mais debatidos foi a relação entre saúde intestinal e desempenho das aves, especialmente nos primeiros 21 dias de vida, considerados cruciais para o desenvolvimento e o ganho de peso até o abate. As palestras mostraram como a nutrição de precisão e o uso de aditivos funcionais, como óleos essenciais e pós-bióticos, têm evoluído para atender às exigências do setor em contextos com menor uso de antibióticos.

“Essa fase inicial tem uma correlação direta com o peso final da ave. A aceleração da maturação da microbiota é um ponto crítico, pois impacta diretamente a digestibilidade dos nutrientes e a resposta imunológica”, comentou Luiz Otávio, consultor técnico da Cargill Alimentos, durante sua apresentação. Ele ressaltou a importância da atuação em diferentes pontos do trato gastrointestinal, combinando estratégias para promover uma microbiota benéfica e otimizar o aproveitamento da dieta.

### INTERATIVIDADE E TROCA ENTRE PÚBLICO E PALESTRANTES.

A estrutura do SBSA favoreceu o contato direto entre pesquisadores, consultores, pro-

dutores e estudantes. Painéis temáticos e sessões de perguntas reforçaram o caráter participativo do evento. Os temas de incubação e manejo motivaram intensos debates. “As questões vindas do público mostram o quanto essas áreas são desafiadoras. Cada vez mais, buscamos integrar ciência com a prática do campo”, avalia Daiane Kottwitz.

O tema de manejo em frangos de corte, por exemplo, gerou um dos maiores volumes de interação, com perguntas sobre ambientes de produção, ventilação, densidade e conforto térmico. Já no campo da incubação, os debates giraram em torno da influência dos protocolos de pré-aquecimento e transferência embrionária no desempenho inicial dos pintinhos.

Para Tiago Mores, essa troca ativa é um dos diferenciais do SBSA. “O simpósio estimula a reflexão coletiva. Quando o público participa, pergunta, debate, é sinal de que estamos atingindo o objetivo de provocar a evolução técnica da avicultura”, pontua o presidente do Nucleovet.

### SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E VACINAS.

A sustentabilidade da produção avícola também teve espaço na programação, abordando temas como a eficiência alimentar, redução de emissões e estratégias de reaproveitamento de resíduos. A busca por inovação tecnológica apareceu com força nas apresentações sobre automação, inteligência artificial e uso de sensores no campo.

Além disso, a importância da imuni-

O PRESIDENTE DO NÚCLEO OESTE DE MÉDICOS VETERINÁRIOS E ZOOTECNISTAS (NUCLEOVET), TIAGO JOSÉ MORES

DAIANE CARLA KOTTWITZ ALBUQUERQUE É NUTRICIONISTA DA AURORA COOP E PRESIDENTE DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO SBSA

zação adequada foi destacada em painéis sobre vacinas e desafios sanitários. Especialistas debateram as tendências em programas vacinais, destacando o avanço de vacinas recombinantes e a necessidade de respostas rápidas frente à evolução de patógenos.

### RECONHECIMENTO E FUTURO DA AVICULTURA.

A programação do SBSA também celebrou a história e a evolução do evento ao longo de seus 25 anos. Desde sua criação, o simpósio se tornou uma referência para a avicultura brasileira, contribuindo para a formação técnica de milhares de profissionais. Em uma sessão especial, os organizadores reforçaram o compromisso com a ciência e com o fortalecimento do setor.

“Estamos trabalhando há meses para construir um conteúdo à altura da história do SBSA. E saímos daqui com a certeza de que a avicultura brasileira está em boas mãos, com profissionais que buscam conhecimento e inovação”, afirma Daiane ao final do evento.

O encerramento da 25ª edição do SBSA reforçou o papel do evento como espaço estratégico para o avanço da avicultura nacional. “O nosso compromisso segue sendo com a excelência técnica. Vamos continuar trabalhando para que o SBSA ofereça, a cada ano, conteúdo de alto nível e que realmente impacte a rotina dos profissionais no campo”, finaliza Mores, destacando que a próxima edição já começa a ser pensada a partir dos aprendizados de 2025. ■

# PMS DEBATE ESTRATÉGIAS PARA O CONTROLE DA COCCIDIOSE, IMUNOSSUPRESSÃO SUBCLÍNICA E LANÇA MICROLIFE PRIME

EVENTO TÉCNICO DESTACA IMPORTÂNCIA DA **ROTAÇÃO DOS ANTICOCCIDIANOS**, **IMPACTOS DAS VARIANTES G4 DO VÍRUS DE GUMBORO** E APRESENTA O NOVO PROBIÓTICO DA PHIBRO COMO FERRAMENTA PARA CONSISTÊNCIA PRODUTIVA EM CAMPO

**CAMILA SANTOS, DE ITÁ (SC)**  
camila@dc7comunica.com.br

Dois dias de programação intensiva. Assim foi a 12ª edição do Phibro Master Science (PMS), realizada entre 7 e 8 de abril, em Itá (SC), que reuniu especialistas, técnicos, produtores e consultores de todo o Brasil para apresentar soluções que auxiliam a sanidade, a imunologia e a saúde e integridade intestinal, consolidando-se como um encontro de discussão técnica com impacto direto na produção avícola.

Além das atualizações sobre o vírus da doença infecciosa da bursa (Gumboro), especialmente as variantes G4, o encontro foi palco do lançamento oficial do MicroLife Prime, novo probiótico da Phibro Animal Health, desenvolvido para promover saúde intestinal, com melhora no desempenho zootécnico e controle de patógenos.

A abertura do evento trouxe a reflexão sobre o tema “Translocação bacteriana: impactos na saúde das aves e

condenações” palestra ministrada pela professora Dra Jovanir Müller Fernandes da UFPR - Palotina destaca a **coccidiose como um importante fator responsável pela ruptura da barreira intestinal e suas interrelações com problemas em diversos outros sistemas da ave (locomotor/respiratório)**. O segundo tema abordado durante o PMS de 2025 foi a “Rotação de Fato” e Patricia Rocha, Gerente de Produto & Serviços Técnicos - Aditi-





**PLENÁRIA**  
TAMBÉM  
CONTOU COM  
MESA REDONDA  
E ESCLARECEU  
DÚVIDAS SOBRE  
OS TEMAS  
ABORDADOS

para um melhor controle da coccidiose.

O papel da microbiota intestinal como eixo central na produtividade. Nesse contexto, o lançamento do MicroLife Prime ocupou posição de destaque. O produto foi apresentado como uma solução baseada em cepas probióticas altamente eficientes, com atuação específica na estabilidade da microbiota, controle de patógenos e reforço da integridade intestinal. “Trata-se de um probiótico premium, resultado de um programa global de desenvolvimento, com foco em consistência. Sabemos que a pressão sanitária e os desafios de ambiência variam muito em campo, por isso desenhamos uma solução capaz de entregar resultados de forma contínua”, explica Bruna Martins, gerente de Produto & Serviços Técnicos – Especialidades nutricionais da Phibro.

Segundo ela, a solução contém diferentes cepas de bacillus com propriedades complementares, garantin-

vos Medicamentosos da Phibro destacou em sua palestra a **necessidade de praticar o rodízio dos anticoccidianos de forma técnica e fundamentada para**

do ação em diferentes regiões do trato gastrointestinal das aves. “Nosso objetivo é atuar de forma sinérgica com o manejo nutricional e sanitário, oferecendo uma ferramenta que favoreça a performance zootécnica sem abrir mão da segurança microbiológica”, completa Martins. O lançamento integra a estratégia global da empresa de ampliar o portfólio voltado à saúde intestinal, trazendo robustez para a linha de especialidades nutricionais.

**GUMBORO SUBCLÍNICO: O DESAFIO INVISÍVEL.** Um dos temas centrais do evento foi a imunossupressão silenciosa causada pelas variantes G4 do vírus de Gumboro. A palestra de José Dias, Gerente de Produto & Serviços Técnicos – Vacinas da Phibro, abordou a complexidade dessas cepas, que não provocam sinais clínicos evidentes, mas resultam em severa atrofia da Bursa, comprometendo a imunidade das aves. “Essas variantes não são percebidas no dia a dia, mas minam silenciosamente a resposta imune. A ave aparenta estar bem, mas sua capacidade de reagir a desafios é reduzida”, afirma.

Foram apresentados resultados de campo e estudos experimentais que

evidenciam os efeitos do G4 sobre a resposta vacinal e os índices produtivos. Em um dos experimentos, aves vacinadas para Newcastle, quando desafiadas com o G4, apresentaram queda significativa na produção de anticorpos e maior mortalidade. Outro estudo, conduzido no Paraná, demonstrou presença do G4 em lotes entre 18 e 23 dias, com impacto de quase 5% na mortalidade em comparação a lotes negativos, além de pior conversão alimentar. “Não é apenas uma questão de sanidade, mas de rentabilidade. A imunossupressão interfere diretamente no desempenho e na eficiência dos lotes”, destaca Dias. ►

**ISABELLA LOURENÇO É**  
GERENTE DE  
SANIDADE  
DA BRF



**DADOS SOBRE CO-INFECÇÃO TAMBÉM PREOCUPAM.** A complexidade do cenário se intensifica quando há co-infecção com outros agentes. Um estudo argentino citado no evento avaliou a resposta de aves expostas simultaneamente ao G4 e à Bronquite Infecciosa, com resultados sorológicos inferiores em relação ao desafio isolado. A análise de Bursa revelou lesões acentuadas, com hiperemia, hemorragias e depressão linfóide estatisticamente superiores. “Com Reovírus e Adenovírus, o quadro é ainda mais preocupante. Em co-infecção com Adenovírus, por exemplo, a mortalidade saltou de 20% para 50%”, alerta o palestrante.

**RICARDO BARBOSA**  
É DIRETOR  
COMERCIAL  
DA MULTIAVE

**GUILHERME LANDO BERNARDO**  
É ASSESSOR  
TÉCNICO DA  
COOPERATIVA  
AURORA

Outro ponto crítico discutido foi a falha de proteção conferida por anticorpos maternos. Um trabalho recente demonstrou que pintinhos com imunidade passiva adequada não conseguiram neutralizar o G4 aos 12 dias de idade. “Mesmo com vacinação correta das reprodutoras, 20% dos pintinhos ainda apresentaram lesões de Bursa após o desafio. Isso mostra que estamos diante de um vírus mais agressivo, com perfil distinto das cepas clássicas”, explica Dias que defende a necessidade de se antecipar a resposta imune ativa, com uso de vacinas de dose precoce e ajustes estratégicos nos programas de vacinação.

**INTEGRAÇÃO TÉCNICA E SOLUÇÕES COMBINADAS.** A integração entre diferentes áreas de conhecimento foi outro ponto valorizado no evento. Ao discutir saúde intestinal e imunologia como partes de um mesmo sistema, a Phibro reforça sua proposta de oferecer soluções combinadas: anticoccidianos, probióticos e vacinas que atuam de forma sinérgica. “Estamos vivendo uma era em que não basta mais resolver um problema de cada vez. O desafio é multifatorial e exige abordagens integradas”, pontua Henrique Castro, diretor Comercial de Monogástricos da Phibro Brasil.

Segundo ele, o lançamento do MicroLife Prime está alinhado com essa visão. “Não se trata apenas de lançar um produto, mas de oferecer uma



ferramenta que ajuda o produtor a enfrentar as variabilidades de campo com mais previsibilidade. Consistência é o que buscamos — e é isso que o MicroLife Prime entrega”, afirma.

**PHIBRO MASTER SCIENCE: CIÊNCIA APLICADA AO CAMPO.** Consultados sobre a qualidade das apresentações, os participantes destacaram a relevância técnica do evento e a qualidade das discussões. Para Isabella Lourenço, gerente de Sanidade da BRF, participar da 12ª edição foi uma experiência marcante: “É uma felicidade muito grande fazer parte do encontro da Phibro. Os temas são super relevantes para a avicultura, traduzem o cenário nacional e mundial, e nos auxiliam diretamente nas áreas técnicas”, afirma.

Essa percepção foi compartilhada por Guilherme Lando Bernardo, assessor técnico da Cooperativa Aurora,

que destaca a importância da troca de conhecimento no evento: “É muito importante participar do PMS da Phibro. É um evento técnico com profissionais renomados, que nos atualizam sobre o que está acontecendo no setor e proporcionam uma interação social rica com colegas de diversas empresas. Essa troca de informações é essencial para aplicarmos melhorias no campo e evoluirmos como sistema”.

Ricardo Barbosa, diretor comercial da Multiave, também ressaltou a proposta inovadora do encontro: “Estamos muito felizes em participar do PMS em Itá. É um evento importantíssimo que traz tecnologia, informação e uma equipe extraordinária apresentando temas atuais e os desafios da avicultura. Além disso, foi o momento ideal para conhecer o lançamento de novos produtos, como o MicroLife Prime”, ressalta Barbosa. ■

# DOXIGRAM ST

DOXICICLINA • SULFAMETAZINA • TRIMETOPRIM



ALIVIRA

- Maior espectro de **ação** e **efetividade**
- Melhor **biodisponibilidade**
- Maior **eficácia sistêmica**

[alivira.com.br](http://alivira.com.br)



[/alivirabrasil](https://www.instagram.com/alivirabrasil)

BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA



PRÁTICAS COMO O MANEJO RACIONAL DA ÁGUA, SISTEMAS INTEGRADOS DE PRODUÇÃO E A VALORIZAÇÃO DE FONTES ENERGÉTICAS ALTERNATIVAS COMO SOLAR, EÓLICA E BIOMASSA TÊM SE CONSOLIDADO COMO PADRÕES DO AGRO BRASILEIRO

# CONFIANÇA QUE ALIMENTA O MUNDO

O PAPEL DA **AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA** FRENTE AOS DESAFIOS AMBIENTAIS E SANITÁRIOS DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS



CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

**E**m um mundo cada vez mais exigente quanto à origem dos alimentos, à segurança sanitária e aos compromissos ambientais, a confiança tornou-se o maior ativo da agroindústria. No caso brasileiro, essa confiança é construída diariamente com base em ciência, rastreabilidade, sanidade e práticas sustentáveis que posicionam o país como um dos protagonistas na produção global de proteína animal.

Líder nas exportações de carne de frango, com 39% do mercado mundial, e quarto maior exportador de carne suína, com 12%, o Brasil não apenas alimenta o mundo — faz isso com responsabilidade, inovação e transparência. E essa reputação não é fruto do acaso, como reforça Ricardo Santin, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). “Não é apenas sobre alimentar o mundo — é sobre fazer isso com responsabilidade”, realça.

**SUSTENTABILIDADE COMO PREMISSA.** A produção agroindustrial brasileira tem adotado um conjunto cada vez mais amplo de práticas sustentáveis, que vão desde o reaproveitamento de resíduos até o

uso de energia limpa nas granjas. Para Santin, produtividade e preservação ambiental não são objetivos conflitantes, mas sim complementares.

“O grande propósito é equilibrar a produção crescente com a preservação ambiental”, pontua. Nesse caminho, práticas como o manejo racional da água, sistemas integrados de produção e a valorização de fontes energéticas alternativas como solar, eólica e biomassa têm se consolidado como padrões. As tecnologias disponíveis para tornar o campo mais eficiente e menos impactante ao meio ambiente são diversas e, segundo ele, vêm sendo cada vez mais incorporadas ao dia a dia do setor produtivo.

Essa transformação, no entanto, não depende apenas de avanços técnicos — exige também um novo olhar por parte da sociedade. “Nosso maior desafio hoje é comunicacional”, destaca. Ainda existe, dentro e fora do Brasil, uma lacuna de entendimento sobre a produção intensiva de alimentos pode — e deve — estar aliada à preservação dos recursos naturais.

Por isso, ações de comunicação têm sido intensificadas, tanto no relacionamento com a comunidade brasileira quanto em campanhas institucionais voltadas ao público internacional. “Precisamos mostrar que sustentabilidade não significa perder eficiência, e sim garantir que a produção seja viável no longo prazo”, resume.

**TRANSPARÊNCIA COMO VALOR ESTRATÉGICO.** Em um ambiente internacional marcado por exigências crescentes, a rastreabilidade desponta como uma das ferramentas mais

relevantes da cadeia produtiva. Monitorar cada etapa da produção permite não apenas garantir segurança sanitária, mas também assegurar o cumprimento de critérios sociais e ambientais.

“Transparência gera confiança, tanto para os consumidores quanto para os mercados internacionais”, sublinha Santin. Essa confiança é reforçada por uma estrutura robusta de controle sanitário que tornou o Brasil referência global. O país é, por exemplo, livre de influenza aviária e peste suína africana — um feito alcançado com décadas de investimento em biossegurança, protocolos rigorosos e capacitação contínua.

Segundo ele, a rastreabilidade ainda contribui para a competitividade do setor. Ao garantir o histórico de cada produto, desde sua origem até o destino final, cria-se uma narrativa de segurança e responsabilidade que fortalece a imagem da proteína brasileira em mercados exigentes, como o europeu e o asiático. “Essa é uma vantagem que vai além do produto: é uma vantagem de reputação”, ressalta.

**INCENTIVOS QUE FAZEM A DIFERENÇA.** A consolidação dessas boas práticas requer políticas públicas consistentes. Para Santin, o fomento à sustentabilidade deve ser prioridade na formulação de políticas de crédito rural e de incentivo à adoção de novas tecnologias. Entre os programas já existentes, ele destaca o Plano ABC+ (Agricultura de Baixa Emissão de Carbono), como um exemplo positivo que poderia ser ampliado.

“A política pública mais ►

“O PRODUTOR BRASILEIRO ESTÁ MAIS CONECTADO, CAPACITADO E CONSCIENTE. COM POLÍTICAS PÚBLICAS ADEQUADAS E ABERTURA DE NOVOS MERCADOS”  
- RICARDO SANTIN, PRESIDENTE DA ABPA



Fotos: divulgação



**A RASTREABILIDADE** CONTRIBUI PARA A COMPETITIVIDADE DO SETOR REFORÇANDO O COMPROMISSO COM SEGURANÇA E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

eficaz é aquela que reconhece o esforço de quem já produz com responsabilidade e estimula quem está em transição”, afirma. O dirigente também defende políticas baseadas em ciência e adaptadas à realidade da produção tropical brasileira, com métricas confiáveis, metas claras e constante diálogo entre governo, setor produtivo e sociedade civil.

Além do crédito, Santin menciona a importância de valorizar e dar visibilidade aos produtores que já adotam boas práticas, funcionando como inspiração e referência para outros. “É preciso criar um ambiente que premie quem faz certo, e não apenas puna quem erra”, reflete.

**BONS EXEMPLOS QUE ATRAVESSAM FRONTEIRAS.** Entre os modelos bem-sucedidos no Brasil, o sistema de integração entre produtores e agroindústrias é frequentemente citado como exemplo replicável. Ele permite padronização, rastreabilidade e investimentos coordenados em boas práticas. Para Santin, esse modelo é um diferencial brasileiro que alia escala, qualidade e responsabilidade compartilhada entre todos os elos da cadeia.

Outras referências vêm do uso de energia renovável nas granjas, do reaproveitamento de resíduos como fertilizantes e do monitoramento constante da sanidade. Essas medidas ajudam a reduzir o impacto ambiental da produção e mos-

tram o engajamento crescente do setor com metas de longo prazo.

“Essas iniciativas estão publicamente disponibilizadas em nosso portal, o [www.braziliansustainableprotein.com](http://www.braziliansustainableprotein.com), como forma de tornar transparente tudo aquilo que fazemos”, reforça. O site funciona como uma vitrine das ações sustentáveis da proteína brasileira, sendo consultado por parceiros comerciais, jornalistas, órgãos reguladores e consumidores interessados.

**IMAGEM QUE REFLETE A PRÁTICA.** A construção de uma imagem positiva da agroindústria brasileira vai além do discurso. A ABPA tem atuado de forma proativa em ações de promoção comercial, campanhas institucionais e presença em fóruns globais. As marcas setoriais, como *Brazilian Chicken* e *Brazilian Pork*, levam essa imagem ao mundo, sempre acompanhadas por dados concretos e exemplos práticos.

Essa presença internacional fortalece a posição do Brasil como parceiro confiável no comércio global. “Temos sistemas de controle que atendem aos padrões mais exigentes do mundo, e estamos avançando em bem-estar animal, neutralidade de carbono e rastreabilidade”, observa. Essa transparência é hoje um dos pilares da reputação internacional da proteína brasileira.

A presença ativa em eventos internacionais também tem permitido ao setor mostrar uma realidade muitas vezes distante do imaginário de quem está fora do Brasil. Mostrar, com dados, imagens e depoimen-

tos, como a produção é feita de forma profissional, segura e cada vez mais sustentável tem sido uma estratégia de convencimento eficaz.

**O AMANHÃ DA PROTEÍNA BRASILEIRA.** Com o aumento da demanda global por alimentos, o papel do Brasil como fornecedor estratégico de proteína tende a se intensificar. Para Santin, o futuro da agroindústria brasileira será ainda mais conectado à responsabilidade ambiental e à confiança conquistada ao longo dos anos.

“O produtor brasileiro está mais conectado, capacitado e consciente. Com políticas públicas adequadas e abertura de novos mercados, vamos continuar a alimentar o mundo com qualidade e sustentabilidade”, prevê. A digitalização do campo, o avanço da biotecnologia e o uso inteligente de dados são, segundo ele, vetores que continuarão moldando essa nova era da produção.

Se há um consenso entre especialistas e representantes do setor, é o de que a reputação construída com base em sanidade, sustentabilidade e rastreabilidade será cada vez mais determinante. E, nesse cenário, o Brasil tem todos os elementos para manter — e ampliar — sua posição de destaque.

No fim das contas, é essa confiança que sai das granjas e chega aos pratos de milhões de pessoas no mundo. Uma confiança cultivada com responsabilidade e compromisso em cada etapa da cadeia produtiva. Uma confiança que, além de alimentar o presente, ajuda a preparar o futuro. ■

# O COMPROMISSO DA OUROFINO COM UM FUTURO SUSTENTÁVEL

O desafio de alimentar uma população mundial estimada em 9,7 bilhões de pessoas até 2050, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), exigirá de todos os elos do agronegócio uma transformação na forma de produzir e de se relacionar com seus stakeholders.

Contribuir para a saúde animal é essencial para garantir o bem-estar dos animais, ao mesmo tempo em que a inovação e o uso de tecnologias sustentáveis são fundamentais para a perenidade do produtor rural. Animais saudáveis também desempenham um papel crucial na proteção da saúde humana. Por isso, a Ourofino Saúde Animal investe continuamente em práticas que aumentem a produtividade com o menor impacto possível, com a convicção de que o futuro começa com as escolhas que fazemos hoje.

Focamos em soluções que aumentam a produtividade com responsabilidade, priorizando prevenção e tecnologias, e contribuimos para a evolução dos sistemas produtivos, eficiência dos manejos, melhor experiência do cliente e fortalecimento do conhecimento dos produtores. A Ourofino, alinhada ao seu propósito de Reimaginar a Saúde Animal, promove iniciativas inovadoras e responsáveis, que respeitam os animais e garantem a sustentabilidade do setor.

Uma das iniciativas é a adoção de tecnologias limpas e processos industriais com menor impacto ambiental. A sede da Companhia, localizada em Cravinhos (SP), conta com sistema próprio de tratamento de efluentes, reutilização de água, uso exclusivo de energia 100% renovável — ações que reduzem significativamen-

te as emissões de gases de efeito estufa.

Também investimos fortemente em pesquisa e desenvolvimento, com foco em soluções que elevem a produtividade no campo. Atuamos no combate à resistência antimicrobiana, promovendo o uso consciente de medicamentos e ações educativas para produtores.

No aspecto social, adotamos uma abordagem abrangente que envolve colaboradores, comunidades e o setor agropecuário como um todo. Nossos programas incluem parcerias com clientes, voluntariado corporativo e projetos de educação, visando o desenvolvimento das regiões onde atuamos.

No pilar da governança, seguimos práticas robustas que garantem ética e transparência em todas as operações.

**“ ANIMAIS SAUDÁVEIS TAMBÉM DESEMPENHAM UM PAPEL CRUCIAL NA PROTEÇÃO DA SAÚDE HUMANA. POR ISSO, A OUROFINO SAÚDE ANIMAL INVESTE CONTINUAMENTE EM PRÁTICAS QUE AUMENTAM A PRODUTIVIDADE COM O MENOR IMPACTO POSSÍVEL ”**


**DANIELA ACHITE É GERENTE DE SUSTENTABILIDADE DA OUROFINO SAÚDE ANIMAL**

Nosso Código de Conduta e Ética orienta decisões e relacionamentos com todos os públicos de interesse, enquanto as políticas e programas corporativos, auditorias independentes e comitês internos fortalecem a gestão de riscos e a conformidade.

A sustentabilidade permeia todas as etapas do nosso negócio, desde a escolha de fornecedores até o relacionamento com clientes e produtores. Buscamos parcerias sustentáveis e aplicamos critérios ESG (ambiental, social e governança) nas decisões estratégicas, promovendo um agronegócio mais ético, inovador e resiliente.

Com esse posicionamento, a Ourofino reafirma seu compromisso com um futuro sustentável, mostrando que responsabilidade socioambiental e desempenho econômico se fortalecem mutuamente. Transformamos desafios em oportunidades e lideramos com propósito no setor agroindustrial. ■





# SANTA CATARINA E A NOVA DINÂMICA DA SUINOCULTURA

ENTRE DESAFIOS ESTRUTURAIS E OPORTUNIDADES GLOBAIS, SETOR TRAÇA  
UMA ROTA DE **ESTABILIDADE E CRESCIMENTO**

**CAROLINE MENDES**  
caroline@dc7comunica.com.br



**E**m um setor marcado por oscilações cíclicas, a suinocultura catarinense ensaia uma recuperação firme após mais de três anos de crise. Maior produtor e exportador de carne suína do país, Santa Catarina tem apostado em estabilidade produtiva, diversificação de mercados e gestão estratégica para redesenhar seu papel dentro e fora do Brasil. “A manutenção do plantel e a redução de investimentos na atividade foram decisivas para reequilibrar a oferta. E isso refletiu diretamente nos preços”, explica Losivanio Luiz de Lorenzi, presidente da Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS).

O panorama atual é resultado de uma série de fatores interligados. Segundo a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), o estado encerrou 2024 com um plantel de aproximadamente 8,3 milhões de suínos, número semelhante ao do ano anterior. Essa estabilidade, no entanto, mascara um movimento importante: a ausência de reposição de fêmeas, causada pela di-

ficuldade de acesso ao crédito e pelos prejuízos acumulados durante a crise.

“Em muitos casos, o produtor não conseguiu renovar o plantel. Fêmeas mais velhas significam menor produtividade e, conseqüentemente, menos animais sendo ofertados ao mercado”, detalha Losivanio. O resultado é uma produção mais enxuta, com impacto direto nos preços pagos ao produtor. Dados do Cepea apontam que, em março de 2025, o valor médio do suíno vivo em Santa Catarina atingiu R\$ 7,40/kg, alta de 12% frente ao mesmo mês do ano anterior.

Outro pilar dessa retomada é o desempenho das exportações. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o estado respondeu por 54% das exportações nacionais de carne suína in natura em 2024, totalizando 504 mil toneladas e gerando uma receita de US\$ 1,28 bilhão. “Santa Catarina abriu novos mercados e ampliou volumes em destinos estratégicos como Filipinas, Chile e Japão. A abertura da Coreia do Sul, sem tarifação, deve impulsionar ainda mais os embarques em ►



**“ O FUTURO SE MOSTRA PROMISSOR. TEMOS ESTABILIDADE NA PRODUÇÃO, EXPORTAÇÕES EM ALTA, DÓLAR VALORIZADO E CUSTOS SOB CONTROLE. ISSO GARANTE UMA LUCRATIVIDADE QUE HÁ TEMPOS NÃO VÍAMOS ”**

**LOSIVANIO LUIZ DE LORENZI**, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE CRIADORES DE SUÍNOS (ACCS)

**APÓS UM PERÍODO**  
PROLONGADO DE CRISE,  
O SETOR INICIA 2025  
EM UM COMPASSO  
DE RECUPERAÇÃO,  
SUSTENTADO POR AJUSTES  
NA OFERTA, CENÁRIO  
CAMBIAL FAVORÁVEL  
E DIVERSIFICAÇÃO DAS  
EXPORTAÇÕES

2025”, avalia o presidente da ACCS.

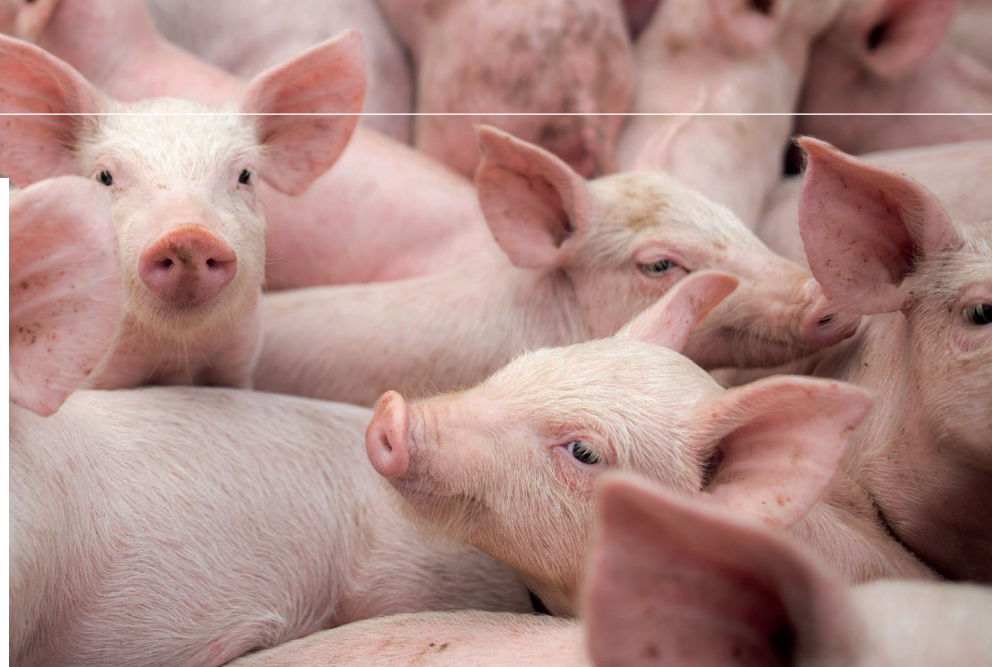
Esse movimento externo tem implicações diretas na dinâmica interna do setor. Com a alta demanda internacional, muitas agroindústrias passaram a recorrer ao mercado spot — ou seja, à compra de suínos de produtores independentes — para atender contratos de exportação. Isso valorizou o preço fora do sistema integrado e deu fôlego aos pequenos e médios criadores. “As indústrias estão pagando mais porque não conseguem atender toda a exportação com seu próprio plantel. Isso é uma oportunidade para o produtor independente”, afirma.

A expectativa é que a suinocultura catarinense mantenha a rota de estabilidade em 2025. Um dos fatores que sustentam esse otimismo é o comportamento estratégico dos produtores. “O suinocultor aprendeu a administrar o peso dos animais. Quando há risco de queda no preço, ele reduz a oferta, preservando a remuneração”, destaca Losivanio.

Além disso, o período do outono e inverno historicamente traz aumento no consumo interno de carne suína, o que tende a aquecer ainda mais a demanda. “O mercado interno deve colaborar com esse cenário positivo, e os grãos estabilizados contribuem para manter a lucratividade do setor”, complementa o dirigente.

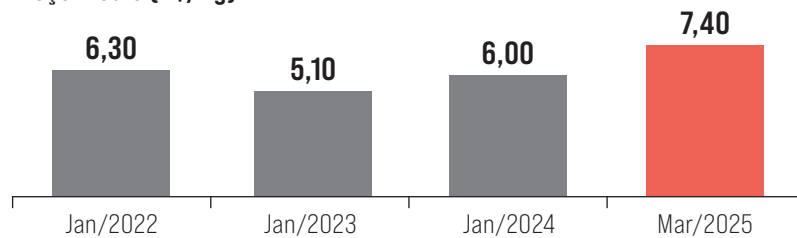
Ainda assim, o setor carrega cicatrizes da crise recente e sabe da importância do planejamento. O crescimento acelerado e desordenado ocorrido entre 2019 e 2021 levou à superoferta, compressão de margens e endividamento generalizado. “O mercado aprendeu que não dá para crescer sem olhar para a biossegurança, o bem-estar animal e o consumo real. A expansão agora será mais consciente e proporcional”, pondera.

Outro ponto crucial para a manutenção da competitividade catarinense é a sanidade. “Os produtores têm que cuidar muito da sanidade do rebanho, porque é isso que nos mantém nos mercados exigentes, como Japão, Estados Unidos e México — mercados que só Santa Catarina pode atender. Se tivermos qualquer problema sanitário, podemos perder tudo. Mas mantendo esse padrão, vamos continuar pujantes na suinocultura”, alerta Losivanio. Para ele, o profissiona-



## EVOLUÇÃO DO PREÇO DO SUÍNO VIVO EM SC (2022-2025)

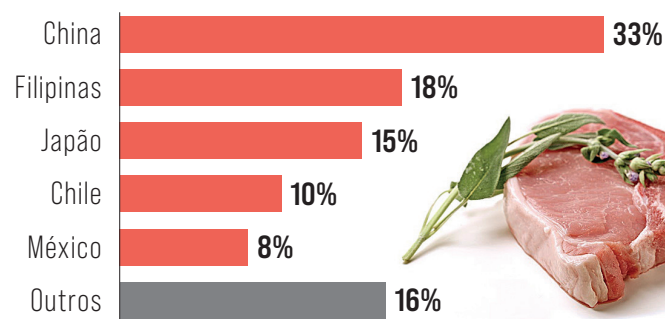
Preço médio (R\$/kg)



Fonte: Cepea

## PRINCIPAIS DESTINOS DA CARNE SUÍNA CATARINENSE (EM 2024)

Participação por destino

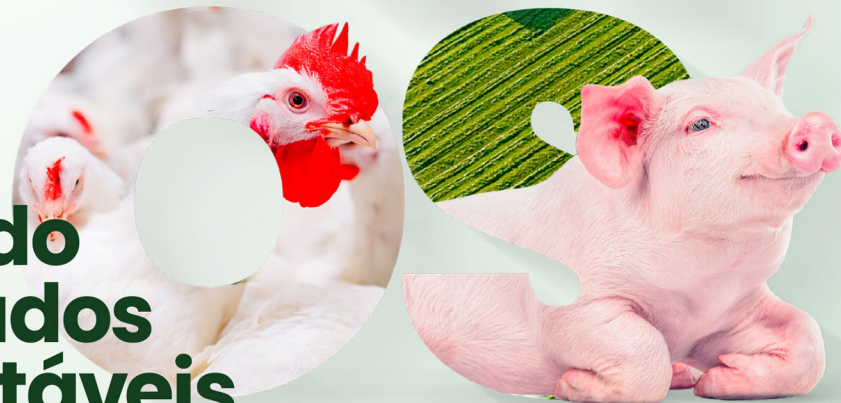


Fonte: Secex

lismo deve estar presente na gestão das granjas como verdadeiras empresas. “A propriedade rural precisa ser profissional, com foco em biossegurança e responsabilidade sanitária.”

Com um ciclo de produção já consolidado para os próximos meses

— os leitões nascidos em maio, por exemplo, só chegarão ao abate em março de 2026 —, o setor respira com mais previsibilidade. O desafio agora é consolidar esse novo momento, equilibrando produtividade, sustentabilidade e inteligência de mercado. ■



# Nutrindo resultados sustentáveis.

Nossa conexão com os **interesses e necessidades dos produtores** é o que nos motiva. Nascemos da cooperação e nos tornamos uma **referência global**. Uma história construída ao longo de **130 anos**. Oferecemos **inovação e resultados mensuráveis** em toda a cadeia, por meio de soluções e conceitos em **nutrição e aditivos**, desenvolvidos para atender às necessidades específicas de **nossos clientes**.

Junte-se a nós para maximizar os **resultados da sua produção**.

[agrifirm.com.br](http://agrifirm.com.br)

[agrifirmbr](https://www.facebook.com/agrifirmbr)

[royal-agrifirm-group](https://www.linkedin.com/company/royal-agrifirm-group)

[agrifirmbrasil](https://www.instagram.com/agrifirmbrasil)

[Agrifirmonline](https://www.youtube.com/Agrifirmonline)



# CUIDADOS ESSENCIAIS NA PARIÇÃO DE BOVINOS DE CORTE

**PIQUETES DEVEM SER BEM DRENADOS, OFERECER SOMBRA E ÁGUA DE QUALIDADE E ESTAR LIVRES DE ESTRESSORES COMO CÃES E CIRCULAÇÃO EXCESSIVA**

**Laura Girardi, Daniel Brugnara, Manuela Siqueira, Marcela Kuczynski da Rocha e Júlio Barcellos - NESPRO**

**N**os sistemas de cria ou ciclo completo, a época de parição é um dos momentos mais críticos da produção, influenciando diretamente na colheita de bezerros e, portanto, a eficiência produtiva da fazenda. Para garantir um parto seguro e minimizar perdas, é fundamental adotar boas práticas de manejo, incluindo a escolha de um piquete maternidade, o acompanhamento da parição a campo, com critérios bem estabelecidos para intervenção, o registro de dados, o monitoramento do escore de condição corporal (ECC) das vacas no pré-

-parto, e a adoção de um protocolo de cuidados com o recém-nascido.

Para otimizar o manejo, recomenda-se formar grupos de animais em final de gestação, geralmente já ordenados no diagnóstico de gestação, separando novilhas de primeira cria das múltiparas. Novilhas exigem atenção especial, pois têm maior risco de distocia e exigências nutricionais diferenciadas. Esses lotes podem ser realocados em “piquetes maternidade”,

**EQUIPE DEVE ESTAR ATENTA AO DESENVOLVIMENTO DOS NOVILHOS**



estrategicamente posicionados próximos à sede da fazenda, permitindo um monitoramento mais frequente. Esses piquetes devem ser bem drenados, oferecer sombra e água de qualidade e estar livres de estressores como cães e circulação excessiva de máquinas ou a presença de predadores.

As recorridas nos piquetes maternidade devem ser realizadas pelo menos duas vezes ao dia para identificar precocemente qualquer complicação no parto. Os sinais indicativos de parto incluem: isolamento da vaca, vulva edemaciada e caída, além do enchimento do úbere. A maioria dos partos ocorre de forma natural e sem intervenção e esta só é recomendada quando a vaca estiver afastada há mais de seis horas, apresentar esforços expulsivos por mais de uma hora sem progressão do parto ou quando houver exteriorização do feto sem avanço por mais de 15 minutos. Quando o feto já está com as patas exteriorizadas, outro parâmetro que pode auxiliar na tomada de decisão de intervir ou não, é observar a presença de sujidades nos cascos, indicando um trabalho de parto prolongado.

Nesse momento, é imprescindível contar com equipes treinadas para agir corretamente diante de qualquer anormalidade. Ao constatar a necessidade de intervenção, o primeiro passo é verificar, por palpação, se o feto está em posição correta, com os membros anteriores estendidos no canal vaginal e o dorso voltado para cima, alinhado com o dorso da vaca (anterodorsal). Confirmada a compatibilidade entre o tamanho do bezerro e a dilatação da vaca, deve-se, utilizando luvas e lubrificante, realizar a tração de forma controlada, puxando o feto em direção ao solo, sempre em sincronia com as contrações uterinas.

Além da distocia, outros problemas recorrentes na parição incluem baixa habilidade materna, baixo vigor dos bezerros e dificuldades na primeira mamada. A identificação precoce desses problemas e a intervenção oportuna são fundamentais para minimizar perdas. Manter registros detalhados sobre a parição também é essencial, pois permite um controle mais eficaz do manejo e facilita a tomada de decisões futuras.

Outro fator determinante para o



USO DE FRASCO DOSADOR PARA A CURA DO UMBIGO EM SOLUÇÃO DE IODO 10%

sucesso da parição é o ECC no pré-parto, pois influencia diretamente no parto, na recuperação da vaca

e na eficiência reprodutiva da temporada seguinte. Enquanto um ECC elevado pode aumentar a incidência de distocia devido ao crescimento exagerado do feto, um ECC muito baixo compromete a produção de leite e, consequentemente, o desenvolvimento do bezerro, além de retardar o retorno à ciclicidade ovárica. Vacas com ECC entre 3 e 3,5 (escala de 1 a 5) no momento do parto, apresentam menor risco de distocia e saem do anestro pós-parto mais rapidamente do que vacas com ECC abaixo de 3,0.

Após o nascimento, a colostragem e a cura do umbigo são indispensáveis para garantir a sobrevivência e o bom desenvolvimento do bezerro. O colostro fornece imunidade passiva

ao neonato, já que, diferentemente de outros mamíferos, os anticorpos não são transferidos pela placenta. Apesar do controle ser mais difícil na pecuária de corte, o ideal é que o bezerro ingira 10% do seu peso vivo em colostro nas primeiras quatro horas de vida. É nesse período que o intestino do animal ainda está permeável à absorção das imunoglobulinas, após esse intervalo, a absorção será prejudicada. A cura do umbigo é igualmente importante, pois, por conter vasos, pode ser uma porta de entrada para infecções. Para uma cicatrização adequada, o coto umbilical deve ser mergulhado por inteiro em solução de iodo 10% por pelo menos 30 segundos.

Aproveitando o contato do vaqueiro com o bezerro, é possível realizar a identificação do animal, seja por tatuagem, brinco ou botton eletrônico. O uso de cadernetas pela equipe de campo facilita o registro de informações como número de identificação, identificação materna, peso, data de nascimento, sexo, raça e eventuais intervenções realizadas durante o parto, permitindo uma tabulação ágil e eficiente dos dados.

Em síntese, o sucesso da parição depende de um conjunto de cuidados que começam muito antes do parto, como a escolha do touro que será utilizado no acasalamento, e se estendem às primeiras semanas de vida do bezerro. Quando bem executados, esses manejos reduzem significativamente problemas sanitários e econômicos, contribuindo para uma criação mais eficiente e rentável. O planejamento adequado e um manejo bem estruturado são fundamentais para garantir uma parição bem-sucedida e melhorar a produtividade do rebanho. ■

ANIMAIS PRECOSES  
NELORE EM PROPRIEDADE  
ASSOCIADA NA REGIÃO  
DE JARDIM (MS)

# NOVILHO MS MIRA COOPERATIVA E QUER VIRAR FRANQUIA NACIONAL

NOVO MODELO AUMENTOU O VOLUME DE ANIMAIS ABATIDOS VIA ASSOCIAÇÃO QUE, EM 2020, FOI DE 83.995 UNIDADES, PARA **213.587 CABEÇAS EM 2024**

**ARIOSTO MESQUITA, DE CAMPO GRANDE (MS)**  
ariostomesquita@gmail.com

A partir do final do século passado, a Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores de Novilho Precoce (ASPNP ou Novilho MS) começou a escrever uma história de referência em associativismo pecuário bem-sucedido no Brasil. Também pudera! Sobreviveu a um pesado cenário pós-aftosa, passou por cima de crises e continua a entregar animais jovens, bem acabados, de

qualidade, com escala para indústrias parceiras e bonificação para seu associado. Agora, como se não bastasse, quer alçar novos e audaciosos voos.

No radar da atual diretoria, encabeçada pelo presidente Rafael Grãto, está a criação, ainda em 2025, de uma cooperativa de compras e de sua própria franquía. Neste último caso, o objetivo é expandir seu know-how e marca para qualquer re-

gião ou estado brasileiro. Dessa forma, a associação (franqueador) pretende conceder a outros grupos de produtores fora de Mato Grosso do Sul (franqueados), o direito de usar a sua chancela, a engenharia de produtos, serviços e características de gestão, em troca de investimento inicial e eventuais contribuições periódicas.

Estes planos estão ancorados em 27 anos de história, que sustentam

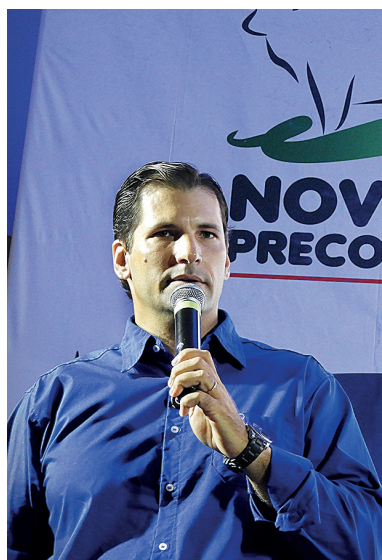
um modelo de negócio crescente em atratividade e rentabilidade para o pecuarista associado. Tudo começou no final da década de 1990 com o 'seo' Armando Araújo, um mineiro que chegou a Mato Grosso do Sul para empreender. Na capital, Campo Grande, investiu na hotelaria. No interior, apostou na criação de novilhas.

Na pecuária, logo começou a reduzir a idade de abate de seu rebanho, antes de 25 meses, para 18 a 20 meses. O problema é que, à época, não encontrava frigorífico que distinguisse vaca velha de novilha (e pagasse por isso). Quando, enfim, achou um interessado (Carrefour), entendeu que a demanda (na casa de seis dígitos) era acachapante diante das 200 novilhas que tinha pra vender. Foi nesse momento que ele imaginou juntar rebanhos para elevar a oferta.

Em 1998 nascia a Novilho MS, mas nada surgiu pronto. Entre parcerias feitas e desfeitas, experiências bem ou mal sucedidas e oscilações de mercado e do ciclo pecuário, a associação criou casca e se consolidou como fornecedora confiável para indústrias. Com o tempo, atraiu para seus quadros um grupo seletivo de produtores. "Quem está conosco é o pecuarista inquieto, que procura estudar, que se informa sobre tecnologias que estão dando certo, que está nas redes sociais e que começa a trabalhar também com inteligência artificial. É uma geração com idade média flutuando entre 38 e 40 anos", conta o presidente Gratão, ele mesmo dentro des-

te perfil, aos 41 anos, originado dos movimentos jovens de formação de lideranças rurais sul-mato-grossenses.

Os números mais recentes mostram o crescimento do grupo, tanto em resultados quanto em participação. Em 2009 eram 209 pecuaristas associados. No início de abril deste ano, a Novilho somava 484 associados em 932 propriedades. O volume de animais abatidos via associação, que em 2020 foi de 83.995 unidades, fechou o ano de 2024 com 213.587 cabeças, o que se traduz em 59.249 t/equivalente/carcaça. Desse total, 87% dos animais tinham menos de 36 meses de idade e 90% desses abates receberam bonificação. Ao longo de 27 anos, a



**RAFAEL GRATÃO** QUER EXPANDIR MARCA "NOVILHO PRECOCE" NO BRASIL

Novilho MS soma 2,2 milhões de animais abatidos e um bônus total (valor que os pecuaristas receberam pela arroba além do preço de mercado) de R\$65 milhões no bolso do produtor associado. Esses números foram revelados durante o Encontro Novilho Precoce 2025, realizado no dia 7 de abril durante a 85ª Expogrande (Exposição Agropecuária e Industrial de Campo Grande) e que reuniu perto de 1.000 pessoas, segundo os organizadores.

Além de permitir ao pecuarista recebimento de bonificações no abate do animal de qualidade, a associação também oferece ao associado consultoria técnica, viabiliza grupos de compra coletiva, promove qualificação (treinamentos técnicos) e oferece visitas técnicas para adoção e cumprimento do Protocolo Novilho Precoce de Sustentabilidade (PNPS). Além disso, nos abates em parceria (que garantem bonificações) mantém uma "balança do produtor" dentro de cada indústria. Essa estrutura atua para garantir o acompanhamento da correta pesagem dos animais no abate, aumentando a transparência e confiança na relação entre indústria e pecuarista.

Gratão, que também é vice-presidente da Comissão Nacional de Bovinocultura de Corte da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), lembra que atualmente a Novilho MS conta com duas parcerias industriais: JBS e Naturafrig. Observa, porém, que há espaço para mais parceiros. "Pontualmen- ►



**ENCONTRO 2025** DA NOVILHO MS REUNIU PERTO DE MIL PARTICIPANTES, SEGUNDO ORGANIZAÇÃO

te, nossa oferta chega a ser maior do que a demanda das parcerias. Agora (11 de abril), por exemplo, estamos com duas semanas de abates programados. Caso algum associado ofereça mais animais para abater na semana que vem, não conseguirá. Terá de fornecer fora das parcerias”.

Neste aspecto, o presidente da Novilho MS entende que novos parceiros se tornaram difíceis pela rejeição à balança do produtor. “Quando a gente fala da colocação de nossa balança dentro do frigorífico, as indústrias desistem. A argumentação é de que não é necessário. Mas o produtor gosta. Eu não consigo entender esta resistência, pois não há custo para o parceiro. Tanto a instalação quanto a adaptação ao modo de trabalho do frigorífico são conduzidas pela associação. Funciona muito bem”, garante.

Para ser associado da Novilho MS, o pecuarista precisa fazer duas contribuições financeiras distintas. “Ele recolhe o valor de R\$9,99 por animal abatido e contribui com uma mensalidade

equivalente ao preço de uma arroba de boi/mês (na casa de R\$322 à vista no final de abril na praça Campo Grande)”.

**FRANQUIA NACIONAL.** Durante o encontro realizado em abril, Gratão surpreendeu ao projetar uma arte com o mapa do Brasil na qual os estados foram identificados com a logo da “Novilho”, seguido da sigla de cada unidade da federação. Dessa forma ele ilustrou o projeto de expansão nacional da Novilho. “O franchising funciona no mundo todo e esse é projeto da associação. Já temos 27 anos, um produto consolidado e um modelo de negócio sólido. Chegou a hora de oferecer franquias para todo o Brasil. O objetivo é permitir que, em outros estados, o pecuarista tenha o mesmo sucesso do associado da Novilho MS, entregando carne de qualidade, padronizada, com regularidade e recebendo por isso”, defende.

O dirigente conta que a ideia não veio casualmente, mas sim após a constatação de demandas de pro-

dutores. “Grupos de Tocantins e de Goiás vieram até nós. Recebemos ligações de pecuaristas do Pará e do Maranhão. Todos interessados em conhecer nosso modelo de produção. Nessa movimentação, ajudamos a criar, em 2024, a Associação Tocantinense de Produtores de Novilho Precoce. Percebemos que enfrentamos dificuldades no início, com pensamentos e ações diferentes. A partir disso, começamos a pensar em como amenizar estes conflitos em futuras iniciativas. Chegamos ao franchising e contratamos uma consultoria para dar andamento nesta iniciativa”, conta.

Gratão coloca como meta viabilizar pelo menos duas franquias ainda este ano, mas prefere não adiantar regiões e/ou estados: “Todas as propostas terão de ser detalhadamente avaliadas pois deverão ter objetivos próximos aos nossos. Pela franchising queremos atingir 1.000 associados em todo o Brasil até meados de 2026. Será uma nova fonte de renda não só para a Novilho MS, mas pa-

## COOPERATIVA: COMPRAR MAIS, COM MENOR CUSTO

**A ATUAL** diretoria da Novilho MS anunciou a retomada de um assunto que, historicamente, sempre encontrou resistência entre os bovinocultores de corte no Centro-Oeste, em especial na capital sul-mato-grossense: a criação de uma cooperativa de pecuaristas. Ao longo dos últimos 20 anos surgiram propostas, mas todas naufragaram diante do pouco número de interessados, sobretudo quando surgia a demanda por integralização de capital.

No entanto, Gratão esclarece que a meta não é criar uma cooperativa de carne: “A ideia é cooperar para comprar em maior volume com menor custo. Para isso, formamos um grupo que participou de um curso no âmbito da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras). A cooperativa vai nascer dentro da Novilho MS, mas se-

rá uma turma distinta que trabalhará visando a produção de uma arroba mais barata. Em um primeiro momento irá focar em negociações para a aquisição de sêmen, sementes de pastagens, fertilizantes, sal mineral, arame, óleo diesel, milho, DDG e farelo, dentre outros insumos. Posteriormente, poderemos até pensar em investir em um confinamento próprio. Por enquanto ainda não temos um nome, mas nosso objetivo é fundá-la até meados deste ano. Temos uma comissão interna trabalhando nisso”, avisa.

**EXPANSÃO INTERNA.** No âmbito estadual, a Novilho MS está buscando expandir seus associados também de forma indireta. Um exemplo disso é o acordo que Gratão conduziu com a Associação Sul-Mato-Grossense de Suino-

cultores (Asumas) e que, segundo ele, começa a valer ainda neste semestre.

“Muitos destes suinocultores usam dejetos da produção para adubação de pastagens e aproveitam para engordar bovinos nestas áreas. No acordo que já assinamos, a Asumas funcionará como uma espécie de associada guarda-chuva, nos pagando uma mensalidade. Dessa forma, seus associados passam a integrar a Novilho MS. Assim, quem entregar até 200 bovinos de qualidade/ano poderá vendê-los com bonificações”, explica.

Levando em conta essa atividade casada (produção de suínos e bovinos) e o momento da suinocultura em Mato Grosso do Sul, a iniciativa pode render bons frutos para a Novilho MS. De acordo com dados da Iagro (Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal), em 2024 MS abateu 3,39 milhões de suínos, número 7,1% superior a 2023 (3,17 milhões). A Asumas informa que o setor movimenta perto de R\$ 32 bilhões/ano. Só as exportações já ultrapassaram US\$ 37,9 milhões.

ra o produtor brasileiro que passará a receber mais pela arroba produzida em função da qualidade e da padronização de seu animal abatido”.

Indagado como pretende superar o desafio de levar a experiência da Novilho MS, com eficiência, para realidades distintas, em biomas diferentes, o presidente demonstra que não enxerga dificuldades intransponíveis: “O franchising faz todo este ajuste. O importante é que os franqueados sigam determinadas regras e consigam vender um produto de qualidade, padronizado e com regularidade. É isso que a indústria deseja. E nós temos o know-how de negociar com os frigoríficos, direcionar nossa produção, entregar uma carne de qualidade e garantir melhor remuneração ao associado”.

**REUNIÃO.** O encontro anual da Novilho MS, que reúne associados e convidados, sempre apresentou resultados, inovações e exemplos de eficiência na pecuária. Neste ano, com sua realização dentro da programação e no

âmbito da Expogrande 2025, ganhou mais holofotes. Nem o horário inicial (6h45min) previsto na programação, afastou o público. Ao contrário, a turma chegou cedo e lotou (perto de 1.000 pessoas, segundo a organização) o Tatersal 2 do Parque Laucídio Coelho, na capital sul-mato-grossense.

Além da atualização de dados e apresentação de novos projetos e ações, a reunião contou com uma variada programação técnica. O analista de mercado, Hyberville Neto, por exemplo, abriu o sorriso dos pecuaristas ao projetar uma arroba na casa de R\$400 nos próximos dois ou três anos. Enquanto isso, o especialista em gestão, Ricardo Arantes, abordou uma velha pedra no sapato da agropecuária brasileira: a comunicação (ou a má condução dela). Dessa vez, porém, abordou o assunto no âmbito interno das propriedades rurais.

Fechando os painéis, antecedendo uma mesa redonda, o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Kenneth Corrêa, tocou em assunto

assustador para alguns e muito festejado para muitos: a inteligência artificial generativa aplicada na pecuária. Segundo ele, a ferramenta já pode ser usada, dentre outras coisas, na interpretação de boletins técnicos, no plano de manejo nutricional, na análise de dados de produtividade, na elaboração de contratos e orçamentos, no desenvolvimento de plano anual de rotação e na criação de marcas para produtos e raças.

O interessado em conhecer mais sobre a Novilho MS pode acessar seu website - [www.novilhoms.com.br](http://www.novilhoms.com.br) - além de suas redes sociais. Outra boa opção é mergulhar em sua trajetória através do livro lançado em 2023 - “Associação Sul-Mato-Grossense de Produtores de Novilho Precoce - 25 anos de uma história de pioneirismo, conquistas e superações” - obra conduzida pela jornalista Fernanda Nascimento e que pode ser baixada pelo seguinte link: [https://drive.google.com/file/d/1Z58O\\_Jhy6z5IEDYQCvtTaV-ddgF1Vk8iQ/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Z58O_Jhy6z5IEDYQCvtTaV-ddgF1Vk8iQ/view?usp=sharing) ■

**ANIMAIS PRECOSES.** DE CRUZAMENTO INDUSTRIAL, EM FAZENDA ASSOCIADA À NOVILHO MS NO MUNICÍPIO DE CAMAPUÁ (MS)



# LEVEDURA PROBIÓTICA PARA SAÚDE RUMINAL

ESTUDO APONTA IMPACTOS POSITIVOS DO USO DE CEPAS ESPECÍFICAS DE *SACCHAROMYCES CEREVISIAE* E *SACCHAROMYCES BOULARDII* NA PRODUÇÃO DE LEITE, NO BEM-ESTAR ANIMAL E NA EFICIÊNCIA ALIMENTAR

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

A utilização de leveduras probióticas na nutrição de bovinos leiteiros vem ganhando espaço como estratégia para melhorar a saúde ruminal, a produtividade e a sustentabilidade da produção. Levedura probiótica é definida como um microrganismo vivo, eucarioto e unicelular, pertencente ao reino Fungi, cuja cepa específica deve apresentar benefícios compro-

vados em estudos científicos controlados. No caso da produção leiteira, a *Saccharomyces cerevisiae* é a espécie mais amplamente estudada, com ação relevante no rúmen dos animais.

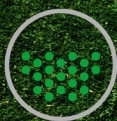
A atuação das cepas probióticas de levedura viva ocorre por três mecanismos principais: competição com bactérias produtoras de lactato ruminal; consumo de oxigênio residual no rúmen; e estímulo ao crescimento de

bactérias que convertem lactato em propionato. Já outra espécie, a *Saccharomyces boulardii*, apresenta efeitos distintos em ruminantes, com ação predominante no intestino pelo estímulo à produção de proteínas de adesão dos enterócitos, degradação de toxinas de *Clostridium* e modulação positiva da resposta imune intestinal.

Na prática, é fundamental diferenciar entre leveduras vivas e inati- ►



RUMEN



SPECIFIC

# Levucell<sup>SC</sup>

## naturalmente mais produtivo



**LEVUCCELL SC**, levedura viva específica do rúmen **melhora o rendimento do leite em até 6%** e a eficiência alimentar em até 7%.

Temos a ciência para provar isso.

**LEVUCCELL SC. Nenhuma outra levedura funciona da mesma forma!**



**Levucell<sup>SC</sup>**  
Levedura Específica para Ruminantes

LALLEMAND ANIMAL NUTRITION



*Nem todos os produtos estão disponíveis em todos os mercados, nem todas as reivindicações são permitidas em todas as regiões.*

vas na alimentação de ruminantes. As leveduras vivas têm função probiótica, enquanto as inativas — entre elas, leveduras autolisadas, hidrolisadas ou enriquecidas com minerais — oferecem outros benefícios nutricionais, como fonte de proteína ou minerais orgânicos. Cada tipo de processamento da levedura resulta em diferentes aplicações e propriedades para a formulação de dietas.

Entre os benefícios diretos da suplementação com levedura viva na dieta de vacas leiteiras, destaca-se o controle do pH ruminal. Ao reduzir a produção de lactato e promover sua conversão em propionato, além de reduzir o oxigênio residual no rúmen, cria-se um ambiente mais favorável ao desenvolvimento de microrganismos fibrolíticos. Essa melhoria na fermentação da fibra possibilitou a criação de novos submodelos nutricionais, valorizando a energia proveniente da fibra e, conseqüentemente, aumentando a eficiência alimentar dos bovinos.

Segundo Lucas Mari, médico-veterinário, doutor em Ciência Animal e Pastagens e gerente de Suporte Técnico América do Sul da Lallemand Animal Nutrition, o uso da levedura viva probiótica também impacta diretamente na produção diária de leite e nos teores de gordura e proteína. “Pelo maior controle de pH e aumento da digestibilidade da fibra e da dieta, há maior disponibilidade de energia líquida para lactação. O aumento do teor de gordura do leite ocorre pela maior produção de acetato ruminal, enquanto o teor de proteína é favorecido pelo crescimento do número de microrganismos ruminais e, conseqüentemente, maior aporte intestinal de proteína metabolizável, de alto valor nutricional”, explica.

Além dos efeitos produtivos, a suplementação contínua de levedura viva também atua positivamente sobre a imunidade dos animais. De acordo com Lucas, é importante destacar que o objetivo não é estimular de forma constante o sistema imune, evitando gasto energético desnecessário. “Estudos mais recentes mostram que a suplementação com levedura viva, especialmente o *Saccharomyces boulardii*, pode modular a resposta imune em fases críticas, como o pré-parto e a transição, momentos



LUCAS MARI É MÉDICO-VETERINÁRIO, DOUTOR EM CIÊNCIA ANIMAL E PASTAGENS E GERENTE DE SUPORTE TÉCNICO AMÉRICA DO SUL DA LALLEMAND ANIMAL NUTRITION

de maior desafio sanitário para as vacas leiteiras”, ressalta o especialista.

De acordo com o especialista, a levedura probiótica também contribui para a melhoria da conversão alimentar e para a redução das emissões de metano por unidade de produto. “Em uma metanálise realizada com diferentes estudos e dietas, vacas suplementadas com Levucell SC apresentaram melhor eficiência alimentar, produzindo 50 g de leite a



A LEVEDURA PROBIÓTICA TAMBÉM CONTRIBUI PARA A MELHORIA DA CONVERSÃO ALIMENTAR E PARA A REDUÇÃO DAS EMISSÕES DE METANO POR UNIDADE DE PRODUTO ANIMAL (LEITE OU CARNE)

mais para cada quilograma de matéria seca ingerida. Quanto à emissão de metano, houve uma produção menor por quilo de leite produzido, reforçando o papel da levedura na sustentabilidade da produção”, informa.

Dentro das estratégias de produção sustentável e uso racional de insumos, a suplementação com levedura viva se destaca por ser um aditivo natural e alinhado às exigências ambientais. “A levedura pode substituir antibióticos promotores de crescimento em monogástricos e antimicrobianos ionóforos ou não. Além disso, realizamos a análise do ciclo de vida com empresa de auditoria externa, o que nos permite fornecer dados precisos sobre a pegada de carbono da nossa levedura viva para empresas que necessitem dessas informações”, afirma.

Quanto à fase produtiva mais indicada para o início da suplementação, o Lucas orienta que o uso pode ser contínuo, independentemente do estágio de lactação. “Se fosse para estabelecer um momento inicial, recomendaria o pré-parto, permitindo a adaptação da microbiota ruminal e preparando melhor os animais para a fase crítica de transição, quando há maior aporte de carboidratos fermentescíveis no rúmen”, recomenda.

Sobre ajustes na formulação de dieta, não há necessidade obrigatória de alterações, mas que a levedura pode ser utilizada de forma estratégica. “Ela pode ser incluída ‘on top’, esperando ganhos de produção de leite; também pode permitir ajustes na dieta mantendo o custo, substituindo carboidratos amiláceos por fontes de fibra; ou ainda ser usada para reformular a dieta mantendo o nível energético, independentemente do custo dos ingredientes”, detalha.

O custo da suplementação também é um fator positivo. “O valor médio para vacas leiteiras varia entre R\$ 0,15 e R\$ 0,20 por vaca ao dia. Mesmo com a oscilação do preço do leite ao longo do ano, o retorno é positivo apenas considerando o aumento de produção, sem contar os benefícios adicionais de saúde e bem-estar animal”, finaliza Lucas que indica que, para avaliar o retorno do investimento, o principal indicador recomendado é o ganho em produção de leite e melhor eficiência alimentar. ■

# EMPRESAS DE **INGREDIENTES, ADITIVOS E FORMULAÇÕES** PARA A INDÚSTRIA DE NUTRIÇÃO ANIMAL E RAÇÃO EM GERAL

**SEU LUGAR É AQUI!**

## 16-18 SETEMBRO 2025

EXPO CENTER NORTE - PAVILHÃO BRANCO  
SÃO PAULO, BRASIL

### 2 EVENTOS EM 1



**FEED FORMULATION**  
**LATIN AMERICA 2025**

EM PARALELO COM



**SEJA UM EXPOSITOR!**

Entre em contato para reservar o seu Stand!

VEJA COMO FOI A ÚLTIMA EDIÇÃO



CRENCIAMENTO GRATUITO



victamlatam.com  
feedformulationlatam.com.br

+55 11 93536-7785  
victamlatam@interlinkexhibitions.com  
feed@interlinkexhibitions.com

# TRANSFORMANDO O FUTURO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA

**BRS GUATÃ** É A NOVA PROMESSA PARA PASTAGENS E CONTROLE DE NEMATÓIDES

**GLAUCIA BEZERRA, ESPECIAL PARA FEEDFOOD**

[gluciapbezerrasantos@gmail.com](mailto:gluciapbezerrasantos@gmail.com)

Imagine uma solução que não apenas ajude a recuperar pastagens degradadas e nutra o gado durante a seca, mas também combata um dos maiores vilões da agricultura brasileira, os nematoides. É isso que a cultivar BRS Guatã promete oferecer ao setor produtivo. Desenvolvida pela Embrapa, essa variedade de feijão guandu é capaz de transformar o solo, tornando-o mais fértil, ao mesmo tempo em que protege culturas como soja e cana-de-açúcar de parasitas que causam danos milionários à agricultura.

A cultivar BRS Guatã foi criada pela Embrapa Pecuária Sudeste (SP) com um foco claro: ajudar a combater os nematoides que atacam as principais culturas agrícolas do Brasil. Esses parasitas são responsáveis por um prejuízo anual de aproximadamente R\$ 35 bilhões à agricultura nacional, conforme dados da Sociedade Brasileira de Nematologia (SBN). Eles afetam plantas como soja, cana-de-açúcar e feijão, que têm grande relevância econômica, retirando nutrientes das raízes e causando danos



estruturais que comprometem a produção.

Entre as diversas propriedades da BRS Guatã,

o controle dos nematoides se destaca como seu principal benefício. A cultivar tem mostrado eficácia no combate a quatro dos nematoides mais comuns, especialmente aqueles que atacam a soja e a cana-de-açúcar: *Pratylenchus brachyurus*, *P. zaei*, *Meloidogyne javanica* e *M. incógnita*. Essas pragas, conhecidas por suas larvas que penetram nos tecidos das raízes, formam tumores e até atingem as folhas, flores e frutos, comprometendo a saúde da planta e, consequentemente, o rendimento das lavouras.

Rodolfo Godoy, pesquisador aposentado da Embrapa e responsável pelo desenvolvimento da BRS Guatã, destaca o longo caminho percorrido até a criação dessa cultivar. “Foram anos de trabalho até chegar a essa cultivar. O potencial para controlar nematoides é sua principal característica, pelos danos que causam à agropecuária nacional. Além da soja e da cana-de-açúcar, parasitam também lavouras de feijão”, explica Godoy. Ele ainda lembra que, embora outras plantas como as crotalárias também ajudem no controle de nematoides, a BRS Guatã se destaca por oferecer outros benefícios adicionais. Além do controle biológico, ela é capaz de descompactar o solo, contribuir para a alimentação do gado e oferecer cobertura para a terra, ajudando na manutenção da qualidade do solo ao longo do tempo.

O PESQUISADOR DA EMBRAPA  
**FREDERICO DE PINA MATTA**

**Essas vantagens tornam a BRS Guatã uma alternativa promissora para os agricultores e pecuaristas que buscam não apenas controlar pragas, mas também melhorar as condições do solo e da produção de alimentos.**

A cultivar BRS Guatã se destaca como uma ferramenta poderosa no combate aos nematoides, pois impede a multiplicação desses parasitas. Além desse benefício, ela se revela uma aliada da sustentabilidade na pecuária, favorecendo a saúde do solo, reduzindo a necessidade de agrotóxicos e fertilizantes e ampliando a produtividade animal.

Sua aplicação tem mostrado resultados promissores em várias regiões do Brasil, como o Sudeste e o Centro-Oeste, áreas nas quais a BRS Guatã pode ser utilizada para intensificar a pecuária de maneira equilibrada e sustentável, integrando alta produtividade com respeito ao meio ambiente.

De acordo com Ademilson Facholli, presidente da Associação para o Fomento à Pesquisa de Melhoramento de Forrageiras (Unipasto) e proprietário da Sementes Facholli — primeira empresa a multiplicar as sementes da BRS Guatã —, a cultivar tem grande potencial na reforma de canaviais, particularmente na cultura da cana-de-açúcar. Facholli vê

## BRS GUATÃ: BENEFÍCIOS PARA A PECUÁRIA

### ■ ALIMENTAÇÃO ANIMAL

Com 15% de proteína, é uma alternativa de baixo custo para suplementação volumosa de bovinos na seca, ajudando a aumentar a taxa de lotação por hectare e promovendo maior ganho de peso dos animais.

### ■ COBERTURA E ADUBAÇÃO VERDE

Indicada para rotação com outras culturas, ela também é eficaz na produção de cobertura morta e adubação verde.

### ■ ALTA TOLERÂNCIA AO DÉFICIT HÍDRICO

Em testes, produziu 3 toneladas de massa seca por hectare em sequeiro e 3,3 toneladas com irrigação, demonstrando resiliência a diferentes condições climáticas.

Fonte: Embrapa Pecuária Sudeste

o material como muito promissor e, em sua empresa localizada em Santo Anastácio, no interior de São Paulo, já há 50 toneladas de sementes à disposição para comercialização.

**EFICIÊNCIA NO CAMPO.** A cultivar BRS Guatã apresenta ciclo vegetativo mais curto em relação a outras variedades de guandu, como a BRS Mandarin. De acordo com Frederico de Pina Matta, pesquisador da Embrapa, essa diferença antecipa a formação de forragem, pois o pico de consumo animal ocorre durante o florescimento. A BRS Guatã floresce cerca de 30 dias antes da Mandarin e apresenta rápida velocidade de estabelecimento no campo.

Outro diferencial apontado por Frederico é o porte e a estrutura da planta: a BRS Guatã possui altura intermediária e caules mais finos e flexíveis, o que facilita a condução dos tratamentos culturais, tornando o manejo mais prático e eficiente. ►



ciente em comparação à BRS Mandarin.

Quando utilizada em sistemas integrados com a soja, a cultivar também traz benefícios extras. Ela não serve de hospedeira para o fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causador da ferrugem asiática da soja, e apresenta resistência moderada à *Macrophomina phaseolina*, responsável pela podridão do caule.

A BRS Guatã também se destaca pela alta produção de matéria seca, uma característica que impulsiona a produtividade tanto de pastagens quanto de culturas anuais. Por meio da prática de adubação verde, essa cultivar é capaz de fornecer entre 80 e 120 kg de nitrogênio por hectare, promovendo a ciclagem de nutrientes essenciais para a saúde do solo. Durante a decomposição da biomassa, elementos como nitrogênio, fósforo, potássio e diversos micronutrientes são liberados, favorecendo as lavouras implantadas em seguida.

Outro ponto forte da BRS Guatã é sua versatilidade: além de seus usos na alimentação animal e no controle de pragas, pode atuar como planta de proteção e sombreamento em sistemas que envolvam culturas como o café e espécies frutíferas. Com esse conjunto de atributos, a BRS Guatã surge como uma importante aliada da agricultura brasileira, integrando produtividade, manejo sustentável e fortalecimento dos sistemas produtivos.

Em um contexto de instabilidade climática crescente, a BRS Guatã se apresenta como uma alternativa estratégica para produtores rurais. A cultivar demonstrou elevada tolerância ao déficit hídrico, alcançando produção de três toneladas de massa seca por hec-



tare em regime de sequeiro — resultado comparável ao obtido com irrigação. Essa resiliência é um diferencial relevante diante da previsão

de secas mais intensas e frequentes.

Além da tolerância à falta de água, o Guatã compartilha uma característica comum às leguminosas: a capacidade de se associar a bactérias fixadoras de nitrogênio. Esse processo natural reduz a necessidade de fertilizantes nitrogenados, insumos cuja produção está atrelada ao uso de combustíveis fósseis e à emissão de gases de efeito estufa.

Combinando resistência climática e benefícios ambientais, a BRS Guatã reforça seu papel como ferramenta para tornar a pecuária mais sustentável. Sua contribuição também está alinhada à Agenda da Embrapa e aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente nas metas relacionadas ao enfrentamento das mudanças climáticas e à promoção da segurança alimentar. ■

**O BRS GUATÃ TEM FLORESCIMENTO CERCA DE 30 DIAS MAIS CEDO QUE O GUANDU BRS MANDARIM.** NA FOTO ACIMA, SEMENTE DE GUATÃ

## PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO BRS GUATÃ

**1** Resistência aos nematoides *Pratylenchus brachyurus*, *P. zaeae*, *Meloidogyne javanica* e *M. incognita*.

**2** Alta produção de matéria seca.

**3** Florescimento precoce: cerca de 30 dias antes do guandu BRS Mandarin.

**4** Porte intermediário e caules mais finos e flexíveis, facilitando o manejo no campo.

**5** Fixação biológica de nitrogênio, contribuindo para a fertilidade do solo.

**6** Não é hospedeiro do fungo causador da ferrugem asiática da soja (*Phakopsora pachyrhizi*).

**7** Boa capacidade de descompactação do solo.

**8** Alternativa para alimentação animal e recuperação de pastagens degradadas.

**9** Indicado também como planta de cobertura e sombreamento para culturas como café e frutíferas.

Fonte: Embrapa Pecuária Sudeste



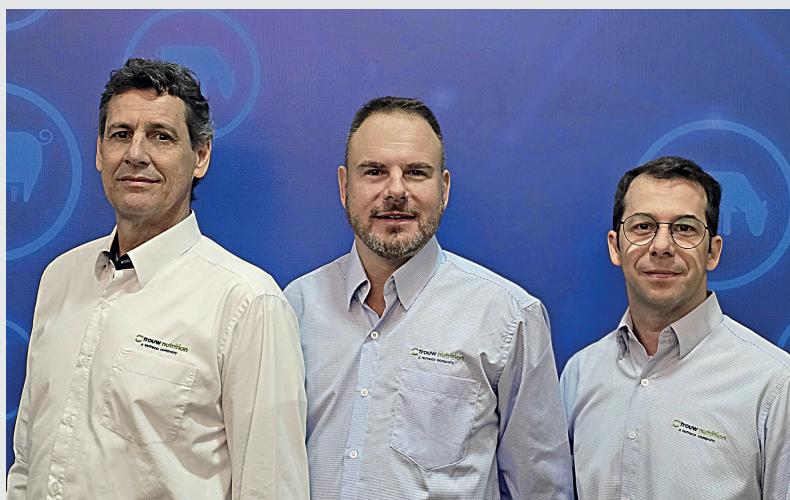
# TROUW NUTRITION LANÇA PRODUTOS E SERVIÇOS COM FOCO EM MELHOR DESEMPENHO NO CAMPO

*MELHOR DIGESTIBILIDADE, SAÚDE ANIMAL, EFICIÊNCIA ALIMENTAR E RENTABILIDADE ESTÃO NO FOCO DE ATUAÇÃO DAS INOVAÇÕES APRESENTADAS PARA A EQUIPE DE VENDAS EM CONVENÇÃO NACIONAL*

**M**elhor digestibilidade, saúde intestinal e eficiência alimentar, com a consequente melhora na rentabilidade do campo, são o foco de atuação de produtos e serviços lançados pela Trouw Nutrition para os segmentos de ruminantes e monogástricos em convenção nacional de vendas. Com as mais recentes pesquisas em nível global e conhecimento sobre as mais importantes necessidades do campo, um dos destaques será uma ferramenta digital para uso exclusivo de alguns pecuaristas, anunciou o diretor de Negócios de Ruminantes da Trouw Nutrition, Francisco Olbrich. “Posso adiantar que é uma ferramenta inovadora, com grande potencial para apoiar o produtor e o nosso time”, afirma o executivo.

O head de Marketing Estratégico da Trouw Nutrition na América Latina, Frederico Glaser, ressalta a inovação desta tecnologia. “Estamos desenvolvendo uma ferramenta moderna e inovadora, criada para transformar a gestão da fazenda: mais prática, precisa e conectada com o dia a dia do confinador e da equipe de campo. Sabemos que pecuária de precisão não precisa ser complicada — ela precisa ser efetiva, prática e gerar resultado. Estamos desmistificando o conceito de pecuária de precisão a ponto de fazer parte da rotina da fazenda, e isso certamente se reflete em aumento de lucratividade. A ferramenta que vamos lançar trará justamente esta proposta”, pontua.

Outra novidade será uma nova linha de produtos para a marca Bellman direcionada para confinamentos com



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: FRANCISCO OLBRICH, FREDERICO GLASER E EMANUEL OLIVEIRA

tecnologias avançadas para melhorar o desempenho, salientou o gerente de Produtos para Ruminantes da Trouw Nutrition, Emanuel Oliveira. “São três produtos para recria e engorda confinada; um outro para produção de proteico e proteico energético. E, como a gente vê um aumento crescente da matéria-prima DDG, desenvolvemos alguns produtos específicos para a utilização de DDG”, explica. Ele afirma que a novidade “trará benefício para o produtor e para os sistemas produtivos ligados à produção pecuária”.

Oliveira reiterou que a empresa trabalha conjuntamente com as tecnologias nutricionais e o suporte técnico. “Trabalhamos três pilares: assistência técnica, ferramentas tecnológicas para melhoria da eficiência dos sistemas produtivos, e elementos ou nutrientes que, efetivamente, influenciam no de-

sempenho do animal. Portanto, todo esse pacote tecnológico posiciona a Trouw Nutrition como uma das principais empresas de tecnologia dentro do cenário de nutrição animal e produção de bovinos de corte no país”, conclui.

A Trouw Nutrition realizou a sua Convenção Nacional de Vendas no início deste mês de maio, no Club Med, em Mogi das Cruzes (SP). O encontro reuniu representantes de todas as regiões do Brasil com o propósito de reconhecer conquistas, fortalecer conexões e apresentar novas soluções nutricionais e tecnológicas para o agronegócio. Além da bovinocultura, Olbrich disse que o evento também contempla a área de aves e suínos. Para ele, a convenção é um momento de celebração e preparação: “A gente traz coisas novas, informações de mercado e promove um network bacana entre o time”, encerra. ■



# ENQUANTO ELES COMEM, A GENTE PRODUZ!

**A** melhora nos custos dos insumos associada às sinalizações preliminares apontando para a reversão do ciclo pecuário impulsionaram uma reação importante em diversos segmentos que culminou na produção de aproximadamente 91 milhões de toneladas no ano passado. Ato contínuo, a estimativa é produzir cerca de 94 milhões de toneladas e avançar 3% durante o ano de 2025.

Ainda em 2024, as rações destinadas aos frangos de corte representaram 36,9 milhões de toneladas, enquanto para as poedeiras somaram 7,18 milhões de toneladas. A produção de 14,9 milhões de toneladas de carne de frango foi sustentada, tanto pelo consumo interno, quanto pelas exportações que superaram 5 milhões de toneladas, posicionando o Brasil como maior exportador mundial. A perspectiva é que o setor de frangos de corte, motivado pela demanda externa, especialmente da Ásia e do Oriente Médio, cresça moderadamente durante o ano de 2025 e venha demandar 37,9 milhões de toneladas em 2025.

O setor de postura, por sua vez, teve desempenho positivo e o consumo interno voltou a crescer em 2024, sendo que as exportações, embora ainda muito modestas, tiveram incremento importante, especialmente endereçadas aos países da América Latina. A produção de ovos continua avançando em resposta ao aumento de consumo doméstico e fomentando a demanda por rações que deve atingir 7,35 milhões de toneladas em 2025.

A suinocultura consumiu 21,6 milhões de toneladas de rações em 2024, por conta da crescente produção de carne suína que aproveitou a combinação dada pelos custos de produção mais controlados e do mercado externo favorável, somando 5,4 milhões de toneladas e mais de 1,2 milhão de toneladas exportadas para a China, Chile, Hong Kong e

outros países. A tendência de crescimento da atividade, apesar de mais contida, poderá ainda resultar na demanda de 22 milhões de toneladas de rações em 2025.

O segmento de bovinos de corte ganhou relevância e consumiu 7,2 milhões de toneladas de rações em 2024, impulsionado pelo avanço dos regimes de confinamento e semiconfinamento e resultantes da adoção crescente da pecuária intensiva como estratégia para otimização da produção e manutenção do status do maior exportador mundial de carne bovina. Ao longo de 2025, a produção de rações para bovinocultura de corte deve superar 7,7 milhões de toneladas.

Por sua vez, as vacas em lactação consumiram 7,1 milhões de toneladas de rações em 2024, em resposta à produção de 33,3 bilhões de litros de leite. A consolidação de grandes produtores e a automação dos sistemas são tendências importantes, assim como a busca por maior eficiência alimentar, o que deve culminar na demanda de 7,3 milhões de toneladas de rações para a bovinocultura leiteira em 2025.

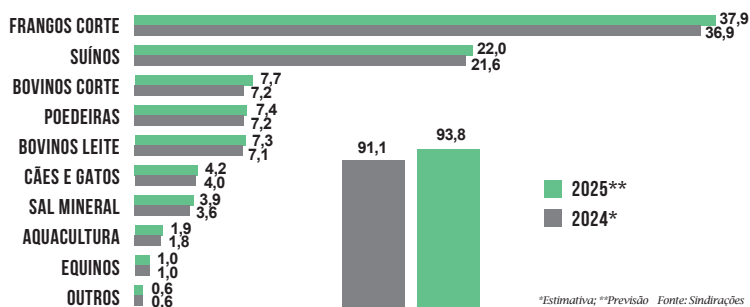
Os cães e gatos consumiram 4 milhões de toneladas de alimentos industrializados em 2024, por conta do aumento

orgânico da sua população e pelo fenômeno da humanização. Embora boa parcela dos tutores tenha optado por apresentações ajustadas às finanças orçamentárias mais comprometidas, diferentes alternativas de maior valor agregado vêm sendo disponibilizadas, com destaque para as formulações funcionais, sem grãos, e personalizadas por portes e raças. Durante o ano de 2025, a demanda por alimentos para cães e gatos deve somar aproximadamente 4,2 milhões de toneladas.

As estimativas apontam que o setor de equinos consumiu 999 mil toneladas de rações, sobretudo os cavalos voltados ao esporte e ao lazer, que somados àqueles de trabalho e criação, constituem a tropa de cerca de 5,8 milhões de cabeças. A crescente profissionalização do manejo e a nutrição que avança continuamente deve permitir sensível avanço na demanda e resultar na produção de mais de 1 milhão de toneladas de rações em 2025.

A aquicultura demandou 1,79 milhão de toneladas de rações ao longo de 2024, sendo 1,57 milhão destinadas aos peixes e 0,23 milhão aos camarões. Apesar do excesso de oferta e queda nos preços durante boa parte do ano, a tilapicultura registrou índice recorde nas exportações, favorecido pela retirada da exigência do Certificado Sanitário Internacional para remessas aos Estados Unidos. A carcinicultura, por sua vez, continua focada no mercado doméstico, cujo produto é consumido como iguaria. A atividade, inclusive, tem migrado para regiões de baixa salinidade, já que a eficiência zootécnica e alimentar é prioritária para manutenção da competitividade e obtenção de camarões maiores e de mais valor. Em 2025, estima-se o consumo de 1,87 milhão de toneladas de rações para aquicultura, sendo destinadas 1,63 milhão para peixes e 0,24 milhão para camarões. ■

## PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO ANIMAL (MILHÕES TONS)



\*Estimativa; \*\*Previsão Fonte: Sindrirações

# Vidara

DIVISÃO AQUA

AUMENTE A EFICIÊNCIA E PRODUTIVIDADE



Aditivos



Ingredientes proteicos



Aglutinantes



Minerais



Aminoácidos



Premix



Fitogênicos



Vitaminas

Mais que um fornecedor,  
um parceiro para a vida!



[www.vidara.com/br](http://www.vidara.com/br)



+55 11 3109-2000

# Vidara

PARTNERING FOR LIFE

# ECR 2025: O FUTURO DA PECUÁRIA PASSA POR AQUI

COM RECORDE DE PÚBLICO, EVENTO REALIZADO EM RIBEIRÃO PRETO (SP) REÚNE MAIS DE 1.300 PARTICIPANTES DO BRASIL E DA AMÉRICA DO SUL, CONGREGANDO PALESTRAS TÉCNICAS E UMA FEIRA DE NEGÓCIOS COM OS PRINCIPAIS PLAYERS PARA DISCUTIR OS RUMOS DA PECUÁRIA, COM FOCO EM TECNOLOGIA, GESTÃO, NUTRIÇÃO E MERCADO

JULIANA ANTONANGELO, DE RIBEIRÃO PRETO (SP)

O Encontro de Confinamento e Recriadores da Scot Consultoria (ECR), realizado entre os dias 8 e 11 de abril de 2025, em Ribeirão Preto (SP), reuniu mais de 1.300 participantes de diversas regiões do país e América do Sul. O evento destacou temas estratégicos para a cadeia da pecuária de corte, passando por mercado, exportações, nutrição animal, tecnologia e bem-estar no confinamento. A programação reuniu palestrantes renomados do setor, representantes do governo e técnicos especializados, com painéis que estimularam reflexões profundas sobre o presente e o futuro da pecuária brasileira.

Para o diretor e fundador da Scot Consultoria, Alcides Torres, o evento

reafirma sua importância técnica e estratégica. Ele destaca que a gestão pecuária exige constância e decisões baseadas em dados próprios: “O fazendeiro precisa de números, de preferência números gerados por ele mesmo, sobre a empresa dele, a fazenda dele.” Sobre o recorde de público, acrescenta: “Significa que o mercado reconhece um trabalho sério, de qualidade, constante, perene, e que a gente leva informação, uma informação que provoca a pessoa que tem que decidir a pensar bem a respeito.”

O zootecnista e coordenador da equipe de inteligência de mercado da Scot Consultoria, Felipe Fabbri, abriu o segundo dia de conferência, apresentando um panorama da pe-

cuária nacional. Ele lembrou que os principais fornecedores externos do Brasil são países vizinhos do Mercosul — Uruguai, Paraguai e Argentina — cujas carnes chegam ao país sem tarifa. Ainda assim, a dependência é ínfima. Segundo o analista, o Brasil é autossuficiente e continua aumentando sua produção de carne.

Fabbri também chamou atenção para a força das exportações brasileiras, que cresceram 26% em 2024 em relação ao ano anterior. “O Vietnã abriu recentemente seu mercado para nossa carne, e o México tem ganhado relevância nos últimos três anos”, disse. China e Estados Unidos seguem como os principais destinos da carne brasileira, mesmo diante de tensões comerciais entre





O DIRETOR E FUNDADOR DA SCOT CONSULTORIA, **ALCIDES TORRES**, DESTACA QUE A GESTÃO PECUÁRIA EXIGE CONSTÂNCIA E DECISÕES BASEADAS EM DADOS PRÓPRIOS

os dois gigantes. “Essa guerra comercial pode até beneficiar o Brasil”, observou.

Complementando a análise, a analista de mercado Juliana Pina ressaltou que as exportações já representam cerca de 35% da produção nacional. “Temos um mercado internacional muito demandante e bastante diversificado”, pontuou. O também analista da Scot Consultoria, Pedro Gonçalves, abordou a relação entre exportações e consumo interno, afastando temores de desabastecimento. “A oferta interna aumentou mesmo com o crescimento das exportações. O consumo de carne bovina segue estável, ainda que com mudança no tipo de corte consumido pelas diferentes classes sociais.”

Uma das falas mais aguardadas do evento foi a do secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Luis Rua. Ele trouxe uma visão macroeconômica do setor e atualizou os participantes sobre os avanços no acesso da carne bovina brasileira a mercados internacionais.

“A carne bovina representa 7% de tudo o que exportamos no setor agropecuário”, disse Rua. Ele observou que a carne de frango está muito próxima (6%) e a suína responde por cerca de 2%, somando entre as três proteínas cerca de 15% a 16% das exportações agropecuárias brasileiras.

Ao comentar sobre os destinos da carne brasileira, Rua afirmou: “Hoje, 47% da nossa carne bovina vai para a China, e 11% para os Estados Unidos”. Ele destacou a confiança internacional no Brasil pela sua sanidade e estabilidade. “O Brasil entrega es-



**FELIPE FABRI**, COORDENADOR DA EQUIPE DE INTELIGÊNCIA DE MERCADO DA SCOT CONSULTORIA, AFIRMOU, EM SUA APRESENTAÇÃO, QUE A GUERRA COMERCIAL ENTRE CHINA E EUA PODE ATÉ BENEFICIAR O BRASIL

tabilidade, o Brasil entrega confiança, o Brasil entrega sanidade, vejam vocês a quantidade de enfermidades que tem pelo mundo hoje: influência aviária na Europa, peste suína africana lá na Ásia, EEB, aftosa e o Brasil é livre de todas essas doenças. A gente consegue estabelecer as condições para acessar os mercados da melhor forma possível sanitariamente falando”. Por fim, sobre o recente aumento tarifário norte-americano, Rua foi enfático: “Pode machucar, mas não nos mata. Temos acesso a mais de 150 mercados e capacidade de adaptação”.

Sobre a recria, assunto amplamente debatido no evento, o professor Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Júlio Barcellos, disse que o primeiro erro começa antes mesmo do desmame e cita que nos Estados Unidos há uma programação pré-confinamento. “Teríamos que fazer uma programação pré-desmama, com programas sanitários adequados. Hoje já temos insumos para compensar a ausência da mãe, precisamos compreender um pouco melhor isso. Uma programação da desmama, cuidando aspectos de natureza ambiental e sanitária, para deixar este metabolismo totalmente voltado para o desempenho, a partir de uma dieta apropriada, isso é o primeiro ponto”, mencionou.

Nesta perspectiva, o gerente de Unidade na Agropecuária Nelore Paranã, Hugo Savioli, também destacou que a recria precisa ser acelerada se a meta for entregar bois jovens e pesados ao confinamento. “Antes, um boi chegava com 15 arrobas aos 3 anos. Hoje, queremos isso aos 20 meses”, frisou e comentou que isso só é possível com re-

cria intensiva bem gerida. Nesse contexto ele disse que surge outra questão, a de que muitos ainda não medem o básico, nem envolvem seus gerentes ou colaboradores na estratégia, o que torna essa falta de gestão mais um desafio da recria.

Já o especialista em nutrição animal, Danilo Millen, fez uma provocação ao setor ao trazer o conceito de bem-estar nutricional. “O conceito de bem-estar já está batido. Mas o bem-estar nutricional é algo que ainda precisa ser discutido com profundidade”, afirmou. Segundo ele, dietas altamente energéticas e pobres em fibra, comuns em sistemas intensivos de confinamento, causam lesões no rúmen que podem comprometer a saúde dos animais a longo prazo.

Millen alertou que o setor deve se preparar para exigências cada vez mais rigorosas quanto às boas práticas de manejo e nutrição. “Com um nutricionista habilidoso, é possível manter, ou até aumentar o desempenho sem causar danos à saúde do animal.”

O evento encerrou com o tradicional Dia de Campo no Confinamento Monte Alegre, momento em que os participantes puderam acompanhar, na prática, as tecnologias, estratégias de manejo e resultados econômicos debatidos durante o ECR. A integração entre teoria e prática mais uma vez foi o ponto alto do encontro, que reforça o protagonismo do Brasil como referência em produção pecuária responsável, sustentável e competitiva. ■

# CMA ABRE SUAS PORTEIRAS E RECEBE MAIS DE MIL EM DIA DE CAMPO

DURANTE A VISITA TÉCNICA PROMOVIDA PELA SCOT CONSULTORIA, OS PARTICIPANTES CONHECERAM AS TECNOLOGIAS E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DO **CONFINAMENTO MONTE ALEGRE, EM BARRETOS (SP)**

JULIANA ANTONANGELO, DE BARRETOS (SP)

O Confinamento Monte Alegre (CMA), em Barretos (SP), abriu suas porteiras para receber participantes do Dia de Campo, evento que encerrou o Encontro de Confinamento e Recriadores da Scot Consultoria 2025, em 11 de abril.

Diversas estações da CMA puderam ser exploradas, incluindo a Agrícola, o Curral de Manejo, o Silo, a Fábrica de Ração, o Centro Integrado de Pesquisas (CIP) e a Fábrica de Micronutrientes. A programação apresentou a estrutura, as práticas de manejo e os investimentos em inovação e sustentabilidade que posicionam a CMA como referência no setor.

Um dos pilares da operação é a in-

tegração entre agricultura e pecuária. A produção de feno, milho, soja e amendoim abastece tanto o consumo interno do confinamento quanto, eventualmente, o mercado externo. “No feno, a produtividade média chega a duas toneladas por hectare, com até cinco cortes por ano em sistema de sequeiro”, destacou o responsável pela área, Nelson Neves.

Os cultivos são irrigados com um sistema de pivôs que utiliza água pluvial, reforçando o compromisso ambiental da empresa, que se estende para a compostagem. De acordo com Neves, “todo o esterco do confinamento é usado na compostagem para atender às necessidades das lavouras”. O com-

posto produzido é utilizado internamente e ainda não é comercializado.

Uma das estações que mais gerou interesse entre os participantes foi conhecer os bastidores da produção de dietas para os animais. “O nosso papel é fazer o boi engordar, e ele tem que fazer isso da maneira mais eficiente possível”, destacou o supervisor estatístico de custo de produção da CMA, Caio Teixeira. Segundo ele, a fábrica de ração possui capacidade de mistura de 60 toneladas/hora e a equipe realiza análises diárias dos insumos.

O supervisor ressaltou a importância da eficiência de fabricação e distribuição da dieta. “Queremos que o operador consiga colocar no mistu-



rador exatamente a quantidade prevista na formulação”, disse. E para incentivar a precisão, há programas de bonificação baseados em metas de desempenho. A pontualidade na distribuição das dietas é outro ponto crítico: “qualquer desvio exige uma reunião para entender e corrigir o problema”, detalhou Teixeira.

Além disso, são realizadas leituras frequentes dos cochos para ajustar rapidamente a quantidade de alimento disponibilizada e completou dizendo que “infraestrutura, tecnologia e informação são essenciais, mas o mais importante são as pessoas. Sem uma mão de obra qualificada e engajada, o processo não é perfeito”, concluiu Teixeira.

Outro destaque foi a visita à CMA Nutri, a nova fábrica de suplementos minerais. Segundo a supervisora de Produção e Desempenho, Patrícia Seixas Pires, “com o monitoramento rigoroso e aplicação de tecnologias comprovadas por pesquisa, oferecemos segurança alimentar tanto para o confinamento quanto, futuramente, para nossos clientes”, disse e explicou que “após a etapa de certificação pelo MAPA poderemos fornecer produtos para nossos parceiros, melhorando a recria e garantindo que os animais cheguem em melhor condição para o confinamento”.

Fechando o circuito de apresentações, Giovanni Gonçalves, responsável pela rastreabilidade e sanidade

**PATRÍCIA SEIXAS PIRES,**  
SUPERVISORA  
DE PRODUÇÃO E  
DESEMPENHO

**NELSON NEVES,**  
RESPONSÁVEL  
PELA ÁREA  
AGRICOLA



**CAIO TEIXEIRA,** SUPERVISOR  
ESTATÍSTICO DE CUSTO DE  
PRODUÇÃO DA CMA



**GIOVANNI GONÇALVES,** RESPONSÁVEL  
PELA RASTREABILIDADE  
E SANIDADE ANIMA



animal, apresentou o Centro Integrado de Pesquisas (CIP). “Cada animal que está aqui dentro tem um chip eletrônico”, explicou Giovanni. Segundo ele, a tecnologia permite o monitoramento automatizado do consumo de ração e de água, além do registro de peso diário dos animais. Deste modo, conseguem acompanhar a cur-

va de consumo do lote como um todo ou individualmente em cada animal.

Giovanni destacou ainda a importância das pesquisas realizadas no CIP: “Aqui é uma base. Podemos testar dietas, vacinas e medicamentos antes de expandir para o confinamento”. Para ele, a sanidade animal é o aspecto mais relevante do trabalho”, enfatizou.

## CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO

**COM** início nas práticas de confinamento no fim da década de 1990 para a terminação de animais próprios, a CMA viu sua capacidade de produção crescer de 450 cabeças para uma capacidade estática de 22 mil bovinos atualmente. São 158 piquetes, respeitando 13 m<sup>2</sup> por cabeça e um espaçamento de cocho de 0,33 me-

tro por animal, priorizando segurança alimentar, bem-estar e sustentabilidade em cada etapa do processo. A CMA conta com mais de 120 colaboradores treinados continuamente, reforçando a visão da empresa: crescer de forma responsável, respeitando o meio ambiente e o bem-estar animal.

Atualmente, a CMA trabalha com integração entre suas áreas agrícolas - pecuária e possui uma gestão comprometida com qualidade e sustentabilidade, tendo ficado entre os 7 melhores projetos de sustentabilidade ranhados pela Forbes.

A propriedade, localizada em Barretos (SP) possui diversas certificações, entre elas: Lista Traces, Global-Gap, Rainforest, Selo Verde e Aliança da Terra, Marfrig Club e Sisbov; Auditoria pe EY e WQS (Bem-estar único).

Além disso, possui sistema de lagoa de decantação com recalque do chorume para fertirrigação; Sistema de automação de trato em 100% dos currais; Programas de gestão SAP; Sistema Fotovoltaico com capacidade de produção de 75 mil kWh/mês e reservatórios de d'água com capacidade total de 1.700m<sup>3</sup>. ■

# BASE SÓLIDA E VISÃO DE LONGO PRAZO

**PECUÁRIA MODERNA** ASSUME O PROTAGONISMO FUNDAMENTADA EM PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

**CAROLINE MENDES**  
 caroline@dc7comunica.com.br

A última reunião da ASBRAM, realizada em abril, reforçou uma transformação que há tempos se desenhasse na pecuária brasileira. Longe de ser apenas uma atualização técnica sobre o momento do setor, o encontro serviu como espelho de um novo ciclo: mais racional, menos impulsivo, fundamentado em dados, ciência e planejamento estratégico. A fala do engenheiro agrônomo Maurício Palma Nogueira, uma das principais vozes do evento, traduziu bem esse ponto de virada. “Estamos diante de uma mudan-

ça de mentalidade. O que antes era intuição e reação, hoje dá lugar à análise, gestão e tomada de decisão baseada em fundamentos”, destacou.

Nogueira, que acompanha o setor há mais de duas décadas, traçou uma linha do tempo que ajuda a compreender esse momento. Ele lembrou como, no passado recente, o mercado reagia de maneira quase automática aos sinais de preço. Altas do boi geravam entusiasmo imediato, aumento na oferta de bezerras e intensificação dos investimentos. Porém, a ausência de previsibilidade fre-

quentemente levava a desequilíbrios e frustrações. “Essa volatilidade sempre foi uma característica da pecuária, mas agora os produtores estão mais atentos aos ciclos e menos vulneráveis ao efeito manada”, observa.

Segundo o especialista, os dados de abate, confinamento e produtividade revelam um setor mais prudente. A decisão de investir, re-

**A REUNIÃO DA ASBRAM, REALIZADA EM ABRIL, TROUXE À TONA NÃO APENAS NÚMEROS E ANÁLISES TÉCNICAS, MAS UMA VIRADA DE CHAVE NA FORMA COMO A PECUÁRIA NACIONAL COMEÇA A ENCARAR SEU FUTURO**





criar ou terminar animais no sistema intensivo não se dá mais apenas por expectativas de lucro imediato, mas pela leitura técnica do cenário, dos custos e das margens operacionais. “É uma pecuária que amadureceu. Isso ficou evidente após a fase desafiadora de 2023, quando muitos reduziram o ritmo, focaram em ajustar as contas e reorganizaram os sistemas produtivos”, relata.

**O VALOR DO INVISÍVEL.** Se a eficiência está no centro do novo ciclo da pecuária, o pasto deixou de ser coadjuvante e assumiu seu devido lugar no protagonismo do desempenho zootécnico. Nesse contexto, a palestra do professor sênior da ESALQ/USP, José Otávio Menten, provocou a plateia com uma questão que parecia simples, mas esconde complexidade e urgência: como garantir a sanidade das sementes forrageiras no Brasil?

Menten discorreu sobre a falta de regulamentações rigorosas e a baixa exigência do mercado quando se trata da qualidade das sementes de pastagens. Em muitos casos, o que se comercializa não atende a padrões mínimos de pureza ou viabilidade, comprometendo todo o ciclo produtivo. “Não se pode esperar eficiência de sistemas construídos sobre insumos de baixa qualidade. O pasto é tecnologia, e a semente é o início dessa tecnologia”, argumentou.

A crítica vem acompanhada de um apelo: é preciso construir um novo olhar sobre a formação de pastagens. A escolha das cultivares, o controle fitos-

sanitário, o manejo correto do solo e a fiscalização da origem e do tratamento das sementes devem integrar o mesmo pacote de atenção dedicado à nutrição, à genética e ao manejo animal. “O erro na base compromete todo o restante. Quando se negligencia a semente, compromete-se o desempenho do rebanho, a eficiência do sistema e a sustentabilidade da atividade”, pontua.

A ASBRAM, ciente dessa reali-

**ENCONTRO** SERVIU PARA REAFIRMAR O COMPROMISSO DO SETOR COM UMA NOVA MENTALIDADE, EM QUE CADA ELO DA CADEIA PRODUTIVA É REVISTO À LUZ DA EFICIÊNCIA, DA CIÊNCIA E DA SUSTENTABILIDADE

dade, tem reforçado a necessidade de pautar a temática de maneira mais incisiva junto aos produtores, técnicos e formuladores de políticas públicas. Trata-se de um elo muitas vezes invisível na cadeia, mas que carrega potencial transformador.

## INTEGRAÇÃO COMO PALAVRA-CHAVE

Tecnologia, nutrição e sanidade convergem para um novo modelo de produção

**TANTO** Nogueira quanto Menten convergiram em um ponto essencial: o futuro da pecuária passa pela integração. Dados, genética, nutrição, solo, sementes e gestão financeira não devem mais operar como compartimentos isolados. O novo ciclo exige visão sistêmica, com decisões articuladas e foco em produtividade sustentável.

O papel das tecnologias digitais é cada vez mais central nesse processo. Plataformas de monitoramento, análise de indicadores, inteligência de mercado e rastreabilidade permitem ao produtor enxergar o sistema de maneira integrada, corrigir rotas em tempo real e plane-

jar o crescimento com base em dados sólidos. “Não se trata apenas de intensificar, mas de intensificar com inteligência. Intensificar o que dá resultado e respeita os limites técnicos e ambientais do sistema”, afirma Nogueira.

Esse olhar ampliado exige também uma postura ativa frente aos desafios ambientais e à cobrança da sociedade por práticas sustentáveis. Redução de emissões, bem-estar animal, uso racional de recursos naturais e recuperação de áreas degradadas deixaram de ser pautas opcionais. São requisitos de competitividade, tanto no mercado interno quanto no externo. ■

# IQAQA E O FUTURO SUSTENTÁVEL DA AQUICULTURA BRASILEIRA

**FERRAMENTA DA EMBRAPA** AVANÇA COMO REFERÊNCIA PARA MENSURAR  
E COMUNICAR IMPACTOS AMBIENTAIS DA PRODUÇÃO AQUÍCOLA

MARCELO MACAUS, ESPECIAL PARA FEED&FOOD  
jornalistamacaus@gmail.com

Aquicultura brasileira tem passado por uma evolução silenciosa, porém estratégica: a incorporação de métricas e indicadores de sustentabilidade capazes de demonstrar, com base em dados, os impactos e os benefícios socioambientais da produção. Um dos nomes à frente desse movimento é a pesquisadora Janaína Kimpara, da Embrapa Digital (Campinas-SP), que esteve no IFC Amazônia para apresentar os avanços do Programa Embrapa de Gestão Sustentável da Aquicultura (PEGAA) e, sobretudo, a ferramenta IQAQUA, o Índice de Qualidade Ambiental para Aquicultura.

Durante palestra, Janaína explicou que o PEGAA foi criado pela Embrapa com o objetivo de cons-

truir um protocolo técnico-científico de avaliação da sustentabilidade da aquicultura. Ele parte do tripé da sustentabilidade — ambiental, social e econômica — e se apoia em metodologias reconhecidas, como Análise de Ciclo de Vida (ACV), Avaliação de Riscos Ambientais e zoneamento aquícola com geotecnologias.

Conforme a especialista, um dos principais desdobramentos do PEGAA foi o desenvolvimento do IQAQUA, o primeiro índice ambiental voltado exclusivamente para a realidade da aquicultura nacional. Ela acrescenta que a ferramenta consolida diferentes parâmetros ambientais em uma única métrica de fácil leitura e aplicação. Inspirado em índices semelhantes utilizados no setor de ►

saneamento (como o IQA das águas), o índice classifica a qualidade ambiental da atividade aquícola em faixas qualitativas: de ótima a péssima.

Entre os indicadores utilizados estão: qualidade da água (oxigênio dissolvido, temperatura, pH, turbidez, amônia, entre outros); uso de insumos (tipos e quantidades de ração, medicamentos e fertilizantes aplicados); eficiência produtiva (taxa de conversão alimentar [TCA], produtividade por área ou volume); gestão de resíduos (destino de efluentes e resíduos sólidos); interação com o entorno (uso do solo, vegetação ciliar, conflitos de uso com outras atividades) e aspectos sociais (geração de empregos, inserção em programas públicos e certificações).

Cada indicador recebe uma nota baseada em medições de campo, registros técnicos e boas práticas, explica Janaína Kimpara. Um algoritmo



**JANAÍNA KIMPARA** DESTACA QUE HÁ OUTROS DESAFIOS, COMO A PADRONIZAÇÃO DA COLETA DE DADOS, O ACESSO A TECNOLOGIAS DIGITAIS POR PEQUENOS PRODUTORES E A INTEGRAÇÃO DO IQAQUA A SISTEMAS DE CERTIFICAÇÃO RECONHECIDOS INTERNACIONALMENTE

## DADOS GERADOS AJUDAM GOVERNOS ESTADUAIS A DESENHAR POLÍTICAS MAIS PRECISAS PARA A REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL E PARA O LICENCIAMENTO DA AQUICULTURA

pondera os dados e gera uma pontuação final — uma espécie de “nota ambiental” da unidade produtiva.

A pesquisadora conta que o IQAQUA já foi aplicado em diferentes estados brasileiros, com destaque para polos produtores no Nordeste e no Sudeste. Em tilapiculturas de médio porte em Minas Gerais, por exemplo, a ferramenta ajudou a identificar pontos críticos no manejo de efluentes, permitindo que os produtores adequassem suas estruturas de decantação e obtivessem melhores notas ambientais em auditorias de exportação.

Já em projetos de aquicultura familiar no Acre e no Amazonas, o IQAQUA vem sendo utilizado para orientar políticas públicas de crédito e assistência técnica. Os dados gerados também ajudam governos estaduais a desenhar políticas mais pre-

## BENEFÍCIOS

**1 Melhoria contínua da produção:** ao identificar fragilidades ambientais, o produtor pode tomar decisões técnicas mais precisas e sustentáveis.

**2 Acesso a mercados diferenciados:** uma boa pontuação pode facilitar a entrada em cadeias que exigem rastreabilidade e comprovação de sustentabilidade.

**3 Aproximação com o consumidor:** o índice serve também como ferramenta de comunicação, traduzindo sustentabilidade em linguagem acessível.

**4 Facilita o licenciamento:** ao demonstrar conformidade com exigências ambientais, o IQAQUA pode acelerar o processo de regularização da atividade.

cisas para a regularização ambiental e o licenciamento da aquicultura.

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS.** A pesquisadora Janaína Kimpara destacou, ainda durante o IFC Amazônia, que há outros desafios importantes, como a padronização da coleta de dados, o acesso a tecnologias digitais por pequenos produtores e a integração do IQAQUA a sistemas de certificação reconhecidos internacionalmente.

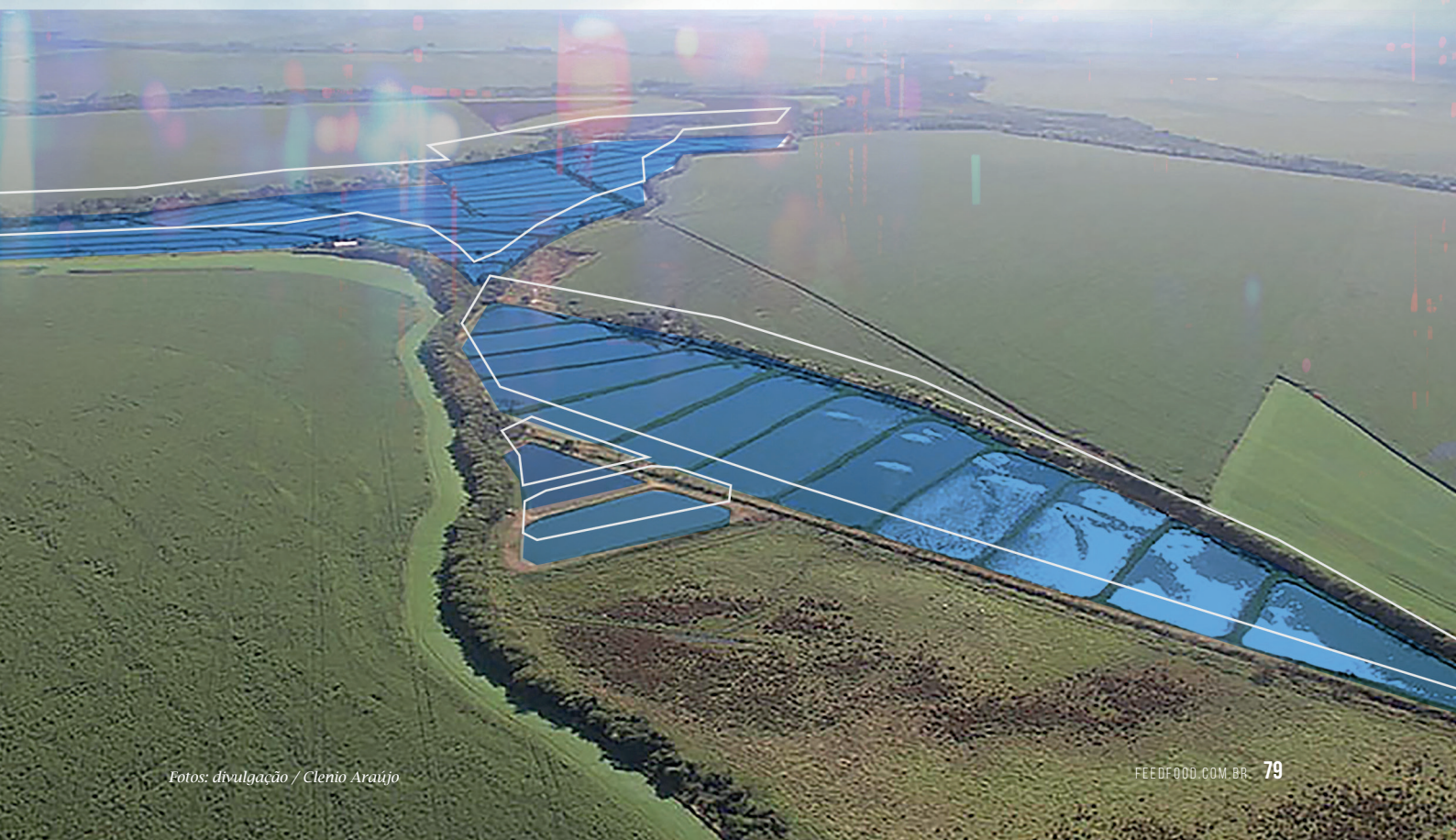
Por outro lado, o futuro é promissor: “Temos trabalhado para incluir o IQAQUA em plataformas digitais e torná-lo parte dos sistemas de rastreabilidade. Nossa meta é que o consumidor, ao escanear um QR Code na embalagem de peixe, saiba que aquele produto tem um índice ambiental validado por dados e ciência brasileira”, explica.

Assim, o avanço de ferramentas como o IQAQUA e programas como o PEGAA mostram que a aquicultura brasileira caminha para consolidar a sustentabilidade como diferencial competitivo — não apenas uma exigência legal. E, nesse cenário, a produção de dados confiáveis, auditáveis e comunicáveis será um dos pilares que definirão quem permanecerá no mercado e quem será preterido por práticas mais modernas, seguras e ambientalmente responsáveis. ■

# TECNOLOGIA TRANSFORMA MAPEAMENTO DE VIVEIROS ESCAVADOS

PARCERIA ENTRE EMBRAPA E INSTITUIÇÕES LOCAIS TRAZ AVANÇOS NO USO DE **SATÉLITES E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** PARA OTIMIZAR O MONITORAMENTO DA AQUICULTURA NO PARANÁ

**GLAUCIA BEZERRA, ESPECIAL PARA FEEDFOOD**  
gluciapbezerrasantos@gmail.com



No coração do Paraná, estado que lidera a produção e exportação de peixes no Brasil, um novo capítulo da aquicultura está sendo escrito. Uma parceria entre a Embrapa e instituições locais deu origem a uma metodologia inovadora que utiliza imagens de satélite, inteligência artificial e filtros geométricos para transformar a forma como os viveiros escavados são mapeados. Pela primeira vez, foi possível gerar dados automáticos e em larga escala sobre essa importante atividade produtiva.

Aplicada inicialmente no Paraná — referência nacional em piscicultura —, a técnica combina imagens de alta resolução, índices espectrais e a classificação orientada a pixels com o algoritmo Random Forest, alcançando um índice de 90% de acerto. O avanço reduz drasticamente o tempo e o esforço necessários para o levantamento de informações estratégicas, até então obtidas apenas de maneira visual ou semiautomática.

“Ao aplicar essa metodologia, conseguimos automatizar o mapeamento com uma precisão de 90%,” afirma a geógrafa Marta Ummus, da Em-

brapa Pesca e Aquicultura (TO), que fez parte do estudo. “Embora ainda seja necessária validação humana, conseguimos reduzir significativamente o esforço manual, o que representa um grande avanço no processo”. Marta destaca que as metodologias anteriores dependiam de interpretação visual de imagens de satélite ou eram semiautomáticas, o que resultava em grandes volumes de dados que precisavam ser validados por especialistas, tornando o processo mais trabalhoso e demorado.

A pesquisa foi conduzida na plataforma Google Earth Engine (GEE), com uso de imagens de satélite fornecidas pela Iniciativa Internacional da Noruega para o Clima e Florestas (NICFI). Para garantir a acurácia dos resultados, foram utilizadas 1,2 mil amostras de treinamento.

Segundo Bruno Silva, pesquisador do Biopark Educação na Unidade Mista de Pesquisa e Inovação (Umipi) do Oeste do Paranaense, trata-se de uma proposta inédita no Brasil para mapear automaticamente viveiros escavados em áreas continentais interiores. “Enquanto países asiáticos já utilizam técnicas semelhantes, no Bra-

## BASE PARA UM PLANEJAMENTO

**O PESQUISADOR** Bruno Silva destaca o impacto prático dessa tecnologia: “Com essas informações, o produtor consegue se posicionar melhor em relação à dinâmica regional da atividade aquícola, avaliando a concentração e a densidade dos viveiros à sua volta. Já para gestores públicos, os dados servem de base para planejar o uso de recursos hídricos, identificar pressões ambientais e definir, com mais precisão, onde investir em infraestrutura ou capacitação de pessoal”, explica.

O projeto que deu origem a esses avanços é fruto da parceria entre a Embrapa, o Biopark e o Biopark Educação, com apoio da Fundação Araucária e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Com a recente renovação da iniciativa, novas possibilidades de expansão já estão em andamento.



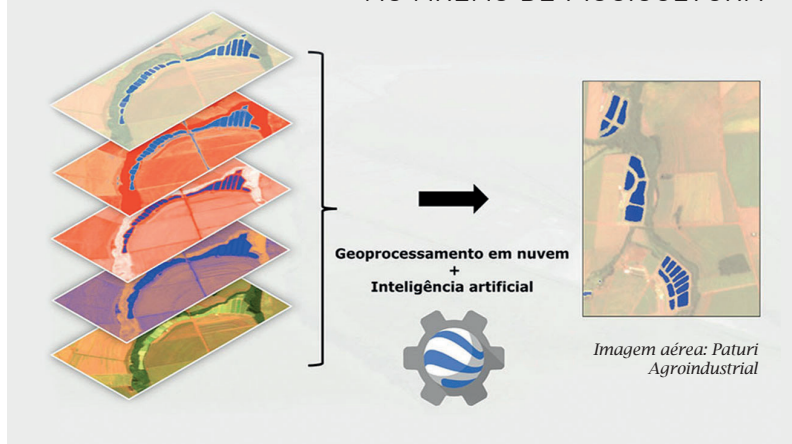
O SISTEMA DE VIVEIROS ESCAVADOS É O PREDOMINANTE NA PRODUÇÃO DE PEIXES NO BRASIL. A IMAGEM MOSTRA UM EXEMPLO DESSE TIPO DE VIVEIRO NO ESTADO DO TOCANTINS

## ESTUDO COMPLETO

A produção e a oferta de dados atualizados para governos, instituições públicas e empresas privadas representam um dos principais ganhos proporcionados pela iniciativa. Para acessar o estudo completo, basta escanear o QR Code abaixo.



## TECNOLOGIA UTILIZA IMAGENS DE SATÉLITE E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA IDENTIFICAR AS ÁREAS DE PISCICULTURA



sil ainda não havia um método automatizado para a extração dessas informações em grande escala”, explica.

O mapeamento realizado pela Embrapa e parceiros identificou 42.369 viveiros escavados destinados à aquicultura no Paraná, distribuídos em 13.514 empreendimentos, ocupando juntos uma área de 11.515 hectares de lâmina d’água. Cerca de 40% dessas estruturas estão localizadas em apenas duas das dez mesorregiões do estado — o Oeste e a Metropolitana de Curitiba —, que também respondem por 40% da superfície utilizada para a produção de peixes.

O Oeste paranaense se destaca como o principal polo produtivo, concentrando 24% dos viveiros identificados. Municípios como Nova Aurora, Palotina, Toledo e Assis Chateaubriand lideram o setor na região, apoiados por uma infraestrutura robusta e pela atuação de cooperativas agroindustriais na cadeia produtiva, fatores que impulsionam o sucesso da atividade.

Na outra extremidade, as mesorregiões Centro-Oriental, Noroeste e Centro-Oeste apresentam participação bem mais modesta, somando juntas cerca de 15% da área e da quantidade de tanques mapeados — proporção inferior aos 16% registrados na Região Metropolitana de Curitiba. Já as regiões Sudeste e Sudoeste res-

pondem juntas por 17% dos viveiros.

Outro dado relevante indica que, dos 5.621 empreendimentos aquícolas analisados, mais da metade (51%) está concentrada no Oeste, com 2.884 iniciativas registradas. A mesorregião Sudoeste também aparece com destaque, reunindo 14% dos empreendimentos. Assim, essas duas regiões juntas concentram quase dois terços da atividade de criação de peixes em viveiros escavados no Paraná, enquanto nas demais áreas a aquicultura ainda está em estágio de desenvolvimento.

**ALÉM DAS DIVISAS ESTADUAIS.** Após os resultados positivos alcançados no Paraná, a intenção é levar a metodologia de mapeamento automático de viveiros escavados para outras regiões do Brasil. Segundo Marta Ummus, esse processo já começou em estados como Rondônia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Tocantins. “Vamos, sim, expandir essa iniciativa. Para isso, firmar parcerias com instituições públicas estaduais é estratégico, pois o conhecimento local é fundamental tanto para o aprimoramento do algoritmo quanto para a disseminação da tecnologia,” afirma.

Marta ressalta que a automação no mapeamento acelera significativamente a geração de informações estratégicas. “A aquicultura é uma



## A FORÇA DO PARANÁ NA AQUICULTURA

**DADOS** da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR) mostram que, em 2023, o Paraná respondeu por cerca de 194,1 mil toneladas de peixes de cultivo, volume que representa aproximadamente 22,5% da produção nacional. Quando se trata da tilápia, principal espécie criada e exportada pelo Brasil, a liderança paranaense é ainda mais expressiva: o estado produziu mais de um terço do total nacional, consolidando-se como o maior produtor do País.

Entre os municípios que impulsionam essa produção, além de Nova Aurora, Palotina, Toledo e Assis Chateaubriand, também merecem destaque Maripá, Terra Roxa, Nova Santa Rosa, Cafelândia, Marechal Cândido Rondon e Tupãssi — todos localizados na mesorregião Oeste. Juntos, esses polos da piscicultura movimentaram quase R\$ 1 bilhão em receita no ano de 2022.

Fonte: Embrapa Pesca e Aquicultura

atividade dinâmica e espacialmente distribuída. Ter dados atualizados e disponíveis em tempo hábil é fundamental para melhorar a assertividade das decisões, seja na esfera pública, seja no setor privado”, reforça. Esses dados não apenas otimizam o processo de tomada de decisão, mas também oferecem uma visão mais detalhada sobre a realidade da aquicultura em diferentes regiões. ■

SEGUNDA EDIÇÃO  
DO EVENTO TEM  
RECORDE DE  
PÚBLICO

# NA CAPITAL DA FLORESTA

IFC AMAZÔNIA SUPERA EXPECTATIVAS E FORTALECE AGENDA  
ESTRATÉGICA PARA A REGIÃO

CAMILA SANTOS, DE BELÉM (PA)  
camila@dc7comunica.com.br



“O grande propósito do IFC Amazônia é contribuir com o desenvolvimento da aquicultura e da pesca como atividade estratégica para gerar trabalho, renda, alimentos e preservar a floresta.” Com essa fala, o presidente do evento, Altemir Gregolin, resumiu o impacto da edição 2025 do International Fish Congress & Fish Expo Amazônia, realizada entre os dias 23 e 25 de abril, em Belém (PA), capital da Amazônia brasileira.

Médico-veterinário, mestre em Desenvolvimento Rural, professor da FGV, consultor e ex-ministro da Pesca, Gregolin afirma que o encontro superou todas as expectativas: “Foram mais de 6.500 participantes inscritos de todos os estados brasileiros e de onze países, 85 expositores e presença de secretarias de Agricultura de quatro estados marcaram a força do setor e a busca por conhecimento técnico”, informa.

O diálogo entre empresas, organizações e instituições financeiras refletiu a maturidade do setor e resultou em avanços importantes para o futuro da atividade na região. “O BNDES saiu daqui com propostas estruturadas para apoiar o desenvolvimento do setor. Essa interlocução direta foi um ganho para todos”, destacou o presidente. A participação ativa dos estados da Amazônia também teve papel essencial, com representantes de secretarias de Agricultura buscando conhecimento técnico e soluções aplicáveis aos seus territórios.

Além dos debates e negociações, a edição foi marcada pela construção da Carta de Belém, documento que propõe a inclusão formal da pesca e da aquicultura como atividades de baixo carbono. A iniciativa mira a COP 30, que ocorrerá em 2025, e busca garantir o acesso ao Fundo Clima com condições diferenciadas de financiamento. A carta representa um avanço político e técnico para colocar a atividade no centro das estratégias sustentáveis para a Amazônia.

Para Eliana Panty, diretora do IFC

Amazônia, a segunda edição do evento reflete a força da aquicultura na região Norte. “Reunimos aqui empresas de todas as regiões do Brasil, com o que há de mais moderno em nutrição e tecnologia. Este ambiente gera negócios e deixa um legado: ampliar a produção e consolidar o Pará como um polo estratégico para o mercado internacional”, destaca.

Com relação a programação técnica, os temas que fizeram parte da agenda reforçaram o caráter estratégico do evento, com painéis voltados às inovações tecnológicas, políticas públicas, crédito de carbono e sustentabilidade na aquicultura e pesca.

**LIDERANÇA VACINAL.** A sanidade na produção de tilápias foi tema central da palestra “Avanços e desafios sanitários na tilapicultura brasileira”, conduzida por Henrique Figueiredo, pro-

fessor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Reconhecido como referência internacional, o Brasil lidera em diversidade de vacinas para tilápias, mas ainda enfrenta lacunas sanitárias importantes, como a ausência de formulações comerciais para patógenos como o *Lactococcus garvieae*. “Produzir sem base sanitária é de alto risco. Precisamos de estratégias mais alinhadas às necessidades dessas novas fronteiras produtivas”, afirma o especialista.

Durante a apresentação, Henrique reforçou que o sucesso da imunização depende de equipes bem preparadas. “Se é para vacinar, tem que ter treinamento. Senão, você compra uma vacina cara e perde a qualidade do produto”, alerta. Ele também destaca o avanço de tecnologias aplicadas ao manejo, como vacinadoras ▶



**ALTEMIR GREGOLIN** É PRESIDENTE DO IFC AMAZÔNIA



**ELIANA PANTY,** DIRETORA DO IFC AMAZÔNIA

pneumáticas com múltiplos cilindros, que tornam os processos mais eficientes quando integrados a boas práticas operacionais. Tais medidas, segundo o pesquisador, reduzem o uso de antimicrobianos e fortalecem a biossegurança no sistema de produção.

O crescimento da tilapicultura em estados do bioma Amazônia, como Amazonas e Tocantins, também foi tema da discussão. “Nessas regiões, o avanço produtivo ocorre mesmo diante de entraves legais e estruturais, o que exige maior suporte da indústria de insumos com vacinas adaptadas às enfermidades locais. Portanto, se faz necessária a ampliação de investimentos em estudos voltados a esses contextos para reforçar o planejamento sanitário desde o início dos empreendimentos”, recomenda.

Ao abordar o cenário internacional, o pesquisador chamou atenção para surtos de doenças emergentes em países concorrentes, como Colômbia e México, afetados pelo *Streptococcus agalactiae* Sorotipo 2021. Para ele, o Brasil tem uma vantagem competitiva importante: a geração contínua de dados sanitários por universidades e laboratórios. “Vacina custa caro, antimicrobiano custa caro, equipe técnica custa caro. Isso tudo precisa entrar na conta desde o início para garantir a viabilidade da produção”, conclui.

**FORMULAÇÃO ADEQUADA.** A nutrição de precisão ganhou destaque na programação técnica do IFC Amazônia 2025 como estratégia central para o avanço da tilapicultura nacional. Giovanni Sampaio Gonçalves, pesquisador do Instituto de Pesca de São Paulo, apresentou dados e reflexões sobre como o uso eficiente de nutrientes pode transformar os sistemas de produção, contribuindo simultaneamente para a sustentabilidade ambiental e o desempenho zootécnico. “Apenas 20% do carbono, 45% do nitrogênio e 60% do fósforo são assimilados pelo peixe. O restante se acumula no fundo do tanque”, explica.

Segundo o pesquisador, a proposta de uma nutrição mais precisa exige a consideração de múltiplos fatores, incluindo o perfil dos ingredientes, o ambiente de cultivo e as demandas sanitárias dos animais. Giovanni ressaltou que, além da formula-



ção adequada, a qualidade da água, a densidade populacional e o estresse ambiental interferem diretamente na eficiência produtiva. “Há 15 anos, a nutrição era voltada ao crescimento. Hoje, precisamos pensar também em sanidade, pois enfrentamos desafios como bacterioses, viroses e resistência a medicamentos”, informa.

Na avaliação do especialista, o cenário atual impõe desafios econômicos relevantes, o que torna inviável a adoção de insumos sem comprovação de eficácia. “Não é possível colocar qualquer produto no sistema de cultivo, pois há uma limitação financeira grande. A nutrição precisa ser

**PROGRAMAÇÃO TÉCNICA CONTA COM PAINÉIS VOLTADOS ÀS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS, POLÍTICAS PÚBLICAS, CRÉDITO DE CARBONO E SUSTENTABILIDADE NA AQUICULTURA E PESCA**

eficaz e acessível”, pontua e defende que o desenvolvimento de soluções nutricionais deve estar atrelado a processos industriais bem definidos, respeitando a viabilidade econômica e os critérios regulatórios vigentes.



Amarrando sua retórica, o especialista reforçou que a tilapicultura brasileira precisa consolidar um modelo de produção que una conhecimento técnico e gestão eficiente. Para ele, a aplicação prática da nutrição de precisão é um dos caminhos mais promissores para alcançar esse equilíbrio. “Não se trata apenas de alimentar melhor, mas de produzir com mais inteligência, reduzindo perdas, aumentando o retorno e preservando o ambiente”, concluiu.

**A CHAVE DA SUSTENTABILIDADE.** A importância da qualidade da água como base para uma produção aquícola efi-

ciente e sustentável foi tema da palestra de Fernando Kubitzka durante. Engenheiro agrônomo e mestre em Nutrição Animal pela Esalq/USP, Fernando destacou a influência de variáveis como temperatura, oxigênio, amônia e gás carbônico sobre a fisiologia dos peixes e os resultados produtivos.

Durante sua apresentação, o especialista explicou que o bom funcionamento das brânquias é crucial, já que esses órgãos realizam funções vitais como a respiração, excreção de amônia e a osmoregulação. “As brânquias são altamente sensíveis. Qualquer agente externo, como bactérias, parasitas ou produ-

tos químicos, pode comprometer sua integridade e afetar funções básicas dos peixes”, alerta e acrescenta “que temperaturas mais baixas comprometem a digestibilidade e o sistema imune, dificultando o crescimento e aumentando o risco de doenças.”

Outro ponto abordado pelo especialista foi o risco do acúmulo de gás carbônico em sistemas intensivos, como os tanques de bioflocos ou viveiros com alta concentração de algas. Segundo ele, mesmo com níveis adequados de oxigênio dissolvido, o excesso de CO<sub>2</sub> — especialmente à noite, com menor fotossíntese — pode levar à asfíxia dos animais. A digestibilidade das rações também foi mencionada como fator que interfere na carga orgânica da água: “Cerca de 20% a 30% da matéria seca ingerida é eliminada, o que influencia na produção de amônia”, explicou.

**SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE AQUICULTURA SE DESTACA PELO CONTEÚDO E ALTA ADESAO DOS PRESENTES**

Ele chama a atenção para o alto custo energético da osmoregulação, que pode consumir até 40% da energia dos peixes. “Ao suplementarmos as dietas com minerais como sódio, potássio e magnésio, conseguimos reduzir esse gasto e melhorar a conversão em ganho de peso”, afirma, destacando ainda a adaptabilidade de espécies amazônicas como o tambaqui a ambientes com pH ácido e CO<sub>2</sub> elevado, típicos da região Norte, mas que apresentam limitações em sistemas com pouca renovação de água e pH mais alto. Para o palestrante, “manter a qualidade da água vai além de uma prática ambiental. É um fator técnico decisivo para a viabilidade econômica da piscicultura”, enfatiza.

**DO NORTE PARA O SUL.** A edição do International Fish Congress & Fish Expo Brasil (IFC Brasil) já está confirmada para os dias 2, 3 e 4 de setembro de 2025, em Foz do Iguaçu (PR). Com formato presencial e digital, o evento contará com mais de 40 conferencistas de 18 países, feira de negócios com mais de 100 estandes e rodada internacional de negócios promovida em parceria com a ApexBrasil. Outras informações podem ser obtidas no site oficial do evento: [ifcbrasil.com.br](http://ifcbrasil.com.br). ■

# INTENSIFICAÇÃO DO CULTIVO DE CAMARÃO: EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS DO SISTEMA INTENSIVO NO BRASIL E NO MUNDO

ANA PAULA G. TEIXEIRA

“A busca mundial por fontes de proteínas sustentáveis destaca a carcinicultura, impulsionada pela transição de métodos tradicionais para sistemas intensivos e de alta tecnologia que equilibram biologia, economia e cuidado ambiental. A indústria do camarão está em um momento transformador, onde ciência, estratégia e adaptabilidade determinarão seu futuro.”<sup>1</sup> A citação da Aquaculture Magazine confirma as previsões e conclusões repetidas ao longo dos últimos anos em diversos relatórios e artigos, desde instituições como a FAO até os mais renomados especialistas em aquicultura.

Embora a produção mundial te-

nha aumentado anualmente, essa tendência enfrenta limitações devido à restrição de áreas para expansão e à pressão por redução de impactos ambientais. Isso exige a adoção de sistemas de produção aprimorados, controlados e intensivos.

Isso leva à suposição de que os cultivos intensivos dominarão a produção futura? A resposta é que talvez não.

Qual é a real participação dos cultivos intensivos na produção mundial? E no Brasil, qual a razão para não observarmos práticas intensivas mais frequentes? O objetivo deste artigo é compilar informações sobre o tema e promover uma reflexão, traçando um paralelo entre essas questões.

QUADRO 1

EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS APLICADAS NA CARCINICULTURA E SEU IMPACTO NAS PRODUTIVIDADES GERAIS

Era	Tecnologias agregadas	Produtividades
Início	<i>P. monodom</i> domesticado	0,25-0,5 ton/há/ciclo 1-2 ciclos/ano
“Globalização”	Introdução do <i>L. vannamei</i> na Asia	0,5-0,75 ton/há/ciclo 1-2 ciclos/ano
Semi-intensivos	+ Ração + trocas de água no viveiro	1,0-2,5 ton/há/ciclo 2-3 ciclos/ano
Intensivos	+ aeração mecanizada	5-20 ton/há/ciclo 2-3 ciclos/ano
Super-intensivos	+ tecnologia bioflocos	>20 ton/ha/ciclo 3 -5 ciclos/ano

**HISTÓRICO E EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA CARCINICULTURA.**

A evolução da carcinicultura ao longo de sua história sempre esteve diretamente relacionada à incorporação de novas tecnologias com o objetivo do aumento da produtividade, tanto em volume/área como número de ciclos/ano (Quadro 1). E o avanço das tecnologias e técnicas refletiu num aumento significativo contínuo da produção mundial de camarão nas últimas décadas, como mostra o Quadro 2.

Contudo, apesar do crescimento contínuo da produção mundial, não foi observado um aumento proporcional das áreas de produção. A produtividade média global (produção / área) avançou de 0,62 ton/ há/ ano em 1989 para 2,5 ton/ há/ ano em 2018, ou seja, um aumento de +298% da produção na mesma área e período.

Pode-se observar, portanto, uma tendência geral de intensificação dos cultivos, porém ela ocorre em maior ou menor grau em diferentes regiões do mundo.

**GEOGRAFIA DA INTENSIFICAÇÃO DO CULTIVO DE CAMARÃO NO MUNDO.**

Em dados apresentados em 2 artigos sobre o uso de terra na carcinicultura, BOYD (2018,2022) estima que as áreas dedicadas ao cultivo intensivo representam cerca de 26,4% da área total global (0,65 milhões de ha em 2,4 milhões de ha disponíveis para a carcinicultura no mundo todo)

Ao analisar a produtividade por países, observa-se que os 10 países com maior rendimento (ton/há/ano) representam 20% da área total e são responsáveis por 44% de toda a produção global, sendo liderados pela China, Malásia e Tailândia, onde rendimentos de 15-25 ton/há/ano são comuns. No entanto, grande parte da produção ainda ocorre em sistemas extensivos e semi-intensivos em países em desenvolvimento, como o Equador, onde são relatadas produtividades médias de 1-5 ton/há/ano.

**INTENSIFICAÇÃO NO BRASIL.** Segundo dados da Secretaria de Política Agrícola, sob a perspectiva da produção agropecuária como um todo no Brasil, a melhora na produtividade é responsável por 80% do crescimento da atividade.

O aumento da produtividade é uma realidade em todos os setores da agropecuária, mas a carcinicultura apresenta números de destaque, com um aumento de 132% na produtividade média nos últimos anos, saindo de 2,2 ton/há/ano em 2017 para 5,1 ton/há/ano em 2023 (Fonte: ABCC)

Neste mesmo período houve um aumento de 40% na área de produção, equivalente a 12.000ha, dos quais grande parte está em regiões de água doce/salobra, com perfil de produtor em viveiros pequenos e densidades mais altas, elevando as estatísticas de produtividade.

Contudo ainda não vemos no Bra-

QUADRO 2

MÉDIA DA PRODUÇÃO ANUAL GLOBAL DE CAMARÃO POR DÉCADAS

Média /década	Produção mundial
1980	70.000 ton
1990	700.000 ton
2000	1.000.000 ton
2010	3.600.000 ton
2020	5.300.000 ton

sil uma expansão dos cultivos intensivos de maior tecnificação, situação essa que se repete em outros países, especialmente aqueles que já têm predominantemente sua produção calcada em sistemas semi-intensivos e extensivos. Por quê?

**DESAFIOS QUE FREIAM A INTENSIFICAÇÃO.**

Resultados de uma pesquisa com as partes interessadas do setor da Global Seafood Alliance mostram que as principais razões para o movimento em direção à intensificação são: doenças, acesso a reprodutores livres de doenças, qualidade do estoque de pós-larvas, custos de produção, barreiras comerciais e preços de mercado.

E, de forma paradoxal, a maior parte desta mesma lista é também o maior freio no avanço da intensificação da produção de camarão. Os fatores a seguir são sentidos na pele de quem trabalha nos cultivos intensivos no Brasil, mas corroboram também com uma realidade internacional, a exemplo do artigo de Villarreal (2022): “Super-intensive shrimp culture: Analysis and future challenges”

**1. DOENÇAS**

As doenças causaram um declínio na produção de camarão entre 2009 e 2014, resultando na perda de cerca de 1 milhão de toneladas, principalmente na Ásia e na América Latina. Vírus como o da síndrome da mancha branca impactaram a in- ►

dústria com perdas econômicas significativas, levando os produtores a buscarem sistemas intensivos para maior controle e biossegurança a fim de mitigar esses riscos. No entanto, quando os métodos de biossegurança e controle falham em reduzir os efeitos das doenças, as perdas nos sistemas intensivos são ainda maiores.

Asche et al. (2021) modelaram o impacto da doença no camarão, concluindo que "a presença da doença aumenta significativamente o preço do ponto de equilíbrio e, portanto, aumenta a probabilidade de perder dinheiro, bem como aumenta o risco".

## 2. GENÉTICA

Os programas de melhoramento genético têm se concentrado cada vez mais na seleção para a sobrevivência, em vez do crescimento. A seleção é realizada por várias metodologias, desde programas de seleção genética robusta até a multiplicação simples de indivíduos sobreviventes. Nos sistemas de maior exigência, como os intensivos, o desafio é alcançar altas taxas de sobrevivência, mantendo níveis aceitáveis de crescimento, conversão alimentar, resiliência fisiológica e fecundidade.

## 3. RAÇÃO

A ração compõe entre 40% e 65% dos custos de produção de camarão, mas ainda não se sabe se as rações disponíveis são adequadas para os cultivos intensivos. Villareal afirma que é necessário entender as necessidades nutricionais, uso de proteínas e aminoácidos, impacto de fontes alternativas de proteínas e lipídios, além da interação com micróbios e microalgas em sistemas como os bioflocos. Sem uma ração específica, o cultivo intensivo enfrenta incompatibilidades entre oferta nutricional e demanda fisiológica, resultando em perdas como menor resistência a patógenos e problemas com mudas.

## 4. TECNOLOGIAS DE INOVAÇÃO

Em países que adotam os cultivos intensivos como principal forma de cultivo do camarão as tecnologias com ferramentas como IA e IoT para monitoramento e automação; sensores acústicos e sônicos para controles e manejos; sistemas de registro e aná-



lise de dados; integração de tecnologias estão prontamente disponíveis e acessíveis no mercado. Estas ferramentas permitem o controle tão preciso quanto os sistemas intensivos demandam, fazendo este modelo de produção mais seguro e logo, viável. Contudo, no Brasil e outros países, especialmente na América Latina, o que vemos é que as "novas" tecnologias estão em fase de teste, desenvolvimento ou mesmo em escalas de valor que inviabilizam a expansão do uso em escala comercial. Logo, quem adota sistemas mais agressivos zootecnicamente precisa arcar com estes custos de desenvolvimento ou com o risco de controles e manejos menos precisos do que deveriam.

## 5. CUSTO E MERCADO

A aquicultura semi-intensiva tem lucratividade de área unitária muito maior do que outros tipos de agrogêncio, mas envolve maior risco financeiro. Somado a isso, há pouco incentivo para os usuários atuais de tecnologias semi-intensivas se intensificarem ainda mais, já que seu modelo de negócios é atualmente economicamente bem-sucedido e a maioria das tecnologias superintensivas não demonstrou viabilidade econômica. Já que combinam altos gastos de investimento inicial e os altos custos de produção, que são incompatíveis com preços atuais do mercado.

**CONCLUSÃO.** Em resumo, a intensificação da carcinicultura representa um caminho promissor para aumentar a produtividade e reduzir o impacto ambiental da atividade. No entanto, os obstáculos técnicos, econômicos e sanitários ainda são significativos, especialmente em países como o Brasil. O futuro desse modelo depende da superação desses entraves por meio de inovação tecnológica acessível, políticas de incentivo e capacitação técnica. Dessa forma, os sistemas intensivos poderão evoluir para verdadeiros sistemas de alta eficiência, contribuindo para uma aquicultura resiliente, sustentável e economicamente viável. ■

### Referências

- Aquaculture Magazine, Vol 51, N2, Abril-Maio 2025.  
 ASCHE, Frank et al. (2021). The economics of shrimp disease. *Journal of invertebrate pathology*, v. 186, p. 107397.  
 Boyd, C. E., Davis, R. P., & McNevin, A. A. (2022). Perspectives on the mangrove conundrum, land use, and benefits of yield intensification in farmed shrimp production: A review. *Journal of the World Aquaculture Society*, 53(1), 8–46.  
 Boyd, C. E., & McNevin, A. A. (2018). Land use in shrimp aquaculture. *World Aquaculture*, 49(1), 28–34.  
 Nikolik, G. (2022). Global shrimp aquaculture production survey and forecast. Presented by the global seafood Alliance and Rabobank. RaboResearch Food & Agribusiness Villarreal, H. and Juarez, L. (2022). Super-intensive shrimp culture: Analysis and future challenges. *J World Aquac Soc*, 53: 928-932.

**Ana Paula G. Teixeira,**  
 Zootecnista, formada pela UNESP.  
 Sócia-diretora da SynbiAqua  
 Cultivos Aquáticos Ltda.  
 anapaulagteixeira@synbiaqua.com.br






# 20 ANOS DE FEED&FOOD. INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO.

**Revista, Portal de notícias e Newsletter diária:  
toda cadeia de proteína animal em uma única plataforma**



CADASTRE-SE  
E RECEBA NOSSA  
NEWSLETTER

[feedfood.com.br](http://feedfood.com.br)

   /revistafeedfood

 /feedfood

 XCLUSIVE  
FEED & F **20** anos



## FEIRAS DO PRIMEIRO QUADRIMESTRE REVELAM EXPECTATIVAS POSITIVAS

Com Agrishow em Ribeirão Preto fechamos o primeiro quadrimestre do ano com as principais feiras e exposições do país.

Expodireto Cotrijal no Sul; Show Rural Coopavel no Paraná; Technoshow em Rio Verde, Comigo, Goiás; Expozebu em Uberaba; e Agrishow em Ribeirão Preto, São Paulo.

O estado de humor das produtoras e produtores é positivo, com exceção do Rio Grande do Sul com a devida compreensão após quatro anos de frustrações. Os gaúchos precisam e merecem suporte para a passagem deste ciclo tão difícil.

Vimos na Expozebu aspectos extraordinários da pecuária brasileira com a presença de Ângela Peres, diretora da Caravana Agro Exportador do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) ao lado de adidos agrícolas brasileiros com a perspectiva da venda de genética zebuína tropicalizada aqui no Brasil para o exterior.

Ao lado do presidente da ABCZ Gabriel Garcia Cid e da vice-presidente Ana Claudia Mendes assistimos no Museu do Zebu uma história espetacular de pioneiros e heróis que trouxeram o zebu para o Brasil e aqui investiram em melhoramento genético transformando toda a pecuária do país.

Na Expozebu também assistimos a presença da tecnologia, da inovação, das companhias de nutrição, genética, suplementação, veterinária, enfim todo composto científico e tecnológico que antecede a atividade.

A proteína animal tende a ter positivo crescimento neste ano, inclusive aproveitando as guerras tarifárias dos Estados Unidos, o nosso maior concorrente. Mas com toda certeza está na gestão preciosa, de precisão, o maior ativo da segurança das produtoras e produtores, pois os custos estão elevados na agri-

cultura com os fertilizantes subindo de 20% a 25% os preços e com os juros financeiros.

As perspectivas para os preços dos grãos seguem numa faixa intermediária sem sinalizações de queda, e também sem indicações de saltos para cima. Porém as incertezas com as escaramuças da guerra comercial além das guerras como Rússia e Ucrânia deixam o setor de commodities em uma incógnita. Por isso a administração é a palavra sagrada para este ciclo. Apesar de como vimos e ouvimos nesta Expozebu um ciclo positivo para a pecuária bovina tem início.

Para as empresas de tecnologia que vendem para as produtoras e produtores, competência de marketing e vendas é essencial, pois a competitividade entre as marcas é crescente e as inovações surgem de todos os players.

Marketing e vendas no agro exigem determinação, consciência da missão de promover a melhoria evolução dos clientes e geração de confiança. “Se negociarmos honestamente com as pessoas elas jamais nos abandonarão”, frase eterna de Antonio Secundino de São José, fundador da Agrocereceres.

E para celebrar também a frase acima destacamos que a Agrocereceres completa neste ano 80 anos de história com significativas e marcantes ações de marketing que contribuíram significativamente para a mudança do Brasil, um deles o termo agronegócio tradução de agribusiness da Universidade de Harvard que teve na pessoa de Ney Bittencourt de Araújo (diretor superintendente à época), nos anos 80 e parte dos anos 90, o seu criador, gerando inclusive o nascimento da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG).

Expectativa positiva, porém de olho na gestão. ■



### José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocereceres e da Jacto S/A.

# 2025

CELEBRAMOS 30 ANOS NO BRASIL!



[cobbgenetics.com](http://cobbgenetics.com)

**20**  
**24** | Construção do novo laboratório de controle de qualidade da Cobb Brasil, em Guapiçu – SP;

**20**  
**23** | Início da construção do Incubatório de avós (ICP) - Prata-MG;

**20**  
**22** | Expansão da granja de avós (Granja 04) – Campina Verde-MG e bisavós (Granja 05) – Itapagipe-MG;

**20**  
**16** | Cobb-Vantress Brasil torna-se a primeira companhia avícola com modelo de compartimentação do mundo com aprovação da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Cobb-Vantress Internacional completa seu primeiro centenário;

**20**  
**18** | Expansão da granja de avós (Granja 02) – Palestina-SP;

**20**  
**17** | Cobb compra a parte da Granja Alvorada e passa a ser dona exclusiva da granja de avós (Granja 06) em Água Clara-MS;

**20**  
**13** | Início das operações da Granja de avós (Granja 04) em Campina Verde-MG;

**20**  
**10** | Início dos investimentos da Cobb-Vantress Brasil nas comunidades locais, com especial foco na melhoria da qualidade de vida de idosos e crianças;

**20**  
**09** | Cobb compra a empresa Hybro com unidade em Itapagipe-MG;

**20**  
**08** | Ampliação do escritório administrativo em Guapiçu-SP; Construção do primeiro Laboratório Cobb-Guapiçu-SP;

**20**  
**05** | Tem início a parceria entre Granja Alvorada e Cobb. Com isso, a Cobb passa a ter mais uma granja de avós (Granja 06). Construção do segundo Incubatório de avós, em Água Clara (MS).

**20**  
**04** | Início das atividades do novo escritório em São José do Rio Preto-SP;

**20**  
**02** | Instalação do Incubatório de bisavós (ICB) – Palestina-SP;

**20**  
**01** | Construção da primeira granja de bisavós (Granja 03) em Paulo de Faria-SP;

**19**  
**98** | Inaugurada a segunda granja (Granja 02) no país, iniciando a conquista do mercado sul-americano;

**19**  
**97** | Firmada a parceria com a empresa Agrogen, que passou a ser multiplicador Cobb na região Sul do país;

**19**  
**95** | Cobb Chegou ao Brasil formando uma *joint venture* com duas outras empresas, Frango Sertanejo e a Globoaves; dois anos depois comprou a participação dos parceiros;

# Genesys<sup>®</sup>

## GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEE O  
QR CODE  
PARA ACESSAR O  
FOLHETO DIGITAL  
COMPLETO



male	♂	Female	♀
✓			✗

FLOCK ACCURACY: 97%

**PRECISÃO** desde o princípio é nossa prioridade,  
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM